



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE  
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**

**LUCIULA ROMANA DA SILVA FERREIRA**

**VISÕES DE ARTE E MODA FEMININA NA AMAZÔNIA:  
A COLEÇÃO DO MUSEU DICA FRAZÃO**

**SANTARÉM-PA  
2023**

**LUCIULA ROMANA DA SILVA FERREIRA**

**VISÕES DE ARTE E MODA FEMININA NA AMAZÔNIA:**

**A COLEÇÃO DO MUSEU DICA FRAZÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Sociedade, da Universidade Federal do Oeste do Pará como requisito para obtenção do título de Mestra em Ciências da Sociedade.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Gonçalves de Carvalho

**SANTARÉM-PA  
2023**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA**

---

F383v Ferreira, Luciula Romana da Silva  
Visões de arte e moda feminina na Amazônia: a coleção do Museu Dica Frazão./  
Luciula Romana da Silva Ferreira. -Santarém, 2023.  
160 p. : il.  
Inclui bibliografias.

Orientadora: Luciana Gonçalves de Carvalho.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da  
Sociedade, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Sociedade.

1. Moda. 2. Arte. 3. Coleção. 4. Museu Dica Frazão. 5. Indumentária. I. Carvalho,  
Luciana Gonçalves de, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 746.9209811

## ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ao vigésimo sétimo dia do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e três, às 10h00 min, por meio de plataforma virtual Google Meet, instalou-se a banca examinadora de defesa de dissertação do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Sociedade. A banca examinadora foi composta pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lilian Rebellato, UFOPA, examinadora interna, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Russi, UFF/UNIRIO, examinadora externa a instituição e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Gonçalves de Carvalho, UFOPA, orientadora. Deu-se início a abertura dos trabalhos, por parte da Orientadora, que, após apresentar os membros da banca examinadora e esclarecer a tramitação da defesa, passou de imediato ao mestrando para que iniciasse a apresentação da dissertação, intitulada “Visões de Arte e Moda na Amazônia: A Coleção do Museu Dica Frazão”, marcando um tempo de 30 minutos para a apresentação. Concluída a exposição, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Gonçalves de Carvalho, presidente, passou a palavra aos examinadores, para arguirem o candidato. Após as considerações sobre o trabalho em julgamento, foi aprovada a candidata, Luciula Romana da Silva Ferreira, conforme as normas vigentes na Universidade Federal do Oeste do Pará. A versão final da dissertação deverá ser concluída no prazo de trinta dias, contendo as modificações sugeridas pela banca examinadora e constante na folha de correção anexa, sob pena de o candidato não obter o título se não cumprir as exigências acima. Para efeito legal segue a presente ata assinada pelo professor orientador pelos professores avaliadores e pelo mestrando.

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Gonçalves de Carvalho  
Orientador – Presidente - PPGCS/UFOPA



Documento assinado digitalmente

LUCIANA GONCALVES DE CARVALHO  
Data: 27/12/2023 15:33:28-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Russi  
Examinadora Externa – UFF/UNIRIO



Documento assinado digitalmente

ADRIANA RUSSI TAVARES DE MELLO  
Data: 27/12/2023 21:57:27-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lilian Rebellato



Documento assinado digitalmente

LILIAN REBELLATO  
Data: 27/12/2023 18:05:41-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinadora Interna – PPGCS/UFOPA

Luciula Romana da Silva Ferreira – Mestranda



Documento assinado digitalmente

LUCIULA ROMANA DA SILVA FERREIRA  
Data: 27/12/2023 15:26:10-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Por estarmos sempre unidos no amor familiar, que coopera para o bem comum e se alegra na alegria do outro, dedico este trabalho aos meus queridos Jean, Isabelle, Beatriz e Sofia.

## AGRADECIMENTO

A realização de um sonho de uma pessoa é, na verdade, a junção dos esforços de uma coletividade ao redor dela, muitas vezes, invisível aos olhos, mas extremamente significativa para a construção de um percurso. Os desafios impostos cotidianamente são muitos, mas tenho aprendido que o calor da amizade nos dá ânimo e esperança de que chegaremos ao nosso destino. Muitos mergulharam comigo nesse desafio e jamais poderei compensar tamanho amor e carinho recebidos. A todos e todas que direta e indiretamente fizeram parte da minha formação, das minhas dúvidas, dos meus achados, meu muito obrigada. Agradeço à minha mãe, Lúcia, por me guiar nos primeiros passos de incentivo aos estudos e porque ela sempre está torcendo por mim onde quer que eu queira ir. Minha gratidão aos meus amores, que durante muitos meses conviveram comigo e o Mestrado, Jean, Isa, Bia e Sofia, meu companheiro-amigo e nossas filhas, sem vocês eu não teria tido almoços e lanches, escutas atentas, companhia nas horas solitárias de estudo e todo amor que uma pessoa precisa para se sentir viva e motivada. Pela presença e amizade incondicional, obrigada Luena, por ser a minha pessoa sempre. As minhas amigas e amigos de turma, que compartilharam comigo a vida acadêmica, foi muito bom ter a companhia virtual e presencial de todos vocês, Gabi, Dani, Thayse, Gabriel, Igor, Elvis, Ivan, Thiago, Ingrid, Isabel, Luiz e Anderson, pelas trocas acadêmicas, sugestões para o projeto e das besteiras que animavam a turma, estarão comigo sempre. Não poderia deixar de agradecer a equipe Procce, da Ufopa, que além de me acolher quando cheguei em Santarém, acreditou e me incentivou a levar em frente esse projeto. À dona Maria Helena pelo convívio, histórias e convite para almoçar na casa-museu para que, assim, pudesse me contar mais sobre sua mãe, gratidão. Por todo incentivo, pelas trocas, pelos ensinamentos, por ser uma educadora no sentido freiriano de ser, meu obrigada a professora e doutora Luciana Gonçalves de Carvalho, que é para mim, uma inspiração, especialmente, pelo respeito e ética em tudo o que faz. Suas aulas vão além da indicação de livros e textos, são para a vida. Não posso deixar de mencionar meu agradecimento especial a todas e todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Sociedade que viabilizaram a construção dessa pesquisa e, por conseguinte, o alcance de um sonho.

“O desejo de perpetuar-se, mas, mais que isso, o de constituir a própria identidade pelos tempos adiante, responde ao anseio de forjar uma glória”. (Renato Janine Ribeiro)

## RESUMO

Este trabalho aborda o estudo da Coleção do Museu de Arte Dica Frazão que, há duas décadas, exhibe uma exposição de longa duração, constituída por peças têxteis confeccionadas com fibras de origem vegetal. As indumentárias, artefatos majoritários neste acervo museológico, estão no centro da pesquisa, pois, por intermédio delas e do conhecimento sobre a moda, é possível apreender como esses objetos contribuem para a memória individual e social em Santarém, além de trazer à tona visões sobre arte e moda feminina em meados da década de 1950 a 1998. Serão trabalhadas as categorias Museu, Coleção e Moda, a fim de compreender a valoração simbólica desses objetos em íntima relação com a trajetória da própria artesã. Estabelecemos diálogos teóricos com estudos de referência na área e pesquisa em um corpo documental encontrado no Museu, nas fotografias, nas notícias publicadas entre os anos 1970 e 1980, e nas entrevistas concedidas pela própria Dica Frazão. A pesquisa leva em conta as possíveis estratégias de valorização simbólica da artista-artesã que evoca repertórios como pioneirismo, autenticidade e identidade com a biodiversidade amazônica.

**PALAVRAS-CHAVE:** COLEÇÃO, ARTE, MODA, MUSEU, DICA FRAZÃO, INDUMENTÁRIA

## **ABSTRACT**

This paper studies the collection of the Dica Frazão Art Museum, which for two decades has had a long-term exhibition of textiles made from plant fibers. The garments, which are the main artifacts in this museum collection, are at the center of the research because, through them and knowledge of fashion, it is possible to understand how these objects contribute to individual and social memory in Santarém, as well as bringing to light visions of women's art and fashion in the mid-1950s to 1998. The categories Museum, Collection and Fashion will be worked on in order to understand the symbolic value of these objects in close relation to the trajectory of the craftswoman herself. We established theoretical dialogues with reference studies in the field and research into a body of documentation found in the Museum, in photographs, in news published between the 1970s and 1980s, and in interviews granted by Dica Frazão herself. The research takes into account the possible strategies of symbolic valorization of the artist, who evokes repertoires such as pioneering spirit, authenticity and identity with Amazonian biodiversity.

**KEYWORDS:** COLLECTION, ART, FASHION, MUSEUM, DICA FRAZÃO, CLOTHING

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Monumento alusivo ao Pe. João Felipe Bettendo, na Praça Rodrigues dos Santos, no Bairro Centro, em Santarém, Pará.....	29
Figura 2 - Registro fotográfico do Monumento São Pedro Pescador construído na década de 1970 na Praça do Pescador, em Santarém, Pará.....	33
Figura 3-Intervenção arte muralista realizada em rua pública no bairro Liberdade, em Santarém, Pará, e alusiva ao cotidiano amazônico. ....	35
Figura 4-Fotografia da Ordenação Episcopal de Dom Lino, óculos e mitra da ordenação, do acervo do Museu de História e Arte Sacra de Santarém, Pará.....	37
Figura 5-Fragmentos de cerâmica do CCJF.....	37
Figura 6-Fachada do Centro Cultural João Fona. ....	38
Figura 7- Sala principal do Museu de Arte Dica Frazão.....	39
Figura 8- Arte muralista de Diego Godinho e Agata Kumaruara em rua pública em Santarém, Pará. ....	41
Figura 9- Item nº53 da coleção, cesta de palha de junco, rosas em palha de milho, flores em caule da palha do açaí e outros.....	45
Figura 10-Fotografias de Dica Frazão, na juventude, penduradas na parede da casa-museu. ....	54
Figura 11-Leque de penas na vitrine do Museu de Arte Dica Frazão, em Santarém, Pará. ....	55
Figura 12- Chapéu confeccionado da entrecasca da madeira. Está no Museu de Arte Dica Frazão, em Santarém, Pará. ....	56
Figura 13- Conjunto de bolsa e chapéu em fibra vegetal. Museu de Arte Dica Frazã, em Santarém, Pará.....	57
Figura 14- Fachada do Museu de Arte Dica Frazão, em Santarém, Pará. ....	61
Figura 15-Registro do quintal do Museu de Arte Dica Frazão, em Santarém, Pará. ...	63
Figura 16- Registro da rua onde está localizado o Museu de Arte Dica Frazão. A casa-museu compete com o centro comercial de Santarém, Pará. ....	64
Figura 17- Registro da sala de estar que fica na entrada do Museu de Arte Dica Frazão, em Santarém,Pará.....	65
Figura 18- Catálogo do Museu de Arte Dica Frazão. Santarém, Pará. ....	66
Figura 19- Leque painel de parede do Museu Dica Frazão, em Santarém, Pará. ....	67

Figura 20- Sobrinha de Dica Frazão posa com vestido em fibra natural. Santarém, Pará. .....	68
Figura 21- Foto detalhe do vestido. Museu de Arte Dica Frazão, Santarém, Pará. ....	69
Figura 22- Réplicas de boneca de cheiro confeccionadas para exposição no Teatro da Paz, em Belém, Pará. ....	70
Figura 23-Arranjo com flores de madeira. Santarém, Pará. ....	70
Figura 24 -Bolsa feita da entrecasca da madeira. Santarém, Pará. ....	71
Figura 25- Fotografia da sala de jantar que contém itens do Museu de Arte Dica Frazão, Santarém, Pará. ....	72
Figura 26 - Cartaz original de lançamento do filme Tempos Modernos em 1936. ....	76
Figura 27- Trabalhadores de uma fábrica de calçados posando perto de fileiras de sapatos, Boston, Massachusetts, 1903. ....	77
Figura 28- Brigitte Bardot ícone da moda nos anos 1960 e referência no estilo jovem. .....	79
Figura 29- Jorge Ben Jor, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Mutantes e Gal Costa em 1968. .....	80
Figura 30- Vestido protesto político manga curta, 1971, Rio de Janeiro. ....	83
Figura 31- Vitrine do Museu Dica Frazão, da esq. para dir. Trajes nº 33, nº37 e nº22. ....	88
Figura 32 - Traje Índia Tapajoara, nº55. Santarém, Pará. ....	89
Figura 33- Exposição do traje nº38 e toalhas de mesa feitas de fibras naturais. Santarém, Pará. ....	89
Figura 34 - Grupo de estudantes visita o Museu de Arte Dica Frazão. Santarém, Pará. .....	90
Figura 35 - Traje nº 22 manto de viagem. Santarém, Pará. ....	92
Figura 36 - Traje nº 30, saída de praia. Santarém, Pará. ....	93
Figura 37 - Traje nº33 vestido noiva moderna. Santarém, Pará. ....	95
Figura 38- Detalhes dos bordados e busto do vestido de noiva moderna. Santarém, Pará. .....	96
Figura 39- Detalhe da manga e do buquê do vestido de noiva moderna. Santarém, Pará. .....	96
Figura 40 - Traje nº 38, Deusa do Encontro das Águas. Santarém, Pará. ....	98
Figura 41 - Detalhe da manga do Traje nº38 Encontro das Águas. Santarém, Pará. ...	99

Figura 42- Detalhe da saia e parte da bateia do Traje nº 38, Encontro das Águas. Santarém, Pará. ....	99
Figura 43- Traje nº 37, Cheiro do Pará. ....	100
Figura 44 - Detalhe da blusa do Traje nº 37, Cheiro do Pará.....	101
Figura 45 - Detalhe da tiara do Traje nº 37, Cheiro do Pará. ....	101
Figura 46 - Traje nº 35, Sinhazinha da Fazenda.....	104
Figura 47 - Detalhe do chapéu do Traje nº 35, Sinhazinha da Fazenda.....	105
Figura 48 - Detalhe da flor vermelha do Traje nº 35.....	105
Figura 49 - Leque que compõe o Traje nº 35. ....	105
Figura 50 - Traje nº 34, Rainha do Folclore do Amazonas. ....	106
Figura 51- Detalhe da coroa do traje nº 34, Rainha do Folclore do Amazonas. ....	107
Figura 52- Detalhe do busto, trevo de 4 folhas e rosas de crochê, do Traje nº 34, Rainha do Folclore do Amazonas. ....	107
Figura 53- Detalhe da manga três quartos do Traje nº 34, Rainha do Folclore do Amazonas.....	107
Figura 54- Pássaros da primeira saia do Traje nº 34, Rainha do Folclore do Amazonas. ....	108
Figura 55- Traje nº 36, Originalidade Porta Estandarte. ....	109
Figura 56- Arranjo de flores artesanais confeccionadas com escamas de peixe da região. Santarém, Pará. ....	111
Figura 57- Sobrina de Dica Frazão veste túnica de algodão panamá, tom bege, detalhes bordados estilo indígena, combinado com conjunto bolsa e chapéu. ....	112
Figura 58- Detalhe da túnica em tom bege com detalhes indígenas nas cores vermelho e preto.....	112
Figura 59- Exemplar de uma ventarola que está na coleção do Museu de Arte Dica Frazão. Santarém, Pará.....	115
Figura 60 - Quadro feito por Dica Frazão utilizando moedas antigas, madeira, tecidos e penas de aves, recriando cena do cotidiano da Amazônia. ....	115
Figura 61- Notícia publicada no Jornal de Santarém, em 28 de outubro de 1972, edição, nº 1.570. ....	118
Figura 62 - Jornal O Liberal, edição 22.232. Sexta-feira, 03 de março de 1989. Caderno Turismo. ....	119
Figura 63- Jornal Diário do Pará. Edição 1288, Caderno D. 16 de janeiro de 1987..	119

Figura 64- Jornal Diário do Pará. Edição 1288. Caderno Esportes. 16 de janeiro de 1987.

..... 119

Figura 65 - Sala de jantar do Museu de Arte Dica Frazão, as paredes têm várias homenagens e armários têm outras peças. .... 122

## **LISTAS DE SIGLAS**

<b>CCJF</b>	Centro Cultural João Fona
<b>Centur</b>	Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves
<b>FCPTN</b>	Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves
<b>FCP</b>	Fundação Cultural do Estado do Pará
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>ICOM</b>	Conselho Internacional de Museus
<b>MC/FNC-PMS/CMC</b>	Ministério da Cultura e Prefeitura Municipal de Santarém
<b>PNM</b>	Política Nacional de Museus
<b>SECDECT</b>	Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo



## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	SANTARÉM E SEUS MUSEUS	27
2.1.	Patrimônio, Museus e Memórias	28
2.2.	Semióforos, Coleções e Significados	42
3	O MUSEU DE ARTE DICA FRAZÃO	51
3.1.	O percurso de Dica Frazão	52
3.2.	O Museu: Entre plumas, palhas e fibras	61
4	VISÕES DE ARTE E MODA NO MUSEU	73
4.1.	Moda, cultura e maneiras de vestir	74
4.2.	A representação da mulher na coleção do Museu	86
4.3.	A marca Dica Frazão: Pioneirismo, autenticidade e identidade	110
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
	REFERÊNCIAS	125
	APÊNDICE	136
	ANEXOS	146

## 1 INTRODUÇÃO

Minha entrada no mundo dos museus se deu pela porta da universidade, em Santarém, no oeste do Pará, onde me tornei produtora cultural, como servidora pública, local onde fui designada para atuar na Pró-Reitoria de Cultura, Comunidade e Extensão (Procce), da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), o ano era 2018. Antes, residia em Belém, capital do estado, e havia atuado cerca de uma década assessorando empresas e projetos nas áreas de marketing e imprensa. Adentrei no tema dos museus para apoiar ações culturais realizadas pela Diretoria de Cultura e Comunidade (DCC), braço cultural da Procce, participando da atividade intitulada “Semana dos Museus em Santarém”, coordenado pela professora Estefany Couto, e que, entre outros objetivos, buscava levar estudantes e qualquer pessoa interessada para uma visita guiada pelos três museus do município de Santarém, os quais descrevo na ordem de visita: Museu de Arte Sacra de Santarém; Museu de Arte Dica Frazão e Centro Cultural João Fona.

Na época, tinha pouca intimidade com o tema “museu”, mas o jornalismo, profissão na qual me formei veio à tona e, em uma breve pesquisa para reunir dados sobre os espaços que visitaríamos, notei que as informações sobre cada um dos museus eram escassas, no sentido que os discursos eram apenas reproduzidos de um site para outro, sem contar a ausência de fotografias ou informações básicas sobre horário de funcionamento ou o tipo de acervo que cada museu abrangia. Concluída a atividade de visita aos museus, ficou a vontade de algo mais.

Sem formação em museologia, meu ponto de vista em relação ao Museu de Arte Dica Frazão era praticamente de “turista” ou “estrangeira” na nova cidade. Mas esse olhar foi essencial para que eu voltasse outras vezes para conhecer o acervo e buscar entender mais sobre como aquele lugar, com peças tão inusitadas, das quais nunca tinha sequer ouvido falar, estavam sob o cuidado exclusivo e solitário de uma senhora idosa, Maria Helena, uma das filhas da artesã que produziu os artefatos, e se mantinha sem apoio externo.

Olhando “de fora” o espaço, me incomodou o fato que não existiam pesquisas em andamento sobre o Museu de Arte Dica Frazão, apenas ações pontuais. Quando conversava com as pessoas, em Santarém, sobre aquele espaço, o nome Dica Frazão despertava a ideia de que ali se tratava de uma artesã conhecida na cidade, porém nunca tinham ido conhecer o “Museu da Dica” ou não sabiam bem qual tinha sido a contribuição dela para a arte e a cultura local. Em 2019, veio a oportunidade de produzir um curta com um colega documentarista da

Ufopa sobre artistas de Santarém, e, desse projeto audiovisual, rendeu um passeio pelas memórias de Dica Frazão. Entrevistei dona Maria Helena, gravamos imagens da casa-museu<sup>1</sup>, levantamos dados com pessoas que conviveram com a artista, e assim nasceu uma produção de 7 minutos: O primeiro episódio do projeto chamado “O Artista e a Arte<sup>2</sup>” foi gravado em homenagem à memória de Dica Frazão, pois fazia apenas dois anos que ela havia partido, em 17 de maio de 2017. Lembro que comecei a redigir um roteiro para um documentário mais amplo, que pudesse abranger as memórias dos museus de Santarém, e, em meio a essa tarefa, a oportunidade da pós-graduação caiu como uma “luva”, pois iria pesquisar sobre ela e colaborar com a produção de um material que pudesse ser aproveitado para captar apoios futuros para o Museu Dica Frazão<sup>3</sup>.

Foi nesse juntar memórias sobre Santarém, a cidade que me recebeu para uma vida nova, e querer conhecer mais sobre essa personalidade, a meu ver, interessante por ser uma mãe, mulher, artista na Amazônia, que resolvi colocar esta pesquisa em prática e entender um pouco mais sobre a trajetória da artista, artesã e estilista Dica Frazão e, assim, tentar observar e contribuir para que seu acervo museal possa ser, de fato e de direito, reconhecido pelos paraenses como patrimônio histórico e cultural.

No decorrer da pesquisa, contribui com a vereadora Alba e equipe, em Santarém, levando dados sobre o Museu, para que conseguisse aprovar projeto de lei, o qual tornaria o

---

<sup>1</sup> A casa de “dona Dica” tornou-se o Museu de Arte Dica Frazão no dia 22 de junho de 1998. Fazemos referência ao termo “Casa-Museu” especialmente porque nos deparamos com um prédio que mescla a vida pessoal com uma produção artística singular. Nota-se que este tipo de museu traz as memórias que fizeram de Dica Frazão a pessoa que ela era, as honrarias recebidas, os eventos que participou, registros de sua vida íntima e familiar, as pessoas “famosas” e públicas com as quais se relacionou, suas obras e assim por diante. A artista-artesã viveu na casa desde meados da década de 1948 até seu falecimento em 17 de maio de 2017. Neste sentido, sobre o início das “casas-museus”, Ponte (2007, p.267 apud AFONSO; SERRES; 2014, p.41) explica que é “A partir do século XIX, surgem mundialmente as Casas-Museu, instituições que mesclam o íntimo com o coletivo, o privado com o público”. Por conseguinte, “Uma Casa-Museu é uma tipologia especial de museu; cada uma delas possui uma particularidade, um tipo de acervo; consiste num refúgio doméstico que expõe um recorte de determinada época, projeta a memória de um personagem social, evidencia uma coleção de valor inestimável, retrará a vida doméstica de determinado grupo, satisfaz a curiosidade dos visitantes em observar um aspecto de uma intimidade, entre outros” (AFONSO; SERRES; 2014, p.40).

<sup>2</sup> O vídeo sobre Dica Frazão foi realizado com a participação da equipe de servidores da Proce/Ufopa formada pelo documentarista Carlos de Mattos Bandeira, o técnico de audiovisual Gabriel Prado e produção/direção de Luciula Romana, além da estagiária de jornalismo Katrine Bentes. Ao todo, este projeto concluiu três episódios sobre personalidades artísticas de Santarém. Intitulado **1º O Artista e a Arte – Dica Frazão** o vídeo mostra relatos de pessoas que viveram com Dica Frazão, artesã paraense, que deixou um legado de obras confeccionadas com matéria-prima da floresta, pode ser acessado no You Tube no canal do Estúdio Encontro das Águas da Ufopa, disponível neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=UPepjYoFNVE&list=PLpHJuOjvAWgWORDzhWqOqU9lQcpU3P4cN&index=3&t=349s>

<sup>3</sup> Importante explicitar que o nome oficial do espaço é Museu de Arte Dica Frazão, contudo, essa nomenclatura é pouco utilizada para referenciá-lo. Desta forma, neste trabalho, optou-se, para designar o prédio a nomenclatura usual e mais próxima do que as pessoas conhecem, ou seja, Museu Dica Frazão. Inclusive, o próprio título deste trabalho indica a preferência pelo termo que o museu é popularmente conhecido “Museu Dica Frazão”.

Museu e seu acervo, patrimônio cultural da cidade de Santarém. Em 22 de dezembro de 2022, a lei ordinária nº21.864, que declara o Museu de Arte Dica Frazão e seu acervo Patrimônio histórico e cultural de Santarém, foi sancionada pelo prefeito Nélio Aguiar. Esperamos conseguir aproximar a gestão municipal em torno desse acervo. O Museu Dica Frazão é o resultado da trajetória de uma mulher empreendedora, que trabalhou mais de 40 anos para valorizar a arte e a cultura do Pará. Talvez outras “Dicás” estejam pela cidade, com suas criatividades, seus sonhos e suas artes, produzindo algo incrível, apesar da contingência que é sobreviver do ofício de alguma arte.

Natural de Capanema, região geográfica imediata<sup>4</sup> do Pará, Raimunda Rodrigues nasceu em 29 de setembro de 1920, filha mais velha de um agricultor e uma dona de casa. Sua mãe faleceu após o parto do irmão caçula, Evaristo e, aos 12 anos de idade, Dica ajudava nas tarefas domésticas e cuidava dos irmãos mais novos. Dois anos depois, a irmã mais velha tornou-se mãe e pai de todas as crianças, após o desaparecimento do pai, Manoel Franklin. Durante entrevista concedida para Tetê Oliveira, colaboradora do website Overmundo<sup>5</sup>, a artesã resume sua dificuldade de conduzir a família sozinha em uma frase: “Só não fui menina de rua porque Deus me deu forças” (OLIVEIRA,2006).

Em 1941, Dica estava casada com o policial militar Severino da Silva Frazão e foi a partir deste matrimônio que passou a chamar-se Raimunda Rodrigues Frazão. Acompanhando o marido, ela partiu de Capanema para Belém, capital paraense, e de lá mudaram-se para Tomé-Açu, onde ficaram quase um ano até o destacamento do Frazão para cumprir serviço em Santarém. Com várias crianças pequenas, a cada mudança de cidade, ela tinha que vender seus

---

<sup>4</sup> Capanema é uma das 21 regiões imediatas do estado brasileiro do Pará, uma das 5 regiões imediatas que compõem a Região Geográfica Intermediária de Castanhal e uma das 509 regiões imediatas do Brasil. É composta por 9 municípios (Bonito, Capanema, Nova Timboteua, Peixe-Boi, Primavera, Quatipuru, Salinópolis, Santarém Novo e São João de Pirabas). Essa configuração da divisão geográfica do Brasil em regiões imediatas e intermediárias foi elaborada pelo IBGE e instituída em 2017. Neste sentido, quando eventualmente citarmos a região bragantina e o nordeste paraense, respectivamente, microrregião bragantina e mesorregião nordeste paraense, estamos nos referindo à divisão regional do Brasil vigente a partir de 1989 até 2017 e que, ainda, é utilizada popularmente para indicar a divisão dos territórios no Pará.

<sup>5</sup> O website Overmundo (<http://www.overmundo.com.br/>) é um espaço virtual colaborativo lançado em 2006. Sua pauta principal é a cultura brasileira que não é vista pela mídia. O website conta com artigos, um guia cultural das cidades brasileiras, uma agenda cultural e um banco de produtos culturais digitais. Ele foi fundado por Hermano Vianna, Ronaldo Lemos, José Marcelo Zacchi e Alexandre Youssef. Em 2007 tornou-se a primeira página web a receber o prêmio Golden Nica, na categoria comunidades digitais, durante o festival Prix Ars Electronica. O site ganhou reconhecimento no Brasil e no Exterior. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Overmundo> Acesso em: 01/02/2024.

pertences para garantir as passagens e a alimentação para todos. Tal situação a preocupava, pois ansiava por um lugar onde seus irmãos e irmãs<sup>6</sup> tivessem oportunidades para estudar e construir sua autonomia. Sua narrativa sobre as dificuldades vivenciadas e, posteriormente, “superadas” com muito trabalho e fé, sedimentam sua relação de pertencimento à cidade de Santarém, ao passo que a artista entrou para a história como representante da arte e da cultura produzida no oeste do Pará. A artista desenvolveu uma relação de afeição com a cidade de Santarém e essa exaltação ao território Amazônico faz-se presente nos seus trabalhos produzidos ao longo de seis décadas. Santarena de coração, no livro “A divina artesã” (2014), organizado por Cristovam Sena e Emir Bemerguy, Dica faz questão de descrever a experiência de seu desembarque do navio no ano de 1943:

No dia 09 de janeiro de 1943 eu estava chegando nessa cidade, naquele antigo navio que não existe mais, o Rio Tapajós. Até me recordo muito dessa viagem longa que fizemos de Belém a Santarém, gastando oito dias de viagem naquele navio. No momento em que desembarquei na cidade de Santarém eu trazia uma família muito grande comigo, que eram meus irmãos órfãos que eu criava. Ainda jovem, eu tinha apenas naquela época 23 anos, estava três anos casada e mãe de Paulo e Carlos, que já trouxe comigo de Belém. Carlos com três meses e Paulo com um ano e meses. Minhas filhas nasceram todas aqui em Santarém. O desembarque no navio aconteceu em frente a igreja Matriz, onde todo mundo desembarcava nas catraias que hoje não existem mais. Às vezes me dá saudade daquelas catraias. (DICA FRAZÃO apud SENA, 2014, p. 26).

O imóvel que hoje abriga o museu, no entanto, não foi a primeira moradia dos Frazão em Santarém (PA), conforme observa Dica no trecho:

Eu entrei em desespero na igreja com aquela família sem saber onde eu ia morar. Sem saber o que eu ia fazer porque eu era modista, florista, trabalhava noite e dia junto com eles pra gente poder sobreviver, que eu não podia contar com o ordenado do meu marido que era um soldado da polícia militar” (DICA FRAZÃO apud SENA, 2014, p. 30).

A primeira casa alugada pertencia ao sr. Raimundo Cruz e ficava na Rui Barbosa. Nela Dica recebia as senhoras da elite santarena para confecção de vestuários. Mais tarde, em meados de 1948, mudaram-se para uma residência no bairro Aldeia, e, em 1949, já estavam residindo na Rua Floriano Peixoto, nº281, no bairro Centro, onde Dica viveria até os 96 anos de idade.

---

<sup>6</sup> Dona Maria Helena relata que é possível que não lembre de todos os nomes de suas tias e tios, mas informa verbalmente que os irmãos e irmãs de Dica Frazão são: Aldomira, Nazaré, Altamira (conhecida como Deca), Antônio, Zumira e Evaristo (este último, que era o irmão caçula). Ela informa que, do casamento de Dica com Severino Frazão nasceram sete filhos, são eles, do mais velho para o mais novo: Paulo, Carlos (falecido), Terezinha, Maria do Perpetuo Socorro, Maria Helena, Maria da Conceição (falecida) e Maria de Lourdes. Informação verbal de Maria Helena concedida em 2024.

Nesse imóvel foram criados e casados seus sete irmãos mais novos e os cinco filhos, nascidos do casamento com o policial militar. A casa, ainda, serviu como ateliê de costura por mais de seis décadas. “Eu consegui que eles crescessem sem problemas e casaram todos na minha casa. Eu fiz o casamento deles todos, um por um. As meninas casaram todas com rapazes de Belém” (DICA FRAZÃO apud SENA, 2014, p. 32).

Transformado em museu, o espaço abriga uma coleção composta por 57 objetos museais, confeccionados e selecionados pela própria Dica Frazão. Os itens são réplicas de peças representativas do trabalho executado pela artista no período de 1949 a 1998. Sua versatilidade e criatividade, as matérias-primas e as técnicas utilizadas, fizeram que Dica Frazão se tornasse reconhecida na sociedade local pelas características peculiares de suas criações. Sem contar que a própria artista tinha consciência de que seu trabalho precisaria ser devidamente resguardado para a posteridade, como no trecho a seguir:

Eu tenho somente uma palavrinha a dizer antes de começar qualquer coisa, é que eu me preocupo muito com esse trabalho de arte, essas belezas que confecciono com tanto amor, com tanto carinho, e dedico mesmo a minha vida. Sei perfeitamente que isso vai junto comigo, porque é um trabalho de arte insubstituível. É muito difícil, mas até hoje não consegui que os filhos, nem ninguém, esteja cuidando disso. (DICA FRAZÃO apud SENA, 2014, p. 26)

Fundado em 22 de junho de 1999, o museu privado funciona em horário comercial, de segunda a sexta, mas caso um turista esteja na cidade, nos finais de semana, não deixará de ser atendido, pois é possível chegar ao estabelecimento e encontrar as portas abertas para visitação. A entrada é gratuita e, atualmente, quem faz a função de mediadora da exposição é a filha de Dica Frazão, Maria Helena Frazão<sup>7</sup> que, desde o falecimento da artesã, em 2017, vive na casa-museu, mantendo as despesas de água, energia elétrica e a manutenção do acervo, com sua própria renda, e ajuda de familiares, amigos e admiradores do trabalho que Dica Frazão realizava.

O museu Dica Frazão está localizado em uma área histórica e economicamente prestigiada da cidade de Santarém. O prédio é um casarão térreo, dividido em cinco cômodos e um quintal, possui duas portas e três largas janelas frontais. Quem acessa a casa para conhecer o museu e sua coleção, ao percorrer os cômodos, vai notar que não há uma divisão firme entre

---

<sup>7</sup> Dona Maria Helena Frazão é a quinta filha de Dica Frazão. Casou-se aos 16 anos de idade e assumiu o sobrenome do esposo, trocando o nome paterno “Frazão” por “dos Anjos”, ou seja, seu nome é Maria Helena Rodrigues dos Anjos. Entretanto, ela carinhosamente retornou a utilizar, ao se apresentar para o público que visita o museu, o sobrenome “Frazão”, a fim de valorizar a memória de sua mãe Dica Frazão.

as vitrines e os objetos de uso doméstico da casa e logo terá a percepção de que a vida pessoal e pública da artesã estão intimamente ligadas. Conforme descreve a visitante Tetê Oliveira (2006) em seu relato:

Difícil é distinguir o que é museu, ateliê ou casa no endereço de Dica. Apesar da placa à entrada do número 281 da Rua Floriano Peixoto, a sensação que se tem ao transpor o batente é a de invasão de privacidade. No interior, três portas. À direita, fica o museu. À esquerda, o ateliê. Em frente, a cozinha. (OLIVEIRA, 2006)

Ao fundo do museu existe um quintal com árvores frutíferas, palmeiras, ervas para chás e poucas criações de aves. Na década de 1950, Dica Frazão chegou a ter 400 patos para atender às encomendas de artesanatos com aplicações de plumas e penas. Concebido pela própria artesã, o museu começou a ser organizado no final da década de 1990. A casa passou a dividir-se em ateliê, museu e residência. Outros documentos como pinturas, fotografias e cartas com menções honrosas estão pelos cômodos da casa-museu e completam a cena sobre a trajetória das artes. Ela tinha orgulho de narrar quantas vezes fossem necessárias sua vida e reforçar que ali estavam reunidos exemplares de um trabalho manual incomparável. Dica Frazão repetia aos visitantes do museu e nas entrevistas para veículos de comunicação: “Eu fui considerada única, insubstituível, sem seguidor e muito difícil do maior costureiro do mundo fazer uma réplica dos meus vestidos” (Informação verbal)<sup>8</sup>. Ser “um talento insubstituível” é um argumento constante no discurso da própria Dica Frazão quando a pauta era falar sobre sua arte, conforme trecho abaixo:

Ninguém terá as mesmas ideias e criatividade que eu tenho. Deus me deu toda a criatividade e dom que tenho. Sou autodidata, estudei até a 4ª série, ninguém no mundo trabalha com fibras naturais, então não terá sucessão do meu trabalho, a minha arte” (MALCHER, 2010 apud SENA, 2014, p. 128).

Conforme mencionado anteriormente, ao todo, a coleção do museu tem 57 itens registrados em seu catálogo<sup>9</sup>. A lista de peças é, basicamente, composta por dois tipos de

---

<sup>8</sup> Informação fornecida por Dica Frazão durante entrevista concedida ao jornalista Maurício Kubrusly para o quadro Me Leva Brasil, do programa Fantástico. A reportagem completa exibida em rede nacional pode ser vista acessando a notícia publicada, em 2017, no site da rede globo:

<https://redeglobo.globo.com/pa/tvtapajos/tvtapajosdigital/noticia/dica-frazao-um-museu-vivo-uma-obra-de-arte-em-pessoa.ghtml>

<sup>9</sup> O catálogo do Museu Dica Frazão foi o único registro documental encontrado no museu que traz a lista dos itens que compõe o acervo da artista-artesã. Várias peças do acervo, citadas no catálogo, foram extraviadas em algum momento após o falecimento da sua proprietária, em 2017. Ao final deste trabalho, no Anexo I, está disponibilizado a reprodução do catálogo do Museu Dica Frazão, que foi redigido em formato digital, a fim de preservar as informações ali reunidas, pois identificamos ser a última cópia impressa do documento.

artefatos: objetos de uso pessoal e objetos de uso doméstico. Para facilitar o entendimento sobre os tipos de artefatos presentes na coleção, consideramos objetos de uso pessoal aqueles confeccionados com função de vestimenta, ou seja, os vestidos, os chapéus, as bolsas e outras peças acessórias, que acompanham os trajes. Já os objetos de uso doméstico são aqueles cuja finalidade é decorar o interior das casas, como as toalhas de mesa, os arranjos florais, as bonecas de cheiro ou o leque de parede. Importante observar que o catálogo prioriza uma organização cronológica abrangendo o período que começa em 1949 e segue até 1998. Dos 57 itens que constam no catálogo, 45 estão identificados como réplicas, 11 são identificados como criados especialmente para o museu e 01 como um vestido utilizado pela jovem Beatriz Imbiriba e doado para fazer parte do acervo. Em suma, o catálogo foi um documento essencial para entender quando as peças foram concebidas por Dica Frazão e suas possíveis finalidades.

A coleção se destaca não só pela qualidade do trabalho manual desenvolvido, mas também pelo aproveitamento das fibras, palhas, raízes, madeiras, escamas de peixe, sementes de frutas e cascas de legumes, materiais que, aos olhos menos atentos, no mínimo, teriam como destino o simples descarte no lixo. Dica Frazão tornou-se um ícone da cultura santarena, especialmente, pelo fato de utilizar materiais vindos “da floresta” para confeccionar fantasias, roupas para eventos sociais ou desfiles regionais, bonecas de cheiro, toalhas bordadas, levando um pouco da Amazônia em cada peça elaborada. As indumentárias do museu chamam a atenção, pois algumas são confeccionadas quase totalmente em tecidos de origem vegetal (por exemplo, a fibra da entrecasca da madeira ou a malva), enquanto outras nascem da combinação entre tecidos industriais (a exemplo do linho e do algodão) e acabamentos finalizados com rendas, bordados, crochê e trançados feitos a partir de palhas ou fibras vegetais (como a palha de buriti ou o patchouli).

Do universo de peças criadas por Dica Frazão, notamos que todos os trajes são femininos. São exemplares de túnicas, mantôs de viagem, saída de praia, conjuntos e vestidos. Além dos trajes sociais, a artista-artesã criou algumas fantasias para o Festival Folclórico de Parintins e desfiles típicos da região. Parte dessa pesquisa iniciou durante à pandemia da covid-19, por isso, tivemos que ter cuidado no que diz respeito a quantidade de visitas à dona Maria Helena Frazão, uma mulher idosa. Os encontros eram agendados previamente e buscamos fotografar as peças dispostas nas vitrines, além de realizarmos um ensaio fotográfico com a participação de uma sobrinha e uma amiga da família Frazão para registrar as vestimentas que ficam guardadas, até que haja uma possibilidade de exibição pública. Percebendo que não haveria tempo hábil para fazer uma análise de cada uma das 57 peças enumeradas no catálogo,

pois muitas destas tinham sido extraviadas ou possuíam uma descrição genérica, decidimos que uma amostra de 08 indumentárias, aquelas expostas ao público do museu, seria um universo suficiente para compreender a valoração simbólica do trabalho da artista-artesã.

Selecionamos 08 peças de indumentárias, sendo elas: traje nº 22 – mantô de viagem, traje nº30 – saída de praia, traje nº33 – vestido de noiva moderna, traje nº34 – Rainha do Folclore do Amazonas, traje nº35 – Sinhazinha da Fazenda, traje nº36 – Porta Estandarte, traje nº37 – Cheiro do Pará e traje nº38 – Deusa do Encontro das Águas. O estudo dessas peças buscou compreender o contexto em que foram criadas, no tempo e no espaço, e os atributos que as tornaram singulares na coleção do museu. Uma vez que a colecionadora, Dica Frazão, já havia falecido em 2017, não tínhamos mais como acessar e coletar o depoimento diretamente da própria artista-artesã. Com a pesquisa documental reunimos informações que nos ajudaram a entender por que tais escolhas foram significativas.

Destaca-se que a busca por documentos sobre a coleção começou com a localização desse antigo catálogo, uma espécie de inventário, que foi apresentado por dona Maria Helena e essencial para nos conduzir pela história de cada item da coleção. Não havendo versão digitalizada<sup>10</sup> do catálogo, achei importante redigi-lo para disponibilizá-lo a quem tiver interesse. A utilização do catálogo como ponto de partida se deu tanto por questões de ordem prática, tais como, saber a quantidade e as especificações dos objetos que foram destinados à coleção, além das questões de ordem subjetiva, pois nele seria possível identificar elementos da trajetória da própria colecionadora e momentos que foram marcantes para ela. A partir desse catálogo, percebemos, inclusive, que muitas peças da coleção já haviam sido extraviadas por familiares próximos (informação verbal)<sup>11</sup>, que desejavam ter guardada uma “reliquia” da famosa Dica Frazão.

Outro recurso interessante na pesquisa sobre a artesã e seu trabalho foi identificar notícias publicadas em jornais e revistas, de Santarém e Belém, com a intenção de mapear rastros sobre a participação de Dica Frazão nas feiras e exposições nas décadas de 1970 e 1980, período de intensa difusão de seu artesanato. Com esse recurso queria verificar os agentes sociais que atuavam para fomentar a arte e a cultura naquela época e se o trabalho realizado

---

<sup>10</sup> O catálogo do Museu Dica Frazão está reproduzido no Anexo I deste trabalho. Conforme explicitado anteriormente este documento pode ser a última cópia impressa que traz os itens selecionados para compor a coleção do museu.

<sup>11</sup> Informação fornecida por Maria Helena Frazão durante visita realizada no museu em abril de 2023. Durante esta oportunidade tivemos acesso às vestimentas que estavam guardadas em grandes caixas de papelão reforçado. Ao retirar as peças notou-se que nem tudo o que foi enumerado no catálogo estava ali presente na caixa.

pela artesã era percebido como algo que representava a arte e a cultura santarena. Para isso, utilizei os jornais: Jornal de Santarém, Ano 1972; Jornal Diário do Pará, entre 1980 e 1989; Jornal O Liberal, entre 1980 e 1989. Optou-se pela pesquisa no banco de dados digital<sup>12</sup> e escolhi os dois jornais de maior circulação no Pará. A partir dessa análise notou-se que a artista Dica Frazão era mencionada nos cadernos sobre o setor cultural e nas pautas relacionadas ao artesanato e ao turismo, considerada de forma recorrente como uma representante da arte produzida em Santarém.

Além dos arquivos de jornais paraenses, reuni materiais audiovisuais, nos quais ela foi entrevistada sobre seu trabalho, com intuito de observar como Dica percebia o valor de suas peças e de sua trajetória. Reconhecida nacionalmente, seu trabalho inusitado, transformar “materiais da floresta” em roupas e outros objetos têxteis chamava a atenção do público. Dentre os mais de 30 conteúdos acessados na internet, entre sites e vídeos, destaco três reportagens feitas sobre e com ela: uma reportagem produzida para o Fantástico, no quadro “Me Leva Brasil”, com o repórter Maurício Kubrusly; uma reportagem feita para a Record News, com o repórter Fábio Barbosa; e um programa especial produzido pela TV Tapajós, afiliada Globo em Santarém, na série “O lado bom da vida”, com a repórter Keiliane Tomás. É perceptível, nessas entrevistas, a presença de atributos como pioneirismo, autenticidade e identidade com a biodiversidade amazônica associados ao seu artesanato, características presentes na coleção museal.

Aliás, quanto mais visitava o Museu, seus trajes e curiosidades, mais eram apontadas pistas de como o artesanato de Dica Frazão circulava na capital do estado, Belém, cidade considerada o lugar de difusão da arte e da cultura paraense. Além das anotações, que fazia a cada conversa, com pessoas que passavam pelo Museu ou que conviveram dona Dica, outro recurso foi “vasculhar” o Instituto Boanerges Sena, biblioteca particular localizada em Santarém, um espaço importante nessa pesquisa documental, pois nele é possível encontrar raridades esquecidas pelas pessoas comuns, como as edições do Jornal de Santarém, do ano de 1972. Seu Cristovam Sena é um “coleccionador de carteirinha” sobre as memórias de Santarém e sua ajuda foi essencial para mapear revistas e jornais utilizados como fonte documental desta pesquisa.

---

<sup>12</sup> A pesquisa nos jornais Diário do Pará e O Liberal foi realizada na Hemeroteca Digital Brasileira - <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx> Pesquisa nos jornais Diário do Pará (período : 1980-1989, 1980-1989, 1990-1999, n.i.) e O Liberal (1880-1889, 1940-1949, 1950-1959, 1980-1989, 1980-1989) , pesquisa realizada em 28 de agosto de 2023. <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/liberal/761036>

O livro de memórias “A Divina Artesã” (2014), organizado por Cristovam Sena e Emir Bemerguy, mostrou-se um documento fundamental para este trabalho, na medida que registrou em entrevista, realizada no ano de 1990, o pensamento de Dica Frazão sobre sua própria vivência enquanto artesã, modista e a descoberta das matérias-primas. O livro é basicamente uma transcrição literal da entrevista e nos permitiu organizar e filtrar muitas informações sobre as teias de relacionamentos que estiveram em contato com a artesã.

No capítulo 1 intitulado “Santarém e Seus Museus” apresento uma discussão conceitual sobre a noção de Museu e Patrimônio Cultural mostrando o surgimento do fenômeno museu e uma reflexão sobre como as noções de patrimônio cultural são alvos de disputa em Santarém, posto que com o incentivo de uma política patrimonial de valorização das diferenças, principalmente, por agências multilaterais como a Unesco, a partir do final dos anos 1980, a noção de patrimônio tem se capilarizado para além da pedra e cal, favorecendo “a entrada na cena pública de segmentos sociais antes invisíveis, oriundos das camadas populares e de sociedades tradicionais” (ABREU, 2015, p. 70), ou seja, considerando os Museus como “processo” e não como algo pronto e acabado. As mudanças de perspectivas sobre a finalidade dos museus e a concepção de uma coleção de “raridades” é ponto de reflexão a fim de entender como determinados objetos são deslocados do sentido útil para algo que constrói uma relação com o invisível.

No capítulo 2 intitulado “Museu de Arte Dica Frazão” trago uma biografia de Dica Frazão pontuando traços importantes de sua trajetória, tanto no que diz respeito à descoberta de novos materiais que seriam usados nas suas confecções, quanto em relação às tramas de relações sociais que impulsionam sua legitimação como uma profissional que representa “o melhor da arte e da cultura santarena”. Aqui se fez importante mostrar o Museu, a coleção e o processo de musealização da artesã ao selecionar itens que passariam a ter sentidos invisíveis para além do próprio objeto em si. Na sequência da apresentação do Museu, será possível conhecer um pouco mais sobre as matérias-primas do artesanato de Dica Frazão. A raiz do patchuli (de origem asiática, mas bem aceita e popular na região Norte do Brasil), a fibra da canarana, a fibra da malva, a palha de açaí, a palha de buriti, palha de milho, palha de junco, frutas, cascas e sementes, todos esses materiais estiveram no centro de processos de tecelagem elaborados pela própria artista- artesã para confeccionar diversos produtos. A malva, por exemplo, é uma das matérias-primas de origem vegetal recorrente na coleção do museu.

Ao final, no Capítulo 3 intitulado “Visões de Arte e Moda no Museu” nos deteremos à coleção de indumentárias expostas no Museu, fazendo uma descrição dos trajes e o contexto da

criação de cada uma delas, buscando evidenciar sua relevância para a coleção reunida pela artista-artesã Dica Frazão. Divididos em três grupos temáticos, trajes sociais (para eventos e festas), trajes típicos (para desfiles e exposições) e trajes folclóricos (especificamente destinado ao Festival Folclórico de Parintins, AM), serão analisados oito trajes confeccionados para o acervo do Museu. Interessante notar que as peças são réplicas de trajes que marcaram a trajetória de dona Dica, ao longo dos 40 anos, e cujo valor simbólico se tornou inestimável. Conforme aponta Paul Ginsborg (1998 apud CALANCA, 2011, p.101) “a relação entre o consumo e os hábitos culturais é geralmente negligenciada pelos historiadores, que, na maioria das vezes, optam por observar os gastos públicos relacionados às questões econômicas”. Em outras palavras, a partir das roupas confeccionadas por Dica Frazão, o consumo e a circulação destas e o “estar na moda” que ela proporcionou à sua época, nos possibilitou visualizar “o nexos entre representações simbólicas e a realidade concreta” (CALANCA, 2011, p. 102). É esta ligação entre o material e o simbólico que nos impulsionou a estudar com mais detalhe as indumentárias presentes na exposição do Museu Dica Frazão.

Entendemos, portanto, no decorrer de todo esse processo, que os trajes expostos nas vitrines do museu possuíam um lastro de memória importante, uma vez que conduziam os visitantes às histórias de quem usou, da época ou da finalidade daquele item confeccionado por “dona” Dica. Compreender o papel social da moda como um fenômeno que participa da vida das pessoas e tem relação com a construção da subjetividade do indivíduo, aponta como Dica Frazão construiu certos “tipos” femininos que buscavam traduzir noções de graça, elegância e romantismo. A moda é lida nesse contexto como “um dispositivo social definido por uma temporalidade muito breve e por mudanças rápidas, que envolvem diferentes setores da vida coletiva” (CALANCA, 2011, p. 13). Contudo, reitera Bergamo (1998, p.01), “o sentido da moda está em que a roupa significa algo, e esse significado, [...] imprime e direciona diferentes condutas para esses diversos grupos sociais”. O diálogo teórico com autores da Antropologia, História e Moda nos possibilitaram compreender a relação entre a coleção e a colecionadora. Dessa forma, “os atos simbólicos sempre supõem atos de conhecimento e reconhecimento, atos cognitivos por parte daqueles que são destinatários” (BOURDIEU, 2007, p. 168). A análise visual utilizada nesta pesquisa recorre aos sentidos atribuídos a cada uma das oito indumentárias selecionadas na exposição museal e leva em consideração o cruzamento de duas abordagens: mobilizar as referências visuais ligadas ao contexto da moda e, ao mesmo tempo, compreender as dinâmicas socioculturais e históricas que atravessam esse processo de construção dos

sentidos expressas no vestir, como bem resume Martins (2022, p.75) “Arte e imagem estão vestidas e revestidas por ideias e pontos de vista gerais e individuais”.

Por fim, todo esse arcabouço de memórias sobre a trajetória individual da artista, o lastro de reconhecimento social de seu valor percebido por meio das premiações, das suas relações pessoais e públicas e das divulgações em veículos de comunicação, associado à ideia de museu como um espaço que “pensa no sentido das coisas no mundo e na vida e (re)elabora constantemente a sua *missão poética*”, constituem um conjunto de atributos que tornaram o trabalho manual de Dica Frazão precioso, seja por seu significado, seja pela história ali representada. Por definição, uma coleção pode ser “qualquer conjunto de *objectos* naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das *actividades* econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público” (POMIAN, 1984, p.53). Dona Dica se orgulhava de sua coleção e de aproveitar ainda em vida o seu Museu. Para além de reconhecer e ampliar a visibilidade do legado dessa artista, este trabalho assinala a importância da indumentária e da coleção do museu homônimo na construção do repertório simbólico da sociedade santarena.

## **2 SANTARÉM E SEUS MUSEUS**

## 2.1. Patrimônio, Museus e Memórias

A fundação da cidade de Santarém, no Pará, faz parte de um repertório europeu de dominação exercido sobre o “outro” pelo aspecto econômico, religioso e cultural. Oficialmente, o início da história de Santarém se dá com sua fundação no ano de 1661, seguida pela elevação à categoria de Vila em 14 de março de 1758 e depois à categoria de cidade em 24 de outubro de 1848. “Em 22 de junho, o padre João Felipe Bettendorf chegou ao Tapajós, atual cidade de Santarém, que no dizer de Arthur César Ferreira Reis, foi a “cabeça de ponte” para o processo de ocupação e colonização portuguesa no interior da Amazônia” (AMORIM, 2022, p. 72).

Quem tem a oportunidade de estar em Santarém, no Pará, conhecer os lugares, conversar com as pessoas, vivenciar e sentir a experiência da proximidade entre a floresta e o urbano, com seus ritos e interditos, com seus desafios, se arrisca a compreender, na prática, que a história “oficial” sobre a fundação da cidade, na qual europeus trazem a “civilidade”, essa tal civilização concebida e empregada ora por meio de negociações, ora por meio da violência extrema, mas sempre com fito na exploração, não dá conta da diversidade que abrange a cidade, seus povos, suas culturas, suas etnias, suas memórias e que vão muito além do que nos ensinaram, década após década, sobre este território.

Um espaço de múltiplas memórias, por conseguinte, de lutas e resistências, sem as quais dificilmente conheceríamos as histórias das pessoas comuns, até anônimas, homens e mulheres, que participam ativamente da concepção real e simbólica desse território amazônico, diariamente. Como cita Loureiro (2002) não apenas como um lamento, mas uma constatação, a Amazônia sempre foi rentável para os “outros” (metrópole e federação), uma vez que:

*A história da região, tem sido, da chegada dos primeiros europeus à Amazônia até os dias atuais, uma trajetória de perdas e danos. E nela, a Amazônia tem sido, e isso paradoxalmente, vítima daquilo que ela tem de mais especial - sua magia, sua exuberância e sua riqueza. (LOUREIRO, 2002, p. 107)*

Pensar o patrimônio cultural em Santarém na perspectiva dos museus implicará em uma tentativa de enfrentamento daquilo que foi oficialmente estabelecido como regra. Canclini (2019) explica que na disputa pela “construção visual e cênica da significação” (CANCLINI, 2019, p.162), o campo do patrimônio cultural é uma fronteira que resiste a esse processo de transformação do imaginário, pois “o mundo é um palco, mas o que deve ser representado já está prescrito” (CANCLINI, 2019, p. 162). Desta forma, o antropólogo argentino nos oferece uma chave analítica pois, na América Latina, o conjunto de conhecimentos ofertados por meio do icônico poderá incluir no jogo da história outros saberes, fazeres e debates. Compreendemos,

portanto, que nem sempre a circulação de ideias passará pelo que é dito com palavras, mas, ao contrário, especialmente, através do que é visualizado, imagens que podem ser admiradas ou rejeitadas, tidas como cultas e populares, esquecidas ou lembradas em nossas mentes, podendo estar associadas à significados oficialmente organizados para este fim. Algumas estátuas, monumentos, prédios, entre outros tipos de relíquias, exemplificam bem a tentativa de materializar a hegemônica identidade nacional.

Figura 1- Monumento alusivo ao Pe. João Felipe Bettendorf  
na Praça Rodrigues dos Santos, no Bairro Centro, em Santarém, Pará.



Fonte: Ferreira, 2022.

O monumento alusivo ao Padre João Felipe Bettendorf (Figura 01) está situado na Praça Rodrigues dos Santos,<sup>13</sup> no bairro Centro. De acordo com as pesquisas do historiador Wildes Fonseca (1962 apud NETO, 2015) a importância dessa praça está no fato histórico de ter sido o local de desembarque do padre João Felipe Bettendorf onde construiu a primeira capela de Nossa Senhora da Conceição. Lá foi também o centro da aldeia dos Tupaius ou Tapajós, um grande quadrilátero aberto no meio da floresta, o qual os indígenas denominavam Ocara-Açu, que quer dizer Terreiro Grande. Segundo o historiador, os próprios índios mudaram o nome para Tupara-Ocara, que quer dizer Terreiro de Deus.

Wildes Fonseca (1962 apud NETO, 2015) registra que a praça teve vários outros nomes não oficiais (apelidos) atribuídos pela própria população: Largo das Amendoeiras, Largo do Teatro, Largo da Usina, Praça das Missões, Praça do Congresso e mais recentemente Praça do Cruzeiro. Os nomes oficiais foram vários também: No período do Império chamava-se Praça do Império, em 1889 o nome foi mudado para Praça da República, permanecendo assim até o ano de 1926. No dia 25 de novembro de 1926 veio a falecer uma personalidade considerada ilustre para a cena de Santarém, Dr. Manoel Waldomiro Rodrigues dos Santos, e no ano de 1927 a praça veio a ser renomeada como Praça Rodrigues dos Santos, que permanece até os dias atuais. Note-se que os nomes dados à praça têm forte relação com a cena histórica de cada época, sejam as denominações oficiais, sejam aquelas criadas pelo povo.

Santos (2009) expõe que entender as relações de poder na cultura é uma dimensão que se impõe e não deve ser ignorada no esforço de compreender os processos de significação das sociedades contemporâneas, seja “dentro de uma sociedade ou entre sociedades” (SANTOS, 2009). Chama atenção o fato de que a história do marco zero da cidade, apesar de entrelaçada aos fatos que revelam práticas culturais e táticas de resistência dos indígenas, estes que dão nome ao principal rio que banha a cidade de Santarém, não atribui os devidos créditos a presença dos índios Tapajós. Como explica Santos (2009, p.80) “a cultura é um produto da história coletiva por cuja transformação e por cujos benefícios as forças sociais se defrontam”. Descola (2015) complementa tal pensamento destacando que os seres humanos mantêm intensas e dinâmicas relações com o mundo que o cerca e que essa relação revitaliza os sentidos das práticas culturais, conforme trecho abaixo:

Se, como suponho, a ambição da antropologia é contribuir, através de seus próprios métodos, com a tarefa de elucidar as maneiras como os humanos se envolvem com

---

<sup>13</sup> Conforme explica Sidney Canto (2016) para construir esta praça, a praia que existia foi enterrada e parte do aterro foi retirado do “Morro da Fortaleza”, onde hoje se encontra a Praça do Mirante.

seus entornos, como identificam e selecionam para utilização algumas propriedades do mundo, e como o transformam ao estabelecerem, a partir de elementos retirados dentre eles mesmos ou do próprio mundo, relações constantes ou ocasionais de diversidades significativas (mas não infinitas), então, para alcançar tal objetivo, precisamos elaborar um mapa destas relações para extrair seus modos de existência imediatamente distintos. Acho essa tarefa muito mais fácil se voltarmos nossas atenções às diferenças e não às semelhanças. (DESCOLA, 2015, p. 32)

Apesar das múltiplas identidades, prevalece, portanto, uma imagem da narrativa oficial dedicada à personalidade do Padre João Felipe Bettendorf, discurso tradicional e conservador que dialoga fortemente com a construção de uma nova civilização moldada aos costumes europeus. Nessa disputa, recentemente, no ano de 2022, a tentativa de construção de um camelódromo municipal nesta mesma praça, suscitou debates populares e midiáticos sobre a destruição de objetos arqueológicos datados de períodos que antecedem a presença europeia no Baixo Amazonas, ou seja, anunciava-se a destruição de registros materiais dos povos originários desse território. Após mobilização de segmentos acadêmicos e movimentos sociais, associados à legislação vigente que deveria garantir a proteção do patrimônio cultural, a construção do empreendimento segue suspensa.

Nos parece, portanto, que esse monumento foi concebido como uma representação cênica da narrativa oficial sobre a origem da cidade, projeto civilizatório supostamente alcançado pelo “apaziguamento” dos conflitos inerentes a um território que já nasce complexo sob as perspectivas sociais, culturais, étnicas, econômicas, divergentes, inclusive, sobre a concepção do modo de ser e viver como um todo. Conforme assinala Loureiro (2002), a história dos homens da Amazônia estaria assentada sobre duas perspectivas centrais e conflitantes, sendo a primeira paradisíaca atrelada a magia da natureza, e a segunda ligada à violência, fruto da constante exploração e preconceito na região, como cita no excerto:

Os primeiros conquistadores e colonizadores não se conformaram em ver aquela terra, que lhes parecia ser o paraíso terrestre, ocupada por povos que julgavam bárbaros, primitivos, rudes, preguiçosos e, possivelmente desprovidos de uma alma! Dos primeiros séculos da colonização aos governantes, políticos e planejadores dos dias atuais, a história da Amazônia tem sido o penoso registro de um enorme esforço para modificar aquela realidade original. Trata-se de uma tentativa de domesticar o homem e a natureza da região, moldando-os à visão, à expectativa de exploração do homem de fora (estrangeiros no passado, brasileiros e estrangeiros no presente). (LOUREIRO, 2002, p.109)

Como especifica Márcia Chuva (2012, p.163) “a noção de patrimônio não é desinteressada” e, desta forma, a comemoração anual do aniversário do município na data de

22 de junho, tem mobilizado manifestações de movimentos indígenas e agentes do campo acadêmico-científico, descontentes com uma celebração pautada na memória histórica unidimensional, ou seja, “uma periodização construída a *posteriori* dos fatos em análise, que leva ao ocultamento de disputas, dos diferentes projetos e das incertezas do contexto histórico analisado” (CHUVA, 2012, p.148).

Nesse breve trajeto retrospectivo, percebemos que a efeméride municipal evidencia a existência de um contexto de lutas simbólicas sobre as visões que permanecem consagradas [ou não] no campo político, social e cultural da cidade. Por outro ângulo, diversos agentes sociais adentram no campo da disputa pela memória da cidade. Está subjacente ao caso exposto uma dúvida: quais memórias e histórias sobre Santarém e seus povos estão sendo narradas sobre o passado e para o futuro?

Memória e esquecimento caminham lado a lado, pois para lembrar é preciso o ato de esquecer, ou seja, selecionar aquilo que será recordado a partir do presente. De maneira filosófica, Walter Benjamin (1929, p.37) captura esse movimento de idas e vindas percorrido pela memória: “[...] para o autor que recorda, o principal não é o que ele viveu, mas o tecer de sua recordação, o trabalho de Penélope da rememoração ou seria preferível falar do trabalho de Penélope do esquecimento?”.

Sobre essa questão do recordar por meio do patrimônio, Márcia Chuva (2012) reitera que o campo do patrimônio brasileiro é atravessado por múltiplas batalhas e “na atualidade, a área do patrimônio engloba um conjunto significativo de questões de ordem política, de relações de poder, de campos de força e âmbitos do social”. A historiadora aponta que, na década de 1980, “a perspectiva ampliada de patrimônio cultural marcou um lugar vitorioso com a Constituição Federal de 1988. Tendo acompanhado o processo de ampliação do campo do patrimônio que se deu em todo mundo ocidental, o texto ocidental consolidou uma visão ampla e plural da identidade brasileira” (CHUVA, 2012, p.161).

Figura 2 - Registro fotográfico do Monumento São Pedro Pescador construído na década de 1970 na Praça do Pescador, em Santarém, Pará.



Fonte: Ferreira, 2022.

Como assinala Regina Abreu (2014), no âmbito global, o documento lançado pela Unesco em 1989, intitulado “Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular” gerou o seguinte contexto:

Uma dinâmica globalizada, onde o campo do patrimônio é apropriado com força surpreendente, sobretudo a partir dos anos oitenta do século XX, nos lugares mais remotos, imiscuindo-se em diversas atividades, das construções mais sóbrias aos ínfimos detalhes da vida cotidiana. (ABREU, 2014, p.15)

Vale ressaltar que, paralelamente à expansão da noção de patrimônio cultural, o século XX é considerado a era dos museus no Brasil. Soma-se ao conjunto de alterações significativas nas áreas da cultura, política e economia brasileira “a vontade dos governos em resguardar e disseminar o patrimônio e a memória cultural – seja como forma de representar uma nação utópica ou de tentar democratizar as manifestações” (LIMA, Y.; RANGEL, M.; 2019, p.01). Sobre os “anos dourados” dos museus brasileiros, Lima e Rangel (2019, p.3) observam:

Com o aparecimento do discurso da nova museologia, os profissionais de museus e os espaços expositivos tiveram que se adaptar a essas novas circunstâncias. Aqui, o museu não se limita mais a guardar relíquias do passado. Ele está envolvido com “práticas sociais complexas, que se desenvolvem no presente, envolvidos com criação, comunicação, produção de conhecimento, preservação de bens e manifestações culturais. (RANGEL, 2011, apud LIMA, Y.; RANGEL, M., 2019, p.3).

É nesse contexto de florescimento da noção de patrimônio que o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) registra que, no início do século XX, existiam cerca de 20 museus. Yazid Costa (2019) propõe um compilado sobre o crescimento do número de museus no Brasil:

Na década de 1950 já eram contabilizadas mais de 100 (cem) instituições. Em 1967, eram 232 unidades museológicas. O Anuário Estatístico do Brasil dava conta da existência de 1.225 museus em 1988, um aumento de 630% de museus públicos (municipais, estaduais e federais) e 385% no caso dos museus privados. Tal crescimento acompanhou os anseios da sociedade por lugares de memória, aliado a ações estatais que fomentaram a criação de instituições no país. É de se destacar o impacto da criação, em 1937, do Sphan (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que deu forma a atuação do Estado brasileiro perante o patrimônio nacional, inspirado pelo ideal modernista. É no conjunto das políticas de preservação do patrimônio histórico e artístico nacional que são criados alguns museus federais. (COSTA, 2019, p.124)

Figura 3-Intervenção arte muralista realizada em rua pública no bairro Liberdade, em Santarém, Pará, e alusiva ao cotidiano amazônico.



Fonte: Ferreira, 2023.

No Pará, o Estado conta com 57 museus, de acordo com dados disponíveis na plataforma Museusbr<sup>14</sup>. Os museus paraenses estão classificados nos seguintes tipos: 37 (tradicionais/clássicos); 04 (museus de território/ecomuseu); 03 (jardim zoológico, botânico, herbário, oceanário e planetário); e 12 (tipologia não informada). Desse total, Santarém possui três museus e estes têm a tipologia tradicional/clássico, sendo que todos estão localizados em áreas urbanas, especificamente, em áreas centrais do município.

Os três espaços museais de Santarém foram criados no final do século XX e início do XXI: Museu Centro Cultural João Fona (CCJF), Museu de Arte Dica Frazão e Museu de História e Arte Sacra de Santarém. O Museu Centro Cultural João Fona situa-se no bairro Prainha e os outros dois, Museu de Arte Dica Frazão e Museu de História e Arte Sacra de Santarém, estão localizados no bairro Centro. Os bairros são diferentes, porém todos esses equipamentos culturais ficam geograficamente próximos uns dos outros, em uma região formada por comércios, mercados, restaurantes e outros atrativos turísticos ao longo da orla situada às margens do rio Tapajós, conforme reitera Neves et al. (2021) no trecho abaixo:

Além da característica comercial, esse bairro (Centro) é um dos ambientes mais frequentados no município para atividades de lazer, como caminhadas, e por turistas devido sua proximidade com a orla da cidade e suas cinco praças: Mirante, Mascote, Pescador, Matriz e Rodrigues dos Santos. (NEVES et al, 2021, p. 02).

Fundado em 1991, o Centro Cultural João Fona (CCJF) é uma instituição pública municipal localizada no bairro Prainha. Construído entre os anos de 1853 e 1868 pelo engenheiro Marcos Pereira. Seu acervo é do tipo histórico:

Originalmente destinado a abrigar a Câmara Municipal e a Cadeia Pública, também foi utilizado como Intendência Municipal, Tribunal do Júri e Prefeitura, cumprindo várias funções públicas [...] único prédio tombado no município, foi alçado à centro cultural pela Lei Municipal nº13.791/91 [...] e carinhosamente designado como “museu da cidade”, em alusão às suas coleções de artefatos arqueológicos, documentos e outros objetos portadores de memórias locais. (CARVALHO, 2019, p. 95).

---

<sup>14</sup> Segundo dados contidos no Cadastro Nacional de Museus (CNM), no Brasil, há 3.905 museus mapeados. Recentemente, em 19 de janeiro de 2024, foi lançada a nova plataforma Museusbr, que promete aos usuários uma experiência mais dinâmica, com novas possibilidades de busca, painel analítico interativo e a disponibilização de relatórios e outros materiais produzidos a partir das informações coletadas desde 2006 até hoje. A plataforma Museusbr tem como objetivo apresentar à sociedade, com transparência, o setor museal. O Cadastro Nacional de Museus e todos os dados estão disponíveis em: <https://cadastro.museus.gov.br/> Acesso realizado em 10/02/2024.

O Museu de História e Arte Sacra de Santarém é privado, foi inaugurado em 2003, e localiza-se no bairro Centro ao lado da Catedral de Nossa Senhora da Conceição. O prédio foi adquirido pela Diocese de Santarém e reúne um acervo composto por imagens e objetos litúrgicos. Atualmente, o Museu, a Rádio Rural e a TV Encontro são gerenciados pela Fundação Cultural Dom Tiago.

Figura 4-Fotografia da Ordenação Episcopal de Dom Lino, óculos e mitra da ordenação, do acervo do Museu de História e Arte Sacra de Santarém, Pará.



Fonte: Fb/Diretoria de Cultura da Ufopa/Proce, 2019.

Link de acesso: [https://www.facebook.com/CulturaUFOPA/photos\\_albums?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/CulturaUFOPA/photos_albums?locale=pt_BR)

Figura 5-Fragmentos de cerâmica do CCJF.



Fonte: Ferreira, 2023

Figura 6-Fachada do Centro Cultural João Fona.



Fonte: Ferreira, 2023

O Museu Dica Frazão completa a lista de museus localizados em Santarém. É uma instituição de natureza privada, localizada no bairro Centro, fundada em 1999, quatro anos antes de ser aprovada, no Brasil, a Política Nacional de Museus - PNM (2003). Antes do espaço ser considerado um Museu, também foi a casa e o ateliê de Dona Dica por mais de 40 anos. Quando criado, completava cinco anos que o Museu Centro Cultural João Fona (CCJF), após reformas no prédio, havia recebido artefatos para compor um espaço museal em Santarém. Recentemente, a Prefeitura de Santarém aprovou a Lei Nº 21.864, de 22 de dezembro de 2022, que declarou o Museu de Arte Dica Frazão e seu acervo Patrimônio Histórico e Cultural Material no Município de Santarém.

Podemos constatar que o século XXI presenciou a consolidação de políticas culturais específicas para os museus do Brasil, predispondo o fortalecimento, a gestão e o desenvolvimento de instituições museológicas e seus acervos. Entre as principais políticas

criadas estão: a criação do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) com a assinatura da Lei nº11.906, de 20 de janeiro de 2009; o Estatuto de Museus (Lei 11.904/2009); a Política Nacional de Museus (PNM) lançada em 16 de maio de 2016, em meio às comemorações do Dia Internacional de Museus, no Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro; a Política Nacional de Educação Museal (PNEM) regulamentada pela Portaria Ibram nº605, de 10 de agosto de 2021; e o Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM / 2010-2020). Pesquisadores, estudantes, responsáveis pelos museus, coletivos e sociedade civil, têm se mantido, ao longo dos últimos cinco anos, mobilizados em prol da continuidade e efetivação das políticas públicas voltadas ao setor museológico, apesar das tentativas de fragilização dele. Desde 2023, com a recriação do Ministério da Cultura (MinC) e a retomada da reestruturação dos órgãos vinculados a este ministério, sob nova gestão, o Ibram tem voltado esforços para “retomar o diálogo com parceiros importantes do setor de museus e prioriza pautas como cooperações técnicas, fomento e gestão compartilhada e participativa” (Informação verbal)<sup>15</sup>

Figura 7- Sala principal do Museu de Arte Dica Frazão.



Fonte: Ferreira, 2023.

<sup>15</sup> Notícia sobre a atuação da atual presidenta do Ibram, Fernanda Castro, publicada no site do Ibram em 23/03/2023 e atualizada em 11/04/2023. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/noticias/retomada-do-dialogo-com-o-setor-marcam-os-primeiros-60-dias-da-nova-gestao-do-ibram>

Considerando os avanços e retrocessos na política pública destinada ao setor museológico, embora práticas e discursos sejam ressignificados e ampliados, no que diz respeito aos museus e patrimônios culturais, não podemos perder de vista que estas áreas são atravessadas por lutas constantes por poder, hegemonia e prestígio. Como explica Canclini (2019):

O patrimônio é o lugar onde melhor sobrevive hoje a ideologia dos setores oligárquicos, quer dizer, o tradicionalismo substancialista. Foram esses grupos [...] os que fixaram o alto valor de certos bens culturais: os centros históricos das grandes cidades, a música clássica, o saber humanístico. (CANCLINI, 2019, p.160)

O autor propõe um olhar crítico sobre o papel dos museus na contemporaneidade rejeitando a ideia perpetuada de que são meros “depósitos do passado” (CANCLINI, 2019, p. 170) e destaca que, ainda, poucos museus na América Latina conseguem subverter o aspecto de preparação amadora de suas exposições.

A Santarém do final do século XX viu nascer espaços museais distintos, mas que poderiam ser pensados sob recortes interessantes: o Museu Centro Cultural João Fona (CCJF) como um museu de relíquias que miscigena fatos da origem do Tapajós aos feitos políticos da região; o Museu de História e Arte Sacra da Diocese de Santarém, que busca sintetizar a presença religiosa católica no município; e o Museu de Arte Dica Frazão como um museu doméstico que valoriza um trabalho feito à mão que reelabora materiais oriundos da floresta amazônica transformando-os em objetos diversos de qualidade estética singular.

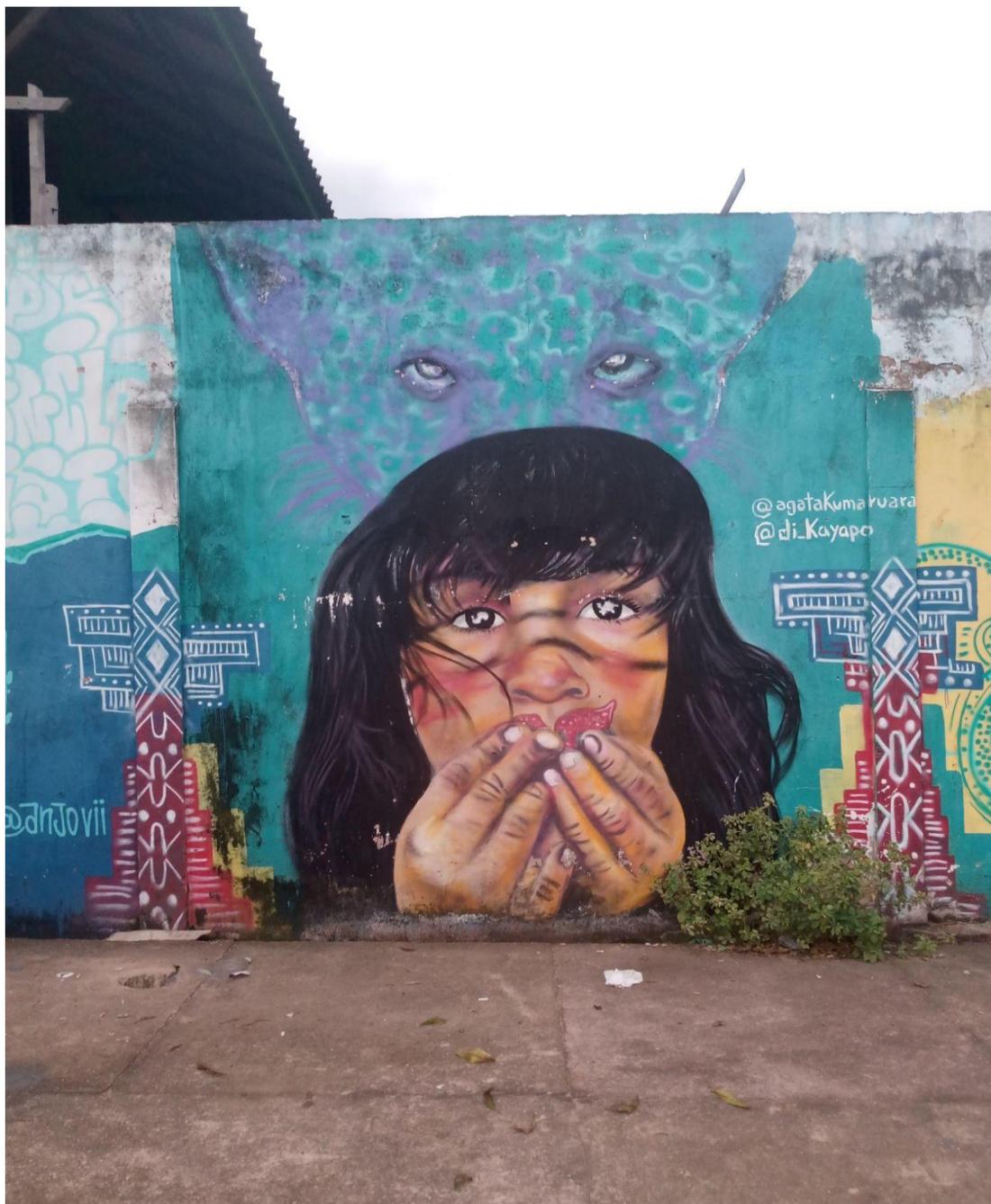
Observando as diversas possibilidades de museus, notamos que se amplia em nosso tempo tanto a noção de patrimônio cultural, quanto às formas de narrar as memórias, posto que ambas são construções sociais. Livros, fotografias, músicas, roupas, são, na prática, suportes social e culturalmente produzidos e que podem evocar sentimentos, afetos, lutas e lembranças de alguém ou de uma comunidade.

Ulpiano de Meneses (2009, p.35) repele a separação material versus imaterial e explica que o valor cultural é composto pela imbricação de várias vertentes (afetiva, pragmática, formal, cognitiva, ética), posto que “eles não existem isolados, agrupam-se de forma variada, produzindo combinações, recombinações, superposições, hierarquias diversas, transformações e conflitos” (MENESES, 2009, p.35).

“O direito à memória e à preservação do patrimônio cultural de distintos grupos constitui um exercício de cidadania importante para fundamentar as bases das transformações sociais necessárias para a coletividade” (PELEGRINI, 2007, p. 89). Por conseguinte, em uma

sociedade tão diversa como a santarena, composta por tantos matizes culturais, étnicas, sociais, econômicas, éticas, artísticas, vale apostar na renovação do olhar em torno dos patrimônios, a fim de dinamizar e proporcionar novos repertórios culturais.

Figura 8- Arte muralista de Diego Godinho e Agata Kumaruara em rua pública em Santarém, Pará.



Fonte: Ferreira, 2023.

## 2.2. Semióforos, Coleções e Significados

O museu surge do hábito humano de colecionar objetos, desde os tempos remotos, seja pelo seu valor afetivo, cultural, estético ou material. “Com a consolidação permanente do espaço museu, os focos de interesse foram se multiplicando” (COSTA, 2017, p.3). No Brasil, “as primeiras instituições museais surgiram como espaços destinados a musealizar a natureza e os habitantes que ali estavam antes da chegada dos portugueses, sendo por isso, considerados lugares estratégicos para o desenvolvimento econômico da metrópole” (RANGEL, 2015, p.78). Chagas (2009) apresenta estudos confirmando que as primeiras experiências museológicas no Brasil remontam ao século XVII:

Com a instalação de um museu no Palácio de Vrijuburg, em Pernambuco, durante o governo Maurício de Nassau. Temos, em seguida, a Casa de História Natural, conhecida como Casa de Xavier dos Pássaros, criada em 1784, no Rio de Janeiro”. No século XIX muitos museus foram criados para a guarda de bens ou artefatos que pudessem guardar íntima relação com a ideia abstrata de identidade nacional. (CHAGAS, 2009, p.64)

Todavia, a partir da segunda metade do século XX, surgiram museus ancorados em abordagens interdisciplinares. Na década de 1970, destaca-se a Mesa redonda de Santiago do Chile sobre o papel dos museus na América Latina, realizada em 1972, considerada como um dos eventos mais marcantes para a área museal, para o desenvolvimento de políticas públicas e um paradigma para as atividades museológicas, delineando uma nova prática social dos museus (IBRAM, 2018, p.16).

Regina Abreu (2015, p. 69) mostra que a criação da Unesco, nos anos 1940, marcou a busca pela paz e a promoção do intercâmbio entre as culturas, evidenciando o conceito antropológico de cultura. A antropóloga registra que no final dos anos 1980, particularmente com o lançamento, pela Unesco, da Recomendação de Salvaguarda das Culturas Tradicionais e Populares, em 1989, quando as políticas preservacionistas passaram a ser normatizadas por fóruns internacionais com a permanência da Unesco. A esse conjunto de movimentos em prol do reconhecimento das singularidades, Regina Abreu (2015, p.69) chama de “patrimonialização das diferenças”. Esse olhar sobre as particularidades culturais e singularidades também é observado nos museus e no reconhecimento da musealização do cotidiano pela nova museologia.

Nesse contexto, observamos que as mudanças conceituais e históricas acerca do papel das instituições museais foram decorrentes dos processos de revisão crítica da função atribuída aos museus, questionando as tradicionais visões nacionalistas e de dominação presentes nesses espaços. O “apogeu culturalista” (MOTTA e TOMASO, 2021, p.3), inaugurado por Franz Boas, fortaleceu o reconhecimento da pluralidade cultural entre os povos e a diversidade de funções e significados atribuídos aos objetos de coleções museológicas. Novos significados passam a ter visibilidade nos museus, posto que:

Inicialmente identificados como projetos de construção da nacionalidade, alguns museus adquiriram no presente novos significados sociais e políticos e, por isso, já não são pensados unicamente como espaços de produção de memórias nacionais hegemônicas nem como lugares para conservação de relíquias. (MOTTA e TOMASO, 2021, p. 3).

Têm-se ampliado, entre os profissionais do campo da museologia, a noção de que os museus podem (e devem) assumir um papel de plurissignificação, estimular a presença de temáticas “fora da caixa”, discutir problemáticas sociais, muitas vezes, mobilizando esforços para visibilizar pautas e contextos, que despertem novos olhares e reflexões, a partir das obras expostas ao público. Sobre esse espectro de significados assumidos pelos objetos que integram os museus, Tolentino (2014, p.45) comenta sobre a “danação do objeto”, de que fala Francisco Régis Lopes Ramos (2008), explicando que “nas exposições museológicas, os objetos perdem as suas funções originais, as vidas que tinham fora do museu, e que lá passam a ter outros valores, regidos pelos mais variados interesses” (RAMOS, 2008 apud TOLENTINO, 2014, p. 45).

Nesse panorama, a nova definição de museu aprovada em 2022 durante a 26ª Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus (Icom), em Praga, capital da República Checa, tenta reunir, em um conceito, a amplitude do que seria um museu, dada as diversas maneiras de pensarmos esse espaço e seus objetos na atualidade, e, ainda, responder aos desafios contemporâneos trazendo noções de sustentabilidade, comunidade, diversidade e inclusão, estimulando o debate sobre o porquê da existência dos museus.

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento. (Icom, 2022).

No Brasil, a Lei Nº11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus, já possui características que relacionam os museus a estarem a serviço da comunidade, ao desenvolvimento de um conjunto de ações que visem cuidar do patrimônio e estreitar a relação com e para diversos públicos, afirmando em seu primeiro artigo que:

Art. 1º. Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. Parágrafo único. Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades. (BRASIL, 2009)

Como podemos observar, as pautas que motivam a existência dos museus modernos podem ser diversas. Por conseguinte, os objetos musealizados também o serão. Mas o que qualificaria um objeto à condição de museológico?

Pomian (1984) aponta que, por meio da linguagem, o homem atribui significado a alguns objetos. Nesse contexto, os objetos estariam divididos entre aqueles que são úteis (bens de subsistência) e os que são significantes (representam o invisível), e nenhum objeto conseguiria reunir em si os dois valores simultaneamente.

Em suma, os semióforos seriam aqueles “objetos que não têm utilidade, no sentido que acaba de ser precisado, mas que representam o invisível, são dotados de um significado; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura” (POMIAN, 1984, p. 71).

A exposição ao olhar é algo que se relaciona com o museu. Neste equipamento cultural há uma certa celebração e qualificação dos significados por meio dos objetos ali selecionados e expostos ao público. A interação com o semióforo é através do visual. E a linguagem materializa os sentidos neles contidos. Sem valor de uso, os semióforos possuem qualidades implícitas:

[...] é o seu significado que funda o valor de troca das peças de coleção. Estas são preciosas, o que quer dizer se lhes atribui valor, porque representam o invisível e participam, portanto, da superioridade e da fecundidade de que este é inconscientemente dotado. Enquanto semióforos são mantidos fora do circuito das atividades econômicas porque é apenas deste modo que podem desvelar plenamente o seu significado. (POMIAN, 1984, p. 72)

Figura 09- Item nº53 da coleção, cesta de palha de junco, rosas em palha de milho, flores em caule da palha do açai e outros.



Fonte: Ferreira, 2023.

A coleção do Museu Dica Frazão é majoritariamente composta por objetos-réplica. Em outras palavras, a artista selecionou os objetos que considerava preciosos para retratar sua trajetória e seu trabalho manual. Imaginando-se insubstituível e detentora de uma memória incomparável, Dica Frazão optou por reproduzir um a um os objetos que marcaram sua história no período entre as décadas de 1949 e 1998. Destinados ao olhar dos visitantes do museu, que viria a ser inaugurado em 1999, a seleção da artista não se deu pelo valor de uso, que já não é a finalidade deles, mas pelo seu significado invisível. Para ela o que interessa em cada objeto não é como será utilizado, mas a expectativa da representação de algo invisível que será exposto ao público. O historiador Yazid Costa (2020) explica que a musealização é:

Um processo científico de valorização do patrimônio que é removido de seu contexto de origem, ganhando estatuto de museal, por meio de um conjunto de atividades relacionadas à preservação, pesquisa e conservação. [...] Os objetos musealizados tornam-se *museália*. (COSTA, 2020, p.108)

O autor, neste caso, reforça a noção de que os objetos são retirados do seu lugar de origem para que sejam considerados museais. Contudo, evitamos entender tal conceito como algo “cristalizado”, tendo em vista que os sentidos de um objeto musealizado é algo considerado dinâmico.

Para Waldisia Guarnieri (1990 apud CURY, 2006, p. 24) a musealização pode ir além da transferência de objetos de um lugar para outro e se concentra na capacidade de informação obtida por meio dos objetos, compreendendo três características essenciais: a documentalidade, a testemunhalidade e a fidelidade. O pensamento de Guarnieri (1990 apud CURY, 2006, p.24) centra-se em preservar, ensinar e comunicar algo para alguém. “Se inicia uma valorização seletiva, mas continua no conjunto de ações que visa à transformação do objeto em documento e comunicação” (CURY, 2006, p. 25).

Por conseguinte, inferimos que para selecionar, preservar e comunicar algo em um museu é necessário ter um “olhar museológico”, espécie de *feeling* para observar se aquele objeto possui caráter documental significativo a ser apresentado às pessoas quando visualizado em uma exposição. Dica teve esse olhar diferenciado, percebeu que aqueles objetos poderiam sim, documentar sentidos invisíveis, visto que, ao desaparecerem, estariam levando consigo, não só a sua trajetória, mas as memórias da comunidade daquela época, outro tempo-espço. Conforme define Cury (2006):

Musealizamos porque os objetos possuem a sua musealidade (qualidade histórica, antropológica, sociológica, técnica, artística, econômica, etc). A musealidade é uma qualidade atribuída e pode ocorrer por critérios de especialistas e/ou pelo público por meio da sua participação nos processos de muzealização. [...] A museologia reserva aos museus, no seu sentido mais amplo, o seu caráter de meio de comunicação. (CURY, 2006, p. 33 - 37).

Analisando os itens que compõem a coleção do Museu Dica Frazão percebemos que a seleção e a organização cronológica deles obedece ao desejo de memória de sua titular. Como frisamos anteriormente, a maioria dos itens catalogados são objetos-réplica de produtos confeccionados há décadas e que demonstram um cuidadoso ato de documentar e preservar aquilo que foi vivido pela artista. Bertonha (2007) assinala que a memória nem sempre é única ou uniforme, pois a lembrança é um ato realizado a partir do presente e será atravessada pela subjetividade do agente social que a exercita.

A historiografia tem procurado compreender, dentro dos mais diferentes temas, como os vários agentes históricos (pessoas, classes, grupos políticos, movimentos sociais,

etc.) interpretam e reelaboram o seu próprio passado, assim como a maneira com que esses agentes procuram difundir e popularizar essa memória dentro da sociedade. (BERTONHA, 2007, p.112)

São recorrentes nos depoimentos de Dica Frazão, por ocasião das entrevistas concedidas aos veículos de comunicação, um desejo de ser “reconhecida” junto ao poder público local, tanto pelos seus feitos artísticos, quanto por “levar o nome da arte e da cultura santarena” mundo à fora. Vejamos trecho de uma entrevista de Dica Frazão concedida à TV Record News Santarém, em 07 de maio de 2012:

Tem um vestido aí [no museu] que o buquê é todo pena de ganso, tem peça que veste a rainha da Bélgica, peça do Juscelino Kubitschek, peça que tá no Vaticano, peça que foi pro exterior, do Boi Bumbá Parintins Amazonas, tudo tem aí, coisa mais linda do mundo. Eu fui ganhando essa fama tão grande que hoje eu sou mundialmente conhecida. Aliás, o museu já está consagrado assim, para o Pará, para o Brasil e para o mundo. [...] O artista a gente não é cuidado como devia. A única ajuda é a luz que a prefeitura paga, somente. Mas a manutenção toda eu que dou, aguento com minha pensão, tudo, tudo, tudo. Nada até agora. Ainda tenho esperança que tudo vai se normalizar comigo viva ainda. Temos muitos vestidos, temos mais de 20 peças de roupas guardadas, pronta, catalogada, que não está no mostruário porque não tem vitrine e nem manequim. Espaço tem. (Informação verbal)<sup>16</sup>

A artista paraense concebeu uma coleção que articula, a meu ver, algumas características fundamentais: registra uma imagem positiva de si e de sua trajetória profissional enquanto uma artista que representa a arte e a cultura santarena; as peças, sejam vestuários ou de uso doméstico, exaltam um trabalho manual único, uma vez que ela não deixou seguidores que pudessem dar continuidade às suas técnicas criativas; é recorrente a valorização da matéria-prima vinda da floresta, que reforça seu vínculo com a região amazônica e a posição de destaque que imaginava ocupar por trabalhar com fibras, palhas, sementes e entrecasca da madeira.

Dica Frazão foi a principal responsável por reunir suas obras e premiações, narrar sua história, ou seja, selecionar aquilo que passaria pelo processo de muzealização. Ela desejou que o público conhecesse o valor atribuído às suas criações e ao seu trabalho inovador. A utilização de matéria-prima advinda da floresta despertou a admiração de agentes políticos, religiosos (como o Papa João Paulo II) e outras personalidades e eventos festivos da região Norte ou fora dela. Conhecer o pensamento de Dica Frazão e seu esforço para manter-se viva na história sobre

---

<sup>16</sup> Notícia dada por Dica Frazão no ano de 2012 para o jornalista Fábio Barbosa, na época, realizando reportagem para a Record News Santarém. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4OwcpUFENsk>

a arte e a cultura santarena, permite uma relação mais íntima entre a artista, a obra e o público. Rizzi (1998 apud CURY, 2005) fala sobre a interação entre museu e exposição:

O exercício da apreciação em museus e exposições tem como uma das finalidades reduzir a lacuna existente entre o que estimulou o autor (ou artista) a fazer o artefato (ou obra) e o fruidor, permitindo que uma multiplicidade de significados sejam expressos, interpretados, compartilhados e revelados. (RIZZI, 1998, 218 apud CURY, 2005, p. 39)

Para além das peças catalogadas no acervo, percorrendo os cômodos da casa-museu, podemos observar que as premiações e honrarias estão, ou dispostas nas paredes, ou guardadas em uma vitrine repleta de troféus. Nas duas situações, o público que visita o museu pode passear os olhos por uma sequência de homenagens. Ou seja, Dica Frazão guardava tudo aquilo pelo qual gostaria de ser lembrada. A fase de premiações ocupa principalmente o período a partir de 1972 e nos parece que tais homenagens reforçam o argumento de ser imaginada como a representante da arte e da cultura santarena.

“É possível perceber, contudo, para muitas pessoas, existe o que chamo de “tempo referencial”, aquele em que a pessoa vive o seu momento chave, especial e a partir do qual todas as suas experiências posteriores são comparadas ou avaliadas” (BERTONHA, 2007, p. 116). No caso de Dica Frazão, seu momento de transição do ser modista, uma costureira de roupas para as senhoras, para o ser artesã e artista, marcou profundamente sua trajetória e a sua autoimagem. Seus primeiros trabalhos foram flores de penas de pássaros, ventarolas, leques de raiz de patchuli. O catálogo do museu começa sua lista de artefatos com a descrição do item número 1, um leque de penas, réplica da primeira peça criada pela artesã Dica Frazão, cuja matéria-prima foram penas coloridas retiradas de aves domésticas e bordados executados com as próprias penas, identificando como tempo referencial o ano de 1949.

Na sequência, o segundo item do catálogo<sup>17</sup> do museu é uma réplica de uma toalha de mesa que foi encomendada pelo prefeito de Santarém, na década de 1950, Dr. Armando Lages Nadler e sua esposa Dona Carolina Nadler, para presentear o presidente do Brasil, Dr. Juscelino Kubitschek. Na descrição destaca-se como matéria-prima a raiz do patchuli, detalhes em renda recheliê e contorno em renda de palha de buriti, como bordados em veludo nas cores vermelho e grená. O tempo referencial desse artefato é o ano de 1957. Nem todos os itens catalogados

---

<sup>17</sup> A descrição dos 57 itens que compõe o acervo do Museu Dica Frazão está disponível à integra ao final deste trabalho, no anexo.

possuem uma descrição detalhada, mas aqueles que justificam sua habilidade artística trazem o contexto histórico em que o artefato foi criado ou por quem ou onde foi utilizado, a fim de “formar as imagens de si que considerava dignas de serem lembradas” (BERTONHA, 2007, p. 117).

Neste sentido, a coleção surge como um mecanismo capaz de reconstruir o mundo particular do indivíduo por meio dos objetos abstraídos de sua função. Para Baudrillard (2009) quando um objeto é qualificado pelos sentidos atribuídos pelo indivíduo e não somente pelo valor de uso, estaremos diante de um objeto que pode ser abstraído e sentido de forma apaixonada, ou seja, “a coleção [...] pode nos servir de modelo pois é nela que triunfa este empreendimento apaixonado de posse, nela que a prosa cotidiana dos objetos se torna poesia, discurso inconsciente e triunfal” (BAUDRILLARD, 2009, p. 95).

O que nos interessa nesta citação sobre as coleções é “a prosa cotidiana dos objetos se torna poesia”, visto que a organização da memória não é um contínuo sem lacunas, pelo contrário, o lembrar proposto no Museu Dica Frazão constitui um projeto idealizado pela sua titular, porém nunca estará acabado, posto que seu público dará a dimensão interpretativa, segundo sua experiência, subjetiva e coletiva. “Há várias maneiras de entender o que é a memória, dependendo da área do conhecimento, da época e da cultura que considerarmos [...] memória pressupõe registro – ainda que tal registro seja realizado em nosso próprio corpo. Ela é por excelência seletiva” (MUSEU DA PESSOA, 2009, p. 14).

Desse modo, Dica Frazão concebe o “seu museu” ciente de que ali poderia inserir-se no contexto da memória social de Santarém e mostrar, para as futuras gerações, aspectos de sua vida pública e vida particular. “Para Halbwachs, lembrar não é reviver mas reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje as experiências do passado. A lembrança é uma imagem criada com as ferramentas que temos agora à nossa disposição” (BARBOSA, 2007, p.8). A artista-artesã Dica Frazão tinha muita afeição pelas vestimentas, bonecas, leques, toalhas, chapéus e bolsas que havia criado no tempo pós-modista, ou seja, quando começou a usar matéria-prima da floresta, a partir do ano de 1949.

Ela foi bem-sucedida ao estabelecer essa conexão entre a imagem de um trabalho manual único, sem seguidores e difícil de copiar, e a identificação com a biodiversidade amazônica obtida pela utilização da matéria-prima da floresta, tais como fibras, palhas, sementes e entrecasca da madeira, transformando-os nos mais variados produtos, exportados para a capital do Pará, Belém, e levando o nome de Santarém para cidades como Rio de Janeiro,

Brasília e países no exterior. A coleção do museu nos parece que busca retomar o prestígio de um tempo passado, agora, trazido para o presente, por meio dos artefatos.

### **3 O MUSEU DE ARTE DICA FRAZÃO**

### 3.1. O percurso de Dica Frazão

Filha primogênita de um agricultor e uma dona de casa, Raimunda Rodrigues Frazão nasceu em 29 de setembro de 1920, em Capanema, cidade localizada na região bragantina do Pará. Estudou até a 4ª série primária, auxiliava nas tarefas domésticas e no cuidado dos irmãos mais novos. Sua mãe faleceu após o parto do irmão caçula, Evaristo, quando Dica tinha 12 anos de idade. Dois anos mais tarde, após o desaparecimento do pai, Manoel Franklin, Dica, embora muito jovem, tornou-se a única responsável pelas crianças da casa. Ela permaneceu em Capanema, onde trabalhava na roça durante o dia e costurava durante a noite. “Seu pai saiu de casa dizendo que voltaria em três dias e sumiu. De herança, deixou uma nota de 20 mil réis e os sete filhos mais novos para Dica criar” (SENA, 2014, p.21).

Aos 20 anos de idade, em 1940, Dica casou-se com Severino da Silva Frazão, de quem herdou o sobrenome pelo qual tornou-se conhecida até hoje. No ano seguinte, em 1941, acompanhando o marido, que trabalhava como policial militar, ela migrou, primeiro, de Capanema até Belém, depois seguiu para a cidade de Tomé-Açu, retornaram para Belém, até que Severino Frazão fosse, enfim, destacado para cumprir serviço em Santarém, em 1943.

Eu estava revoltada com o problema dos meus irmãos que precisavam estudar e eu não parava. Quando eu tinha que viajar Dr. Emir, eu precisava vender tudo que tinha, desde pratos, tudo que eu possuía, para conseguir dinheiro das passagens daquela família imensa, pois eu não podia deixar ninguém, como nunca deixei. (DICA FRAZÃO, 1990 apud SENA, 2014, p. 28).

Nas primeiras décadas do século XX, as condições de subsistência no interior do Pará não se mostraram promissoras, Maricilde Coelho (2008, p.12) relata em sua tese que “no interior do Estado, onde estava concentrada a maior parte da população, a renda sobrevivinha [...] da pesca artesanal e do extrativismo vegetal da madeira, das sementes oleaginosas e da borracha natural”. Tal afirmação vem ao encontro dos relatos de dificuldades de Dona Dica para garantir o sustento dos sete irmãos, enfrentando, inclusive, uma dupla jornada de trabalho diária para que não passassem fome. Maricilde Coelho (2008, p.12) aponta que o declínio do comércio da borracha, a ausência de indústrias para beneficiar produtos extraídos da floresta, associados à dificuldade no fornecimento de gêneros alimentícios e mercadorias para o interior do Estado, acarretou o grande fantasma da carestia no interior do Pará.

Nas memórias sobre sua chegada a Santarém a artista frisa uma relação de afeto e de esperança com a cidade onde decidiu se estabelecer com a família. Chegando de navio, após oito dias de viagem entre Belém e Santarém, Dica desembarcou na beira [orla do rio Tapajós] com suas crianças e logo avistou uma praça e uma igreja. Significou muito para ela saber que ali havia uma igreja de Nossa Senhora da Conceição. Era um sinal de que havia chegado a hora de contar com ajuda da santa. Sem saber o que fazer para conseguir dinheiro ou ter um lugar para morar, ela guardou por anos um segredo: prometeu à Nossa Senhora da Conceição que se conseguisse criar os sete irmãos e casar todos eles, todos poderiam ir embora para outras terras, menos ela. Seria enterrada em Santarém. Essa promessa marcou sua experiência religiosa e comunitária, reforçando para ela a ideia de que estava destinada a ficar naquele lugar.

[...] eu quero começar a dizer para vocês que sou santarena de coração. No dia 09 de janeiro de 1943 eu estava chegando na cidade, naquele antigo navio que não existe mais, o Rio Tapajós. Até me recordo muito dessa viagem longa que fizemos de Belém a Santarém, gastando oito dias de viagem naquele navio. (...) A minha primeira impressão foi ótima porque quando eu enxerguei a igreja de Nossa Senhora da Conceição, Dr. Emir, eu senti uma força muito grande. Não sei nem porquê que isso aconteceu, mas deve ter sido porque eu fui batizada com oito dias que eu tinha nascido, numa capela que existia no ramal do Maracanã que pertencia ao município de Capanema. Esta igreja era de Nossa Senhora da Conceição, onde minha mãe, que era muito católica, era zeladora. (Dica, 1990 apud SENA, 2014. p. 26 e p. 28)

Autodidata, não teve formação ginasial ou universitária e, antes de começar a efetivamente trabalhar com o artesanato, que a tornou reconhecida na região, Dica Frazão, aos 23 anos, já atuava como modista e florista, habilidades adquiridas muito jovem, tirando moldes dos ternos e calças deixados para trás pelo pai. “Sem saber o que eu ia fazer porque eu era modista, florista, trabalhava dia e noite junto com eles [os irmãos] pra gente poder sobreviver, que eu não podia contar com o ordenado do meu marido que era um soldado da polícia militar” (Dica, 1990 apud SENA, 2014, p. 30).

Tais memórias registradas na publicação “A divina artesã” (SENA, 2014), organizada por Cristovam Sena, da qual retiramos trechos de seus relatos, revelam, de alguma forma, que tanto o pioneirismo como a criatividade, são características que irão permear de forma constante essa narrativa sobre seu percurso familiar e profissional. Como assinala Renato Janine Ribeiro (1998, p.35) “O que os arquivos pessoais podem atestar, o que o desejo de guardar os próprios documentos pode indicar, será esse anseio de ser, *a posteriori*, reconhecido por uma identidade digna de nota”.

Figura 10 -Fotografias de Dica Frazão, na juventude, penduradas na parede da casa-museu.



Fonte: Ferreira, 2023.

Entre 1943 e 1948, Dica e sua família tiveram vários endereços, primeiro na Avenida Rui Barbosa, seguindo para o bairro Aldeia, depois próximo da antiga Fortaleza [Morro da Fortaleza], até, enfim, chegar à casa da Rua Floriano Peixoto [atual Rua Wilson Fonseca], seu último domicílio, no bairro Centro. Dica aumentava seu círculo de amizades: vizinhos, compadres, catraieiros, missionárias da Diocese de Santarém, artistas, historiadores, senhoras da elite santarena e comerciantes, redes de contatos que possibilitaram que ela recebesse apoio para difundir suas criações e ter testemunhos sobre. “Meus vizinhos eram o pai do Cristovam, seu Boanerges, o Boa e a dona Enilda, que hoje graças a Deus a gente ainda tem a Mariana, continuamos vizinhos” (SENA, 2014, p. 33).

E essas relações foram essenciais para a divulgação “boca a boca” de seu trabalho. “Então eu era a primeira modista da cidade e quem fazia um vestido comigo não queria mais deixar” (SENA, 2014, p.33). A festa de réveillon, no ano de 1948, viria a se tornar o ponto de partida do seu trabalho com o artesanato. Reconhecida como exímia costureira das senhoras (modista), Dica é solicitada pela esposa de um importante comerciante de Santarém a confeccionar uma “flor de penas” para um vestido negro. Ela queria algo que atribuísse certo

diferencial ao traje. As penas de uma arara trazidas pela própria cliente foram transformadas em duas rosas “feitas à mão” e aplicadas à roupa. Segundo narra, sucesso absoluto.

Aos 29 anos, o dia 1º de janeiro de 1949 se tornou um marco importante sobre seu acesso ao campo artístico, uma espécie de fronteira, seu “tempo referencial” (BERTONHA, 2007), entre o antes e o depois. O sonho inspirador seria narrado constantemente pela artista:

Pode até as pessoas dizerem que isso é brincadeira, demagogia minha [...] É pura verdade, aconteceu que eu dormi pensando nas penas e sonhei Dr. Emir, sonhei que eu fazia um enfeite tão bonito que eu colocava na parede e aquilo parecia uma cauda de pavão” (DICA FRAZÃO, 1990 apud SENA, 2014, p. 37).

Dando materialidade a sua premonição de que a nova peça artesanal faria sucesso entre as clientes, Dona Dica conseguiu confeccionar o primeiro exemplar de uma ventarola cuja base era feita de tecido engomado e decorada com penas coloridas. Seria a primeira, de várias, uma verdadeira “moda” entre as senhoras de Santarém.

Figura 11 - Leque de penas na vitrine do Museu de Arte Dica Frazão, em Santarém, Pará.



Fonte: Ferreira, 2023.

Dica Frazão era uma mulher jovem, mãe, que tinha senso de oportunidade empreendedora, quando o assunto era inovar e despertar o interesse dos clientes potenciais. As ventarolas começaram a ser levadas por algumas senhoras para presentear amigos e parentes no Rio de Janeiro. Não demorou para que as primeiras encomendas “oficiais” fossem chegando. O primeiro pedido veio de Dácio Campos [um agente da Panair que levaria as peças para o Rio de Janeiro] e foi nessa ocasião que resolveu criar um leque. O segundo pedido surgiu da relação de amizade que tinha com a família de Altino Brito Pontes (proprietário da loja Buraco Cheiroso, em Belém). O empresário encomendou os leques, mas Dica viu que seria uma chance de ampliar o mercado para a capital do Pará. Nas palavras de dona Dica:

Enviei junto acompanhando um mostruário com modelos de bolsas, chapéus, cintos, porta-níqueis, porta-camisola. Tudo já tecido na raiz do patchuli, porque na proporção em que eu tecia o patchuli pra fazer o cabo do leque já me veio a ideia de fazer mil coisas daquilo. (...) Aí já ficou, como se diz, uma coisa consagrada (DICA FRAZÃO, 1990 apud SENA, 2014, p.45-46).

Figura 12- Chapéu confeccionado da entrecasca da madeira. Está no Museu de Arte Dica Frazão, em Santarém, Pará.



Fonte: Ferreira, 2023.

Figura 13 - Conjunto de bolsa e chapéu em fibra vegetal. Museu de Arte Dica Frazão, em Santarém, Pará.



Fonte: Ferreira, 2023.

Aos 40 anos, na década de 1960, ela havia diversificado seu “portfólio” de produtos artesanais e matérias-primas. Testando palhas e fibras descobriu que poderia utilizar inajá, tucumã, açai, taperebá e malva. A cada descoberta, novas ideias surgiam:

A casca do taperebá tem um relevo tão lindo, tão bonito que parece assim que foi trabalhado pela mão do homem. [...]Aí eu cortei um pedaço daquela casca e levei para casa. Dali comecei a confeccionar os trabalhos, fazendo com aquelas cascas porta-joias, cinzeiros (DICA FRAZÃO, 1990 apud SENA, 2014, p. 56).

A esta altura, algumas moças passaram a auxiliar Dona Dica na produção de artefatos em maior quantidade. Elas aprendiam a pré-produzir partes das ventarolas, alças para as bolsas, pétalas em tecido, preparar as penas dos pássaros antes da aplicação etc. É nessa mesma época que Dica faz duas descobertas importantes: a fibra do tururi que vinha do Xingu e a entrecasca da madeira retirada pelos índios Tiriós e Mundurucus.

Considerada por seus contemporâneos uma profissional inovadora, é possível que Dona Dica esteja entre as estilistas que começaram a utilizar a fibra do tururi, para confeccionar

roupas e acessórios, por volta do ano 1962. Foi nessa época que um amigo aviador, quando visitava o Xingu, notou que as folhas da palmeira ubuçu eram muito utilizadas para cobrir as casas da região, contudo, a fibra que revestia o cacho da palmeira era descartada. A fibra elástica era semelhante a uma meia, na cor marrom [castanho escuro], medindo no máximo 70 cm, chamou a atenção do viajante e pediu que reunissem certa quantidade daquela matéria-prima desconhecida para que a levasse até Santarém, no Pará, pois segundo ele, “queria levar para uma pessoa que aproveita tudo e, quem sabe, ela não vai usar essa bucha para fazer alguma coisa” (SENA, 2014, p. 61).

Dica tinha o hábito de observar tudo que aparecia na natureza. Se algum material novo surgia, ela perguntava como aquele material era comumente utilizado no local onde foi encontrado e depois ia testando sua elasticidade, resistência, maciez, cores e assim por diante. Com a fibra do ubuçu não foi diferente, pois percebeu que poderia manuseá-la em roupas ou acessórios pequenos. O tururi se tornou um dos atrativos para aqueles que queriam conhecer seu ateliê. Quando recebia um turista em casa, Dica pegava a fibra do tururi, abria e fazia bonés na presença do visitante.

A fibra daquela palmeira [tururi] eu confeccionei vestidos de bailes, de festas, trabalhando com pedrarias, coisa mais linda. Os vestidos eram forrados com uma seda. Nessas alturas eu fui trabalhando e comecei a mandar vestidinhos de criança para Belém (DICA FRAZÃO, 1990 apud SENA, 2014, p. 62).

A descoberta da entrecasca da madeira não foi diferente. Por meio da amizade com duas freiras, irmãs Edwiges e Romana, a primeira alemã e a segunda brasileira, que viajavam em missões<sup>18</sup> pelos municípios do oeste do Pará, Dica Frazão conheceu uma fibra, que segundo relatavam as irmãs, era utilizada pelos indígenas para fazer o “jamaxi, grande paneiro conduzido às costas para carregar produtos da mata e os filhos” (DICA FRAZÃO, 1990 apud

---

<sup>18</sup> As missões são práticas religiosas que tem como objetivo fundamental a pregação do Cristianismo entre os povos que não eram cristãos. Os participantes das missões segue uma filosofia que Jesus Cristo deu a seus apóstolos para pregarem o Evangelho pelo mundo àqueles que não eram cristãos. Segundo pesquisa de Maria Lúcia Pires Menezes (2002), em geral, o trabalho missionário é reduzido a compreensão da catequese indígena. Contudo, constata-se que as missões chegadas ao Brasil no início do século XX estabeleceram práticas de atuação que tinham como base a sede municipal, através inicialmente da instalação das Prefeituras Apostólicas, base territorial das prelazias e dioceses. A ação missionária se desenvolve na cidade tendo como principais objetivos, além da catequese indígena, a evangelização e a educação para o trabalho, através do seminário (edifício escolar) de ensino de artes e ofícios voltado para o universo masculino e a educação feminina, entregue às freiras, normalmente voltada para a alfabetização e o ensino de prendas domésticas. Assim, o trabalho missionário desempenhou importante papel na afirmação da soberania territorial estatal, na nacionalização da população e no processo de urbanização nas bordas fronteiriças da Amazônia Brasileira.

SENA, 2014, p. 66). Em 1960, Dica estava conhecida na cidade como uma artesã que transformava qualquer material vindo da floresta em belo artesanato. Não fica claro de onde viria exatamente aquela entrecasca da madeira, inclusive, o segredo em torno dela fortalecia esse imaginário da autenticidade do produto, como se fosse um pedaço da floresta em forma de vestimenta.

Podemos observar, no diálogo entre Dica Frazão e o repórter Maurício Kubrusly, durante entrevista concedida para o programa Fantástico, da rede Globo, que essa fibra desperta um recorrente interesse do público:

D.F.: Essa aqui é a entrecasca da madeira.

M.K.: Que madeira?

D.F.: Essa pergunta todos os repórteres me fazem. Eu trabalho com ela desde agosto de 1960, mas os índios nunca me disseram o nome da madeira.

M.K.: É mesmo?

D.F.: É um segredo que eles têm, eu acho que é um direito deles e eu não fico insistindo, entende? Ela [a entrecasca] sai da árvore assim, que eu chamo roupa do pau.

M.K.: Roupa do pau?

D.F.: É como eu chamo. Eu faço vestidos, toalhas, tudo o que possa imaginar. (Informação verbal)<sup>19</sup>

O que se sabe é que irmã Edwiges ouvia muitas histórias, narradas pela irmã Romana, sobre a artesã que tudo criava, ao passo que deseja apresentar-lhe a tal entrecasca, pois “era da Missão Cururu [...] lá existe uma casca que os índios utilizam para fazer jamaxi [...], que é muito forte” (SENA, 2014, p. 66). O primeiro contato da artesã com dois pedaços da casca foi trazido por Edwiges. Ela narra que se assemelhava a “um couro, uma sola, um negócio grudadinho assim, duro” (DICA FRAZÃO, 1990 apud SENNA, 2014, p. 66). Fazendo testes na água fria, deixando amolecer aquela casca grossa, Dica descobriu que “aquela entrecasca dura encobria um lindo tecido” (DICA FRAZÃO, 1990 apud SENNA, 2014, p. 67). Com essa descoberta, a artesã mandava pedir aos indígenas que retirassem a entrecasca e a enviassem já lavadas, sem a casca dura que ficava por cima.

As fibras naturais e os tons naturais das fibras (um bege ou uma cor creme perolada) se tornaram uma espécie de “marca” que caracterizava uma peça de roupa produzida por Dica Frazão. Nas décadas de 1970 a 1980 recebeu encomendas que considerava especiais: um casaco de viagem feito da entrecasca da madeira para que um casal de turistas levasse para a rainha

<sup>19</sup> A reportagem completa apresentada no programa Fantástico, da rede Globo, pode ser acessada no link: <https://www.youtube.com/watch?v=RIXdffEkoZE>. No apêndice deste trabalho disponibilizo um compilado de notícias e vídeos nos quais Dica Frazão foi entrevistada ou que falam sobre o museu.

Fabíola, da Bélgica; uma toalha de mesa com rendas feitas em fibra de buriti e mesclados com bordados em veludo destinados ao presidente Juscelino Kubitschek; ou figurinos para compor personagens típicos do Festival de Parintins, no Amazonas. Dica também foi convidada para participar de feiras e exposições movimentadas na capital paraense, Belém, em Santarém, e localidades próximas. Revistas e jornais registravam o talento que existia no Baixo Amazonas.

Ao longo de 40 anos de atuação, ainda em vida, recebeu honrarias e premiações que faziam referência à difusão positiva da região por meio de seus trabalhos manuais com matéria-prima vinda da floresta. Dona Dica inaugurou o Museu no dia 22 de junho de 1999. Conquistou seu “lugar ao sol”, casou todos os irmãos e filhos. Divulgou a beleza do Tapajós onde quer que fosse. Dica Frazão faleceu em Santarém, aos 96 anos, em 19 de maio de 2017.

### 3.2. O Museu: Entre plumas, palhas e fibras

Concebido pela própria artesã, o Museu começou a ser organizado na década de 1990 e manifesta essa preocupação com a preservação do seu legado enquanto artista-artesã-estilista. Dona Dica comprou as vitrines, os balcões e confeccionou réplicas das principais roupas e objetos têxteis que produziu no decorrer dos 40 anos de carreira. Os relatos dão conta que era uma euforia na época em que uma das salas da residência, localizada à direita da porta de entrada, estava sendo customizada para que se tornasse, oficialmente, um Museu dos objetos de Dica Frazão.

Criado pelo Convênio MC/FNC-PMS/CMC (Ministério da Cultura e Prefeitura Municipal de Santarém), na gestão municipal do prefeito Joaquim Lira Maia, a fundação do Museu de Arte Dica Frazão (nome oficial do museu) aconteceu na efeméride de 22 de junho de 1999, aniversário de Santarém, e contou com o apoio político municipal da época, representado pelo historiador e coordenador de cultura, Hércio Amaral de Sousa. O Museu de Arte Dica Frazão está localizado na Rua Wilson Fonseca, nº 281, em uma área histórica da cidade de Santarém. O bairro Centro é conhecido pelos “casarões históricos, residências de grandes comerciantes, pecuaristas e outros cidadãos ilustres (AMORIM, 2010, p. 14).

Figura 14 - Fachada do Museu de Arte Dica Frazão, em Santarém, Pará.



Fonte: Fb/Diretoria de Cultura da Procce/Ufopa. 2019

O prédio é um casarão térreo e possui duas portas e três largas janelas frontais. A intimidade de uma casa, que é o ateliê e simultaneamente museu estão completamente imbricados, como afirma Tetê Oliveira (2006 apud SENA, 2014):

Difícil distinguir o que é museu, ateliê ou casa no endereço de Dica. Apesar da placa à entrada do número 281 da antiga Rua Floriano Peixoto [atual Rua Wilson Fonseca], a sensação que se tem ao transpor o batente é a de invasão de privacidade. No interior, três portas. À direita, fica o museu. À esquerda, o ateliê. Em frente, a cozinha. (OLIVEIRA, apud SENA, 2014, p. 20)

Terezinha Amorim (2010, p.14) descreve que o prédio do Museu Dica Frazão mantém sua estrutura original com grossas paredes e portas e janelas retangulares. A historiadora aponta que a casa onde funciona o museu apresenta indícios de que no passado havia a presença de escravos, levando em conta sinais da existência de argolas onde os mesmos eram amarrados. Ao fundo do museu existe um quintal com árvores frutíferas, palmeiras, ervas para chás e poucas criações de aves.

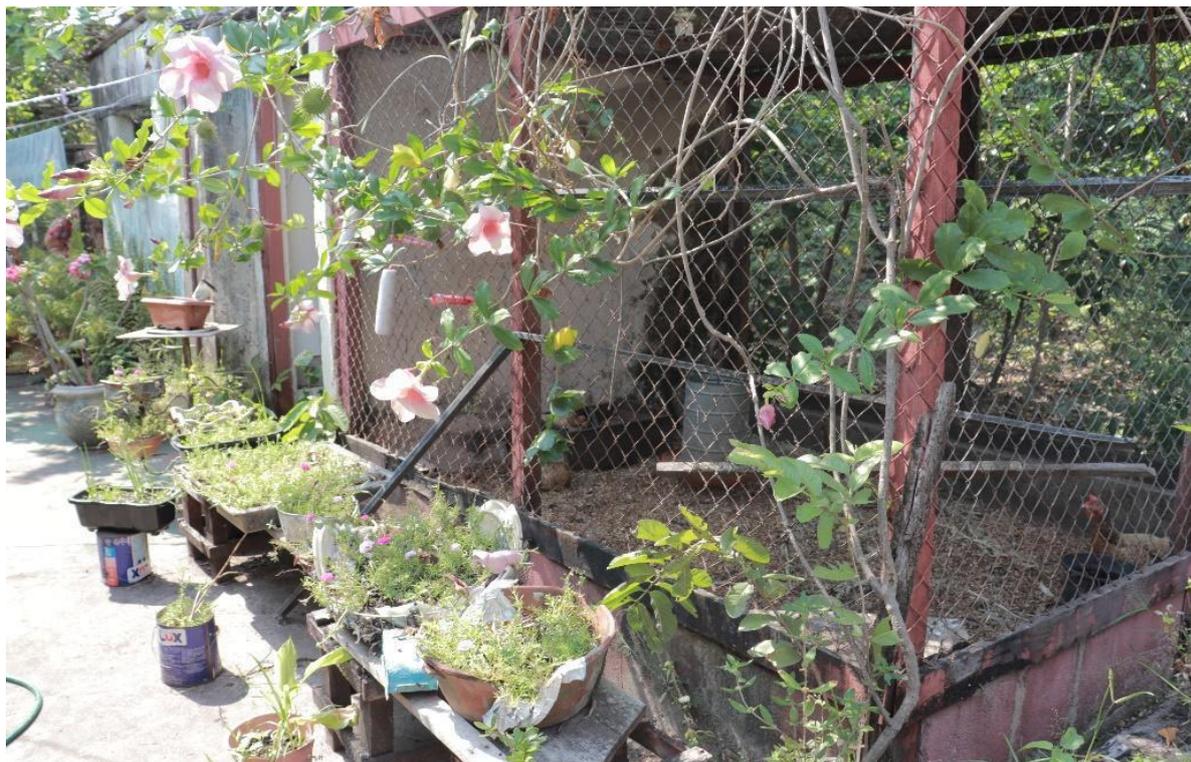
Na década de 1950, Dica Frazão chegou a ter 400 patos para atender às encomendas de artesanatos com aplicações de plumas e penas. Na década de 1960, a demanda pelos artefatos cresceu e isso impôs a necessidade não só da ajuda dos filhos, mas de algumas senhoras e jovens que moravam nos arredores do bairro. Essas mulheres aprendiam o ofício na casa de Dona Dica e depois de um tempo ficavam responsáveis por alguma etapa do processo.

Eu já tinha três meninas trabalhando comigo, que eram a Lourdes, a Terezinha Marcião e a Renê, que hoje é minha cunhada. Eu tirei a Renê da costura e botei a Renê para o artesanato. Então as três já estavam cuidando dos leques, elas adoravam fazer aquilo (DICA FRAZÃO, 1990 apud SENA, 2014, p. 43).

Darlene Santos, amiga da família Frazão, conheceu Dona Dica por meio da sua avó, Lúcia Carvalho, tinha cerca de 12 anos de idade, aproximadamente no ano de 1984, e conta que as moças naquela época não saiam muito de casa, então, sua avó buscava o material na casa da Dica e levava para as meninas ajudarem na produção. Antes, porém, as moças passavam por aulas de arte e costura na casa da artesã. Lá ela ensinava os temas que seriam bordados nos tecidos (desenhos de pássaros e outros animais da região ou flores ou folhas) e mostrava como tudo tinha que ficar bem ajustado e feito com qualidade, se errasse, era desfazer o bordado e começar o processo desde o início. Segundo Darlene, Dica mandava o modelo a ser seguido, o

tecido, a linha [geralmente lã] e o motivo [o tema a ser desenhado] que queria que bordasse. “E o que mais ela visava, assim, era a perfeição do trabalho! Então a gente tinha que fazer com a maior delicadeza, puxar bem a linha. Ela era superexigente. Eu fazia só aquele modelo. E a outra fazia outro modelo. A gente fazia tudinho e trazia pra ela” (Informação verbal)<sup>20</sup>.

Figura 15 -Registro do quintal do Museu de Arte Dica Frazão, em Santarém, Pará.



Fonte: Ferreira, 2022.

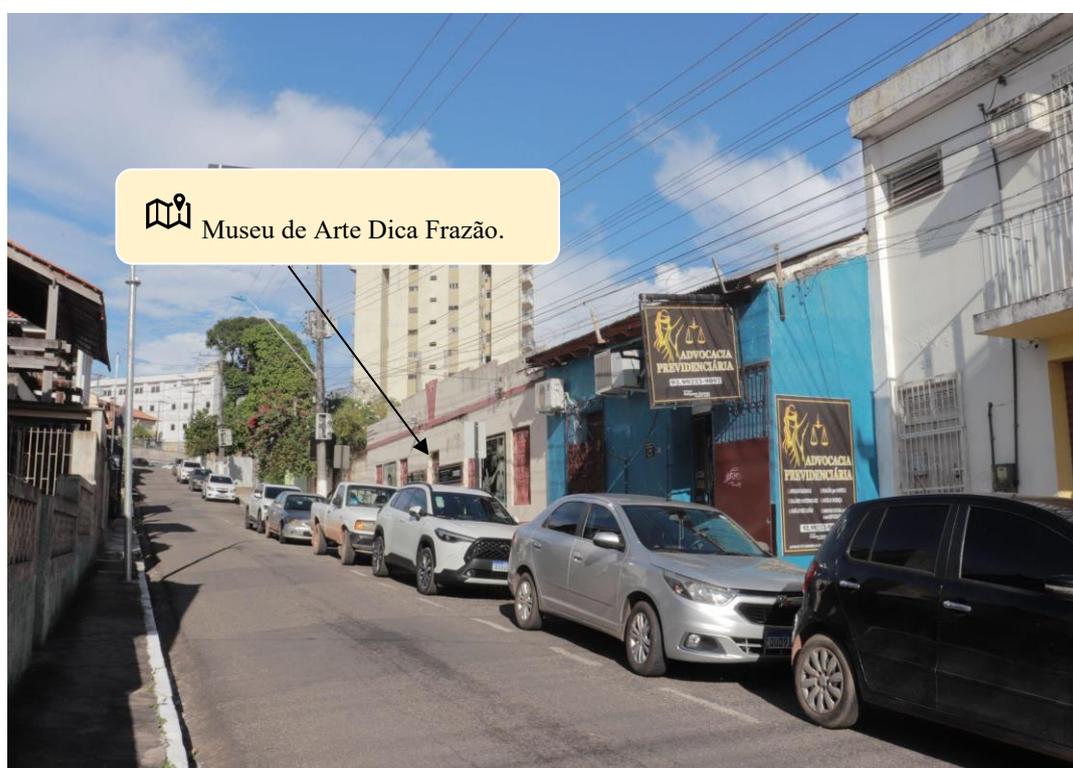
O artesanato não possuía um mercado sistematizado, mas por trás dessa economia havia vários profissionais envolvidos com a produção: catraieiros, trançadeiras de cestas, coletoras de patchouli, bordadeiras etc. Exemplares de buquês de flores artesanais feitos de palhas e fibras diversas, cestarias, quadros, tudo o que pudesse ser confeccionado a partir das fibras naturais, Dica colocou nas vitrines para que pudesse ser visto pelos visitantes do museu.

---

<sup>20</sup> Essas notícias sobre o cotidiano no ateliê de Dica Frazão foram obtidas durante conversa que ocorreu durante almoço realizado no Museu Dica Frazão com a presença de Maria Helena, Luciula Romana e Darlene Santos, em abril de 2023. Darlene é admiradora do trabalho manual desenvolvido por Dica Frazão e autorizou a divulgação das informações nesta pesquisa sobre a coleção do museu.

Longe de ser neutro, Dica acessa o contexto institucional de um museu, a fim de comunicar seu legado e ampliar seu valor simbólico, pois “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais” (NORA, 1993, p. 13). Nas últimas décadas do século XX a noção de patrimônio cultural, agora mais ampliado, favorece a valorização do artesanato como algo que marca a identidade local.

Figura 16 - Registro da rua onde está localizado o Museu de Arte Dica Frazão.



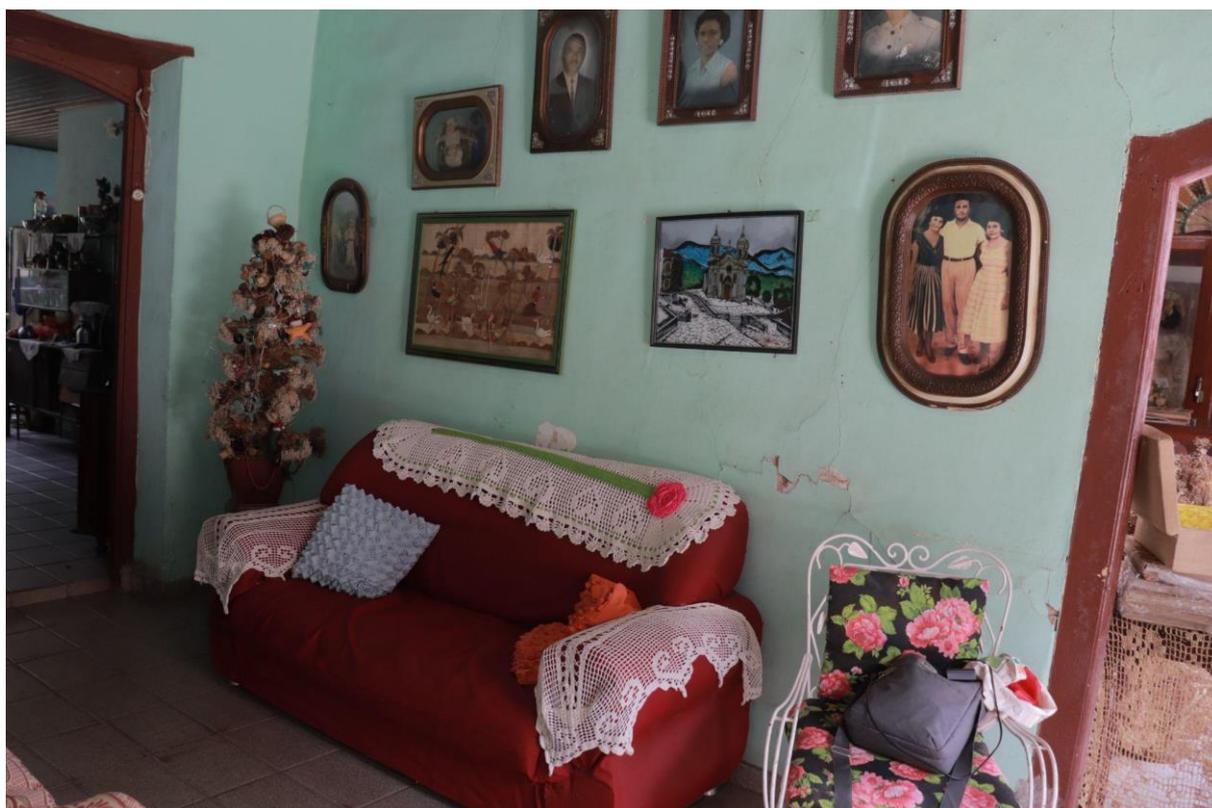
Fonte: Ferreira, 2023

A filha de Dona Dica, Maria Helena, que morava no Rio de Janeiro desde os 16 anos de idade, retornou definitivamente à casa-museu como moradora, em 2017, após o falecimento da mãe. Ela tenta manter o espaço funcionando e se dedica a produzir algumas peças de artesanato, relembrando as técnicas que sua mãe utilizava. Mantém as despesas com água, energia elétrica e limpeza do Museu. É uma senhora idosa, com mais de 60 anos de idade, que vive sozinha na casa-museu, e conta com apoio de alguns amigos e uma sobrinha para ir ao supermercado, feira ou lotérica. Dona Helena conta que sai pouco, apenas para lugares próximos, e se recusa a abandonar ou fechar o espaço à espera de algum tipo de apoio municipal ou estadual que possa

salvaguardar a coleção e o museu. Os filhos de Dona Helena moram no Rio de Janeiro e na Bahia.

No que diz respeito ao funcionamento, a entrada no museu é gratuita e funciona em horário comercial, de segunda à sexta. Dona Helena recebe pequenos grupos de escolas e universidades, turistas que passeiam pela cidade e tenta atender a todos com a mesma prestatividade que Dona Dica exercia. De várias regiões, do Brasil e do exterior, os visitantes ficam admirados com os vestidos e fantasias nas vitrines. Maria Helena conta que gosta de mostrar as peças pequenas das fibras *in natura*, linhas e miçangas. Alguns turistas pedem para ver o quarto onde Dica Frazão dormia e suas roupas, o quintal onde ficavam as aves das quais eram retiradas as penas, pois não se contentam com as salas destinadas especificamente para o Museu.

Figura 17- Registro da sala de estar que fica na entrada do Museu de Arte Dica Frazão, em Santarém, Pará.



Fonte: Ferreira, 2023.

Os bens inventariados para a inauguração totalizam 57 itens. Os objetos que constam em catálogo abrangem um período de 49 anos, entre 1949 e 1998, e essa cronologia tem íntima relação com fatos históricos, que marcaram a carreira profissional de Dona Dica, e com

episódios nos quais seus artefatos representaram a arte e a cultura santarena, seja durante eventos, seja quando entregues como presentes a figuras públicas.

A potência do trabalho “feito à mão” executado por Dica Frazão, reside, entre outras características, na interconexão simbólica entre a matéria-prima que vem da floresta, os objetos artesanais e os sentidos evocados por meio deles. Para ela, tudo tinha que ser caprichado, pois a qualidade de sua própria atividade seria atestada no resultado final do objeto.

Entre o primeiro e o último item da lista nem sempre há uma ordem cronológica exata, mas, percebe-se que há intencionalidade em marcar as técnicas e bordados utilizados, as palhas e as fibras da região que foram transformadas em tecidos, sementes aplicadas como finalização de peças, sem contar a entrecasca da madeira que é a base de várias peças de roupa da coleção. A fauna e a flora Amazônica são referências recorrentes nos temas e cores dos artefatos.

Figura 18 - Catálogo do Museu de Arte Dica Frazão. Santarém, Pará.



Fonte: Ferreira, 2021.

O primeiro item da lista é o “Leque de penas” e o ano de referência é 1949. A descrição informa que o objeto é uma réplica da primeira peça criada pela artesã Dica Frazão cuja matéria-prima são penas coloridas retiradas de aves domésticas e bordados executados com as próprias penas. O último item da lista é o “Leque Pannel de Parede – Encanto do Amazonas” (figura 19),

o ano de referência é 1996, e a descrição informa que é uma réplica, telado com caule de flores do campo, decorado com pássaros da Amazônia e palhetas de raiz de patchouli.

Figura 19- Leque painel de parede do Museu Dica Frazão, em Santarém, Pará.



Fonte: Ferreira, 2023

Alguns objetos do museu rememoram uma época na qual Santarém “baseava sua economia na indústria manufatureira, na agricultura do cacau, na pecuária e no artesanato” (AMARAL, 2006, p. 36). Em meados da década de 1940, o trabalho de alfaiates e costureiras era essencial para vestir as famílias da cidade. Na revista intitulada Programa da Festa de Nossa Senhora da Conceição, Hércio Amaral (2006) relata como as classes profissionais estruturam-se em torno desse tipo de economia:

A manufatura de calçados de Santarém tinha repercussão tanto na economia como no mercado regional; aqui eram confeccionados os mais finos calçados tanto masculinos, como os requintados Luiz XV, quanto femininos. As encomendas aumentavam quando se aproximavam as festas da Conceição e os bailes de Reveillon, momentos em que eram exibidos os calçados e as roupas novas. [...] As indústrias de confecções ainda eram desconhecidas no Norte do Brasil. Todas as peças do vestuário eram elaboradas artesanalmente por alfaiates e costureiras. Os alfaiates confeccionavam os ternos, calças e camisas masculinas; a roupa feminina era tarefa exclusiva das

costureiras; os tecidos da época eram de algodão, linho e casimira, a malha era conhecida apenas para a fabricação de camisetas usadas pelos homens sob a roupa principal, hábito adquirido dos europeus. (AMARAL, 2006, p.37).

As matérias-primas de seu artesanato eram: a raiz do patchuli (de origem asiática, mas bem aceita e popular na região Norte do Brasil), a fibra da canarana, a fibra da malva, a palha de açaí, a palha de buriti, palha de milho, palha de junco, frutas, cascas e sementes. Dica desenvolveu processos próprios de tecelagem para confeccionar diversos produtos. A malva, por exemplo, é uma das matérias-primas de origem vegetal recorrente na coleção do museu. Ela tecia a malva de duas formas, lisa ou penteando as fibras, para obter uma textura delicada, similar ao patchuli. Brilhosa, a malva rendia um bom resultado estético.

Figura 20 - Sobrinha de Dica Frazão posa com vestido em fibra natural. Santarém, Pará.



Fonte:Ferreira,2023.

Figura 21- Foto detalhe do vestido. Museu de Arte Dica Frazão, Santarém, Pará.



Fonte: Ferreira, 2023.

Do arsenal de matérias-primas utilizadas no ateliê, a palha de buriti também esteve presente. Após descobrir a utilidade da palha do açaí no artesanato, Dica começou a testar a funcionalidade de outras palmeiras da região, diversificando as espécies utilizadas e, conseqüentemente, abrangendo mais opções de acabamentos nas cestarias, bolsas, arranjos florais etc. O trabalho criativo com tecidos de origem vegetal passou a ser bem recebido por amigos, comerciantes e agentes políticos da região. Esses grupos de agentes sociais atribuem singularidade e carga simbólica positiva aos artefatos.

No Museu Dica Frazão, a originalidade dos objetos tecidos com fibras, palhas, sementes, raízes, recuperam saberes ancestrais encontrados nas práticas de povos indígenas presentes desde a origem no Baixo Amazonas. GONÇALVES (2005, p.23) explica que “essas instituições constituem na verdade o *locus* de cruzamento de uma série de relações de ordem epistemológica, social e política, configurando-se como áreas estratégicas de pesquisa e reflexão para o entendimento das relações sociais, simbólicas e políticas entre os diversos grupos e segmentos sociais”.

Figura 22 - Réplicas de boneca de cheiro confeccionadas para exposição no Teatro da Paz, em Belém, Pará.



Fonte: Ferreira, 2023.

Figura 23-Arranjo com flores de madeira. Santarém, Pará.



Fonte: Ferreira, 2023.

Figura 24 -Bolsa feita da entrecasca da madeira. Santarém, Pará.



Fonte: Ferreira, 2023.

No museu em análise encontram-se objetos de uso cotidiano que evocam para si valores, ideias e identidades, assumidas por grupos e categorias sociais. Nesse sentido, como aponta Gonçalves (2005, p.24), sobre a inserção desses objetos:

Em coleções, museus e patrimônios culturais é apenas um momento na vida social. [...] momento crucial, pois nos permite perceber os processos sociais e simbólicos por meio dos quais esses objetos vêm a ser transformados ou transfigurado em ícones legitimadores. (GONÇALVES, 2005, p.24)

O museu é esse espaço institucional que visa garantir essa singularidade do que, no geral, é visto como comum, pois:

Se a sacralização pode ser alcançada mediante a singularidade, a singularidade não garante a sacralização, ser uma não-mercadoria não é em si mesmo suficiente para garantir alta estima, e muitas coisas singulares (ou seja, coisas intercambiáveis) podem valer bem pouco. (KOPYTOFF, 2008, p. 101).

Figura 1- Fotografia da sala de jantar que contém itens do Museu de Arte Dica Frazão, Santarém, Pará.



Fonte: Ferreira, 2023

No Museu Dica Frazão encontram-se não só exemplares das técnicas manuais de tecelagem de fibras, palhas ou raízes que vêm da floresta, mas sim objetos consagrados por um grupo social em uma determinada época que destacam qualidade estética e simbólica. Além de compreender os atributos de consagração de Dica Frazão, vamos, a partir desse momento, analisar as visões suscitadas pela coleção de roupas produzidas pela artista-artesã.

#### **4 VISÕES DE ARTE E MODA NO MUSEU**

#### 4.1. Moda, cultura e maneiras de vestir

A moda é um fenômeno cultural presente no cotidiano da vida moderna. Nossa proposta é evidenciar que a moda constitui as relações sociais, situando-a na história moderna ocidental, especialmente, a partir do “boom” que ocorreu nos séculos XIX e XX. Por meio da cronologia, vamos apontar como a moda está relacionada com a cultura, ocupando papel vital ao exprimir visões sobre mudanças históricas, sociais, políticas e culturais.

Antes de traçar uma linha do tempo, que nos ajude a compreender essa nova maneira de se representar na vida social, acredito que seja importante começar pelo significado inicial do termo em si. A origem da palavra moda, nasce do francês “mode”, cuja etimologia latina, *modus*, que quer dizer modo ou maneira, parece acomodar a noção popularmente empregada até nossos dias, ou seja, uma noção de gosto, um comportamento, um jeito de ser no mundo, uma regra, um modo de vida, enfim, “É um dispositivo social definido por uma temporalidade muito breve e por mudanças rápidas, que envolvem diferentes setores da vida coletiva” (CALANCA, 2011, p. 13).

Com efeito, não é simples definir o sentido da moda. E a história da indumentária desperta certo fascínio, pois percebemos que, para além de proteger o corpo humano das intempéries climáticas e se camuflar dos possíveis predadores, o ato de adornar-se é um gesto atravessado por significados. Reitera COCHERIS (1914, p.42) “quanto mais estudamos o passado de nosso mundo, mais verificamos o amor pela indumentária”.

Nesse sentido, concluímos que roupa, traje e vestuário não são necessariamente sinônimos de moda. “De maneira direta, aquilo que cobre um corpo humano nos seus mais diversos formatos, é um traje, indumentária ou vestimenta. Independe do seu material, do seu corte, da sua cor, da sua origem, do seu produtor ou qualquer outra informação além dessa” (VIANA, 2017, p.33).

Considerando o ato de vestir-se como um ato de comunicação, o vestir também pode ser parte da cultura. Para Barnard (2003):

Cultura é um modo de vida. Pode ser um modo de vida de diferentes nações ou períodos. [...] A pluralidade desse conceito significa que cada cultura possui atividades e padrões que lhe são específicos [...] A ideia é a de que todas essas culturas são relativas entre si, não existe uma só cultura que fique fora dessas relações. (BARNARD, 2003, p. 61)

Cada lugar desenvolve diversas maneiras de manifestar suas particularidades culturais. A moda pode ser considerada uma dessas expressões. Bergamo (1998) reitera a relação próxima entre o vestir e a significação, posto que:

o sentido da moda está em que a roupa significa algo, e esse significado, além de diferir em função do grupo pesquisado e de sua posição no interior da estrutura social, imprime e direciona diferentes condutas para esses diversos grupos sociais (BERGAMO, 1998, p.01).

O sentido da moda começou a ganhar espaço em meados do século XIV, pois ocorreram duas mudanças importantes na concepção das roupas. A primeira foi a substituição do famoso “camisolão,” usado por homens e mulheres, por roupas mais específicas, casacos e meias para o sexo masculino, vestidos decotados e ajustados na cintura para o feminino. A segunda foi a concepção da moda como maneira temporária de vestir-se, embora esse conceito ainda fosse de longa duração, nota-se o abandono das vestes sem feitiço e o desejo de cuidado com a aparência de tempos em tempos.

Desta forma, na história da moda ocidental, estudos indicam que seu “nascimento” ocorreu em meados do século XIV e seu apogeu no século XIX, neste último como um fenômeno cultural moderno. Esse momento é significativo devido às mudanças advindas da Revolução Industrial que transformaram as relações de trabalho e o modo de produção vigentes à época. Para o filósofo Gilles Lipovetsky (1987) a moda, no sentido moderno do termo, configura-se tal qual a conhecemos na segunda metade do século XIX. A renovação das formas se torna um valor mundano, a fantasia exhibe seus artificios e seus exageros na alta sociedade, a inconstância em matéria de formas e ornamentações já não é exceção, mas regra permanente: a moda nasceu (LIPOVETSKY, 1987, p. 23).

É claro que pelo menos dois séculos antes, já despontavam na vida cortesã, práticas e ritos mobilizados pela aparência, mas não como um sistema organizado, com suas constantes transformações e exuberância. “Não há dúvida de que o principal ponto de partida das atuais e múltiplas diretrizes que orientam o costume e a própria moda seja constituído pela Revolução Industrial, um processo histórico extremamente complexo” (CALANCA, 2011, p. 130).

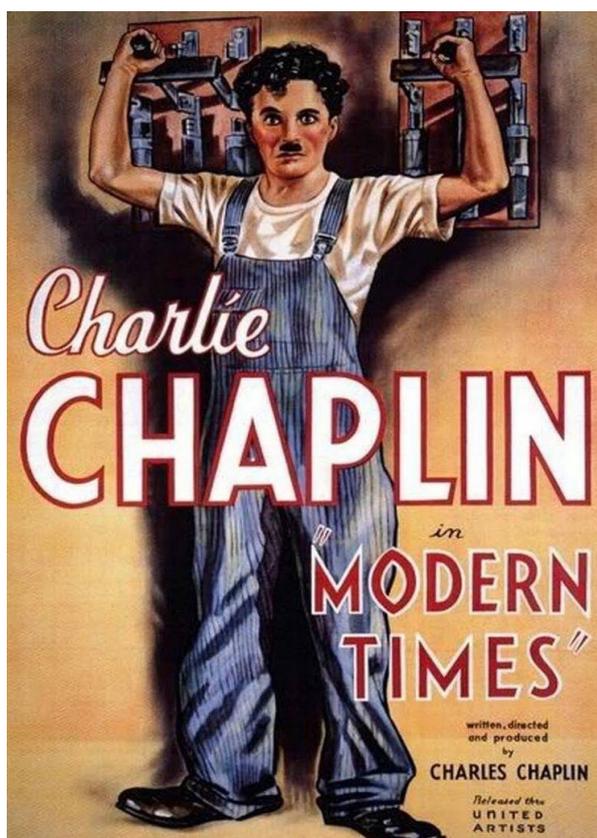
A Revolução Industrial modificou o modo de produção com suas tecnologias e possibilitou a confecção de roupas por meio das máquinas, permitindo o acesso dos mais pobres ao vestuário. Considerados itens de luxo, as roupas, prioritariamente, comunicavam a classe e

o gênero dos indivíduos. Nessa linha de pensamento, ter uma roupa nova é como possuir um bem valioso.

O cinema nos dá exemplos vívidos de como a roupa é muito mais que simples proteção do corpo. No final do século XIX e início do XX, há um imaginário sobre como esperamos ver e reconhecer um operário. O personagem Little Tramp (O Vagabundo), interpretado por Charles Chaplin, protagonizou o icônico filme “Tempos Modernos”, lançado nos Estados Unidos, em 1936. Nele, Chaplin é submetido a diversos constrangimentos como operário, aludindo uma forte crítica ao capitalismo.

O cartaz original que divulgou a estreia do filme semimudo, dá o tom da visualidade socialmente e culturalmente construída de um operário. Ele usa macacão e camisa branca. Sapatos pretos produzidos na fábrica. O vestuário é despojado e funcional, coerente com suas atribuições profissionais à época.

Figura 26 - Cartaz original de lançamento do filme Tempos Modernos em 1936.



Fonte: pt.wikipedia, 2023.

Link: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Tempos\\_Modernos#/media/Ficheiro:Modern\\_Times\\_poster.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tempos_Modernos#/media/Ficheiro:Modern_Times_poster.jpg)

Fotografias colecionadas pelo industrial Henry Ford, registram não só memórias sobre sua infância, mas o cotidiano no interior das fábricas. No acervo online disponibilizado pela Fundação Henry Ford, que reúne seu legado como colecionador, podemos observar a síntese do espírito das mudanças trazidas pela indústria. Produzida em preto e branco, no início do século XX, a fotografia mostra um grupo de operários deliberadamente reunidos para esse registro no ambiente fabril. Estão organizados em fileiras, ao lado dos sapatos que confeccionaram, e notamos que todos usam uma vestimenta mais ou menos padronizada composta por calça, camisa, sapatos e avental.

Figura 27 - Trabalhadores de uma fábrica de calçados posando perto de fileiras de sapatos, Boston, Massachusetts, 1903.



Fonte: Acervo da Fundação Henry Ford (THF204411). Acesso realizado em 10/11/2023.  
Disponível em: <https://www.thehenryford.org/history-and-mission/henry-ford-collector/>

A relação assimétrica entre as classes ficaria evidente por meio do vestir, apesar do processo de barateamento das peças. Operários ou trabalhadores em geral poderiam ser identificados por seus uniformes e roupas profissionais, estas mais funcionais para o dia a dia.

É nesta sociedade, em plena ascensão industrial, que os códigos de vestuário são pouco a pouco estabelecidos.

Enquanto campo de estudos, as primeiras análises sobre a moda como um fenômeno social foram iniciadas, no século XIX, tendo como autores centrais para o debate Herbert Spencer, Gabriel Tarde, George Simmel e Thorstein Veblen (SANTOS, 2020, p. 170). A teoria de Veblen (1983) sobre o consumo conspícuo atrelou o tema da moda a uma “aura” negativa de futilidade e excesso que acompanhou o tema até o final do século XX, quando autores importantes como Pierre Bourdieu, Roland Barthes, Gilles Lipovetsky e Elizabeth Wilson, entre outros, voltaram seus olhos para essa questão (GUIMARÃES, 2008).

À medida que estes cientistas sociais reconhecem que a moda poderia ser mais que um tema frívolo, são desenvolvidas teorias ligadas ao capitalismo, as relações de consumo e a distinção social. “Vista como espaço de ostentação do poder econômico das elites, a moda foi concebida como uma esfera de reconstrução das fronteiras sociais na sociedade burguesa” (CRANE, 2013, p. 10).

No Brasil, destaca-se a tese de doutorado de Gilda de Mello e Souza (1987), considerada um dos principais trabalhos sobre o campo da moda até os anos 1980 (GUIMARÃES, 2008). Gilberto Freyre (2003) refletindo sobre o tema da constituição da cultura brasileira, destaca elementos das culturas negras e indígenas aos trajes femininos no século 19 (GUIMARÃES, 2008).

O caráter marginal dos estudos sobre a moda perduraram nas primeiras décadas do século XX. Considerada “domínio do *kitsch*” (CRANE, 2013, p.10), a moda estava estigmatizada como algo ligado ao mero consumo capitalista, uma aparência nada autêntica, exagerada, frívola. Movimentos culturais nos anos 1960 e o pós Segunda Guerra Mundial giraram o olhar dos pesquisadores sobre o tema moda, conforme explica Crane (2013):

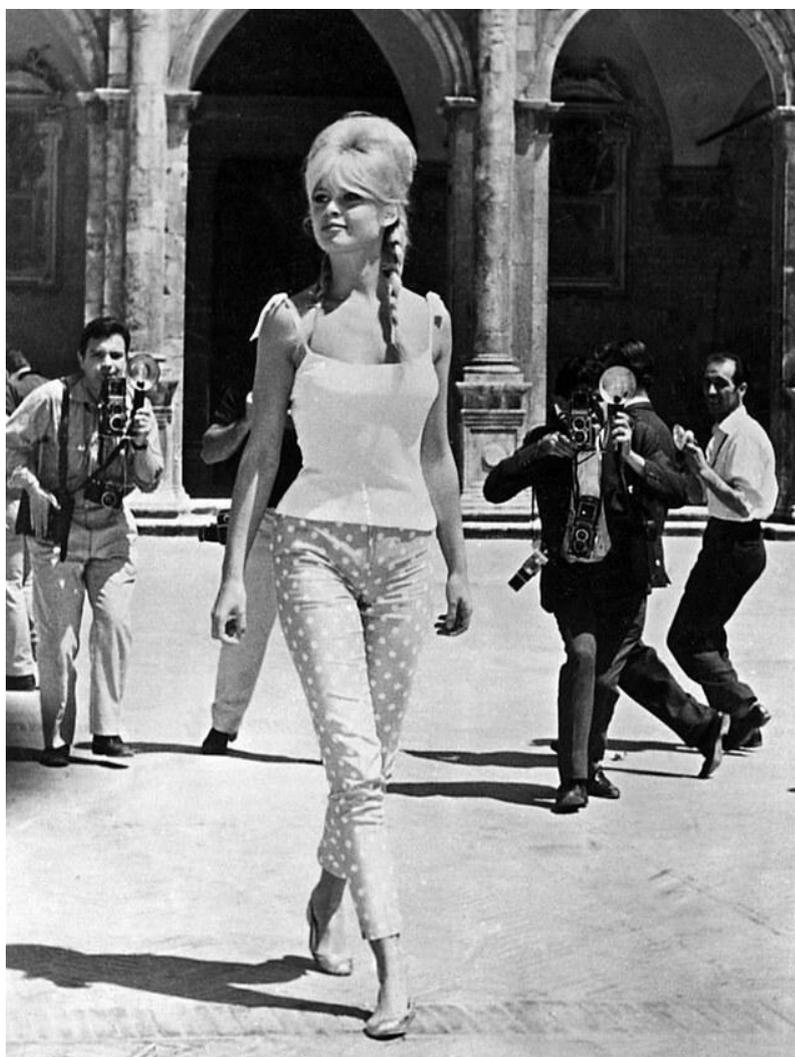
Até o início dos anos 1970, os estudos de moda foram relegados ao ostracismo pelas ciências humanas, embora a importância social e econômica do setor tenha aumentado consideravelmente desde o final do século XIX. Os raros trabalhos publicados, fora do circuito amador foram quase sempre de cunho ensaístico. Após a Segunda Guerra Mundial e os movimentos culturais dos anos 1960, com a emergência do período pós-industrial do capitalismo, o mundo da moda passou por grandes transformações, voltando a ocupar um lugar de destaque entre os pesquisadores. (CRANE, 2013, p.10-11)

No cenário mundial, as décadas de 1960 e 1970 foram marcadas pelos movimentos sociais e culturais, os quais questionavam as estruturas sociais em que viviam. A manifestação

de “maio de 68”, sintetiza a intensidade das contestações da juventude universitária, que extrapolaram os muros de uma universidade em Paris, para se transformar em motor contra a guerra fria, a corrida armamentista, nuclear e espacial, o capitalismo e o processo de globalização do capital multinacional. Essas inquietações joviais tiveram ressonância na moda.

“As manifestações culturais dos anos 60 e 70 refletiam o espírito de uma época de intensa contestação dos padrões sociais, das influências estrangeiras na cultura, de uma geração de jovens que buscavam liberdade através de ideias contraculturais, políticos e revolucionários” (DE SOUZA SANTOS, 2009, p. 488).

Figura 28 - Brigitte Bardot ícone da moda nos anos 1960 e referência no estilo jovem.



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/75137741@N07/6859213160/in/photostream/> ;

Os ideais de juventude revolucionária ligados ao campo político, se espriam para outros segmentos da vida cultural como a música, a literatura, as artes visuais, o teatro, o cinema, a

televisão e a moda. No Brasil, o início da década de 1960 foi pautado, no campo da cultura, por uma tentativa de construção de uma cultura nacional-popular. “Caberia à arte e à cultura a tarefa de conscientização e resgate da cultura genuinamente brasileira” (DE SOUZA SANTOS, 2009, p. 489).

São exemplos de iniciativas: o Teatro de Arena sob a direção de Augusto Boal; o revolucionário Cinema Novo que gerou ícones como Cacá Diegues, Glauber Rocha, Nelson Pereira, Ruy Guerra e Eduardo Coutinho; o Centro Popular de Cultura (CPC) criado por Oduvaldo Vianna Filho (o Vianinha), Carlos Esteves Martins e Leon Hirszman; além da música nacional, que tinha influência do rock vindo da Inglaterra e Estados Unidos, e apareciam artistas brasileiros como Caetano Veloso, Chico Buarque, Nara Leão, Gilberto Gil, em suma, “a arte deveria ser popular e revolucionária” (DE SOUZA SANTOS, 2009, p. 493).

Figura 29 - Jorge Ben Jor, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Mutantes e Gal Costa em 1968.



Fonte: Fb/Brasileiríssimo.

Link: <https://www.facebook.com/br4sileirissimos/photos/a.404714709617084/866976920057525/?type=3>

Observe a foto (figura 29). Atualmente esses artistas são consagrados pelo público nacional e internacional, este grupo representa o movimento brasileiro, na década de 1960, que ficou conhecido como tropicalismo, movimento que revolucionou a expressão artística,

musical, teatral, artes plásticas e o estilo das roupas, aproximando-se da estética hippie. “Vocês não estão entendendo nada”, disse Caetano Veloso, em 1968, após cantar ‘É Proibido Proibir’ sob as vaias de um público jovem, no Festival Internacional da Canção, em São Paulo, discursando sobre juventude conformista. A fala é representativa, sim! Revela a angústia de um grupo diante dos fatos sociais e políticos da época. A roupa também é um símbolo, é uma das fronteiras a ser rompida. “É também reveladora de certos aspectos da personalidade, em especial do seu caráter influenciável (modas) e do seu desejo de influenciar” (MONTEIRO, 1997, p. 3).

A segunda metade do século XX foi de alterações econômicas e políticas. No Brasil, o período entre 1950 e 1960, “foi marcado pelo crescimento econômico e intensa industrialização promovida por investimentos externos. Mas, o final do governo de JK, em 1960, foi marcado pela alta inflação e conseqüente perda do poder de compra da maioria da população. Seu sucessor, Jânio Quadros, empossado em 1961, renunciou em agosto do mesmo ano” (CRIVELANTE, M.R.; KOBASHI, N.Y.; JATENE, C.V.; OLIVEIRA, L. Memória e Resistência, c2017).

Tais turbulências envolvendo a participação de militares na política, apoiados por segmentos empresariais nacionais, culminaram na vacância forçada de João Goulart, em 1º de abril de 1964, seguida pela ascensão do general Humberto Castelo Branco, indicado para assumir a presidência em 15 de abril de 1964. “O sistema democrático só foi restaurado 25 anos depois, em 1989” (CRIVELANTE, M.R.; KOBASHI, N.Y.; JATENE, C.V.; OLIVEIRA, L. Memória e Resistência, c2017), enquanto isso, militares assumiram o controle do país sob alegações envolvendo o medo do comunismo e desejo de estimular o crescimento econômico, conforme o trecho abaixo:

Ao contrário das demais intervenções do pós II Guerra Mundial, dessa vez os militares assumiram de fato o poder, sob a promessa de remover do país a ameaça “subversiva” comunista, reformar as instituições políticas, estabilizar a economia, restabelecer a disciplina e hierarquia militares e restaurar a democracia [...] A Ditadura Civil-Militar se consolidou e se legitimou por meio dos chamados Atos Institucionais (AIs). Desde os primeiros anos do ditador Castelo Branco, as promessas de realização de eleições livres foram sendo adiadas, com base na nova “Doutrina de Segurança Nacional”. Foram baixados quatro Atos Institucionais (Ais), criando o Serviço Nacional de Informação (SNI) e, em seguida, os Centros de Informações (Cis) das Forças Armadas ( Cenimar, Cie e Cisa). O que criaram as suas Assessorias Especiais de Segurança e Informação (AESIs) para vigiar funcionários, professores e alunos. (BETHEL, 2018)

Até os anos 1968, embora ocorra um controle não sistematizado ditatorial, as expressões artísticas e culturais conseguem vivenciar uma espécie de “floração cultural nacional tardia”

(SCHWARZ, 1978). Além da violência, opera-se a passagem do circuito cultural escolar-universitário para a instalação de uma dinâmica de cultura midiaticizada (RUBIM & RUBIM, 2004). O Brasil presenciou a instalação de empresas de telecomunicações e a inserção de uma indústria cultural controlada pelos militares, interessados em “integrar simbolicamente o país” (RUBIM, 2007).

Entre os anos 1968 e 1974, há um recrudescimento da violência, perseguições e torturas praticadas sob o embasamento dos Atos Institucionais (AIs). Simultaneamente, a mídia televisiva aparece tecnicamente atrativa e moderna, reforçando a ideologia oficial militar e silenciando estéticas alternativas. Nas palavras de RUBIM (2007):

Época do vazio cultural, apenas contrariando por projetos culturais e estéticas marginais, marcado pela imposição crescente de uma cultura midiática controlada e reprodutora da ideologia oficial, mas tecnicamente sofisticada, em especial em seu olhar televisivo. Em 1974, abre-se o terceiro momento que termina com o final do regime militar no início de 1985. Tal período se caracteriza pela “dispersão lenta e gradual” (General Geisel) e pela “abertura” (General Figueiredo); isto é, por uma longa transição cheia de avanços e recuos. A violência diminui e o regime passa a ter iniciativas nas áreas política e cultural (RUBIM, 2007, p. 106).

A violência simbólica é essa violência que extorque submissões que sequer são percebidas como tais, apoiando-se em “expectativas coletivas” em crenças socialmente inculcadas (BOURDIEU, 2007, p.171). As narrativas “inculcadas” podem, vez ou outra, ser alvo de protesto mesmo em tempos sombrios. A estilista Zuleika Angel Jones, mais conhecida como Zuzu Angel, exemplifica como a moda está intrinsecamente ligada à cultura, às relações entre os agentes sociais e pode ser apropriada em prol de narrativas de denúncia e contestação. Profissional reconhecida internacionalmente, Zuzu Angel usou sua projeção como estilista em desfiles internacionais para denunciar a violência e a tortura praticadas pelos militares no Brasil.

A estilista produziu a coleção International Dateline Colletion III, dividida em três temas, sendo o último deles roupas de protesto. O desfile foi no dia 13 de setembro de 1971, ano da morte de seu filho, na residência do cônsul do Brasil em Nova York, Lauro Soutello Alves, e ao longo da semana, a coleção ficou exposta no Gotham Hotel. Esse desfile é considerado um marco na trajetória profissional de Zuzu Angel, pois quando ela lançou sua moda de protesto (Hildegard Angel, 2016). As roupas podem ser vistas em seu acervo digital.

A indústria da moda chega ao final do século XX bebendo em fontes para além das grandes marcas da moda e operando como códigos que se renovam e retroalimentam. Ela, a moda, “se renova através dos tempos exatamente por esse processo de metalinguagem, que busca na roupa a renovação do seu círculo histórico, sempre buscando elementos em si mesma

para a renovação” (MONTEIRO, 1997, p. 4). Gilson Monteiro (1997) propõem a tese de que a roupa funciona como metalinguagem e esta é útil tanto para renovar a própria moda, como também é uma forma de manter um *status quo* através da roupa.

Figura 30 - Vestido protesto político manga curta, 1971, Rio de Janeiro.



Fonte: AcervoDigitalZuzuAngel.

Link: <https://www.zuzuangel.com.br/vestuario/vestido-de-protesto-politico-manga-curta>

Em estudo antropológico sobre o campo da moda, realizado nos anos finais do século XX, em São Paulo, Bergamo (1998) afirma que o sentido da moda está em que a roupa significa algo. É uma experiência, os indivíduos demandam da moda um desejo de expressar características como sofisticação, bom gosto, uma posição social diferenciada.

Para ele, há um mercado constituído que nos fornece indícios de como os grupos são distribuídos no jogo da moda. Os shoppings centers estão entre os lugares de referência da moda nas grandes cidades. Por isso, uma roupa não é simplesmente uma peça a ser vestida, mas ela, principalmente, imprime e direciona condutas dentro da estrutura social. Bergamo (1998) explica:

Dependendo da oferta de produtos da loja, algumas vezes essa mesma calça virá acompanhada de sapatos, cinto, meias e blusa. A peça de roupa é parte integrante de

um conjunto maior, e a imagem veiculada pela vitrine nunca é simplesmente da peça por si só, mas do conjunto. Este sim é o produto comercializado pela loja. Aliado a isso, a decoração também acentua essa ideia: a roupa é parte de um todo ainda maior, caracterizado por um ambiente que pode ser identificado só pela decoração, mas muitas vezes também pela música do estabelecimento. Esse conjunto maior é convencionalmente chamado estilo. Cada uma dessas lojas comercializa, portanto, não só peças de roupas de uma marca específica, mas símbolos de um determinado estilo. (BERGAMO, 1998, p. 4)

Produto cultural, a moda constituirá novas identidades e relações de consumo. “O cinema, a televisão, a literatura e a música passam a ser fonte de criação e difusão de modas e novos estilos começam a surgir: rockers, beatniks, hippies, skinheads, punks, góticos, funkeiros, rappers” (GUIMARÃES, 2008, p.4). Dessa forma, conclui-se, que a percepção visual da moda não é apenas uma questão fisiológica, mas é uma construção cultural, histórica e social. Conforme afirma HAGE (2023):

A construção de narrativa por meio de imagem é uma ação dos seres humanos desde as civilizações mais antigas, quando produziam pinturas rupestres ou desenhos milenares orientais. Diante disso, obras plásticas, como também esculturas, gravuras, entre outros, são responsáveis pela constituição de um material visual que exemplifica em diversas situações modos de vestir de determinadas pessoas e também de grupos às quais pertencem (HAGE, 2023, p. 174).

Na visão de Lipovetsky (1989) a moda tem assumido papel individualizador do sujeito atraindo a atenção para seus próprios atributos na sociedade. “O vestuário de moda é cada vez menos um meio de distanciamento social e cada vez mais um instrumento de distinção individual e estética, um instrumento de sedução, de juventude, de modernidade emblemática” (LIPOVETSKI, p.129).

Como aponta Soto Labé (2014) sobre os processos de produção intelectual criativa e internacionalização dos modelos de desenvolvimento, no século XX, “o identitário e estético assumiram um novo status para a economia e a política mundiais” (SOTO LABÉ, 2014). Na esteira do capitalismo informacional, a globalização amplia as possibilidades relacionais por meio das tecnologias de comunicação. Por conseguinte, em nosso tempo, “o consumo da moda no mundo contemporâneo está impregnado da busca de identidade, pois as pessoas querem se diferenciar para se mostrarem como indivíduos únicos, e nessa tentativa, vão em busca de grandes marcas, acabando por instaurar um grande paradoxo” (MAIA, 2014, p.36).

A cultura e a moda estão nesse espaço social de disputas, influenciando-se mutuamente, perpassadas pela necessidade consumista, como explica Bauman (2008, p.21) “consumir, portanto, significa investir na afiliação social de si próprio, o que numa sociedade de consumo,

traduz-se em “vendabilidade”: obter qualidades para as quais já existe uma demanda de mercado”, e esta noção de consumo continua transformando o atual modo de ser e estar no mundo. Por fim, conclui-se que, nessa busca incessante por novidade, legitimidade e valor agregado, a moda se organiza capturando inspirações e insumos na diversidade das expressões culturais e também no campo da arte, aproximando fronteiras simbólicas que garantem para si certas singularidades. Vejamos a seguir como a moda e a cultura se expressam na coleção museal de Dica Frazão.

## 4.2. A representação da mulher na coleção do Museu

A exposição é considerada a principal e mais comum forma de comunicação em museus. Nela se dá o encontro entre homem e objeto, tendo o museu como cenário (WERNECK; COSTA; PEREIRA; 2010, p.7). No universo dos museus, a exposição desempenha um importante papel na representação e comunicação de pesquisas e acervos. É um espaço construído não apenas fisicamente, mas também simbolicamente (ENNES, 2008). Ela conecta público, acervo e instituição. Desta forma, pesquisar sobre os objetos que fazem parte do acervo de um museu é fundamental para compreender o “conceito da exposição, a narrativa museológica e o acervo disposto para o público” (WERNECK; COSTA; PEREIRA; 2010, p.8).

O mundo dos museus evoluiu amplamente com o tempo, tanto do ponto de vista de suas funções quanto por sua materialidade absolutamente diversificada (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 22). Um acervo é um conjunto de objetos/documentos que corresponde ao interesse e objetivo de preservação, pesquisa e comunicação de um museu (CHAGAS, 2009, p. 29). Museus brasileiros possuem indumentária em seus variados acervos, alguns formam coleções deste tipo, enquanto outros, mantêm alguns poucos itens que complementam outras coleções (ANDRADE, 2016, p. 11).

Fausto Viana (2017), professor livre docente na Universidade de São Paulo (USP), possui vasta pesquisa sobre figurinos, cenografia e moda, explica que há inconsistências quando o assunto é a classificação das roupas nos museus, contudo, tenta simplificar o debate informando que “tudo aquilo que é moda é traje, e basicamente traje social. Nem tudo que é traje é moda, no entanto” (VIANA, 2017, p. 34). E tal afirmação faz sentido, levando em conta que o campo da moda é “esse conjunto de relações entre grupos em que a roupa assume o papel da intermediação simbólica” (BERGAMO, 1998, p. 03)

Na prática, as informações sobre museus brasileiros, que se dedicam às indumentárias, ainda são um pouco dispersas. Vejamos que ao coletar informações junto ao Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), por meio de sua plataforma Museusbr<sup>21</sup>, o painel analítico cita um total de 3.905 museus brasileiros cadastrados e estes estão classificados em cinco tipos, sendo eles:

---

<sup>21</sup> Segundo dados contidos no Cadastro Nacional de Museus (CNM), no Brasil, há 3.905 museus mapeados. Recentemente, em 19 de janeiro de 2024, foi lançada a nova plataforma Museusbr, que promete aos usuários uma experiência mais dinâmica, com novas possibilidades de busca, painel analítico interativo e a disponibilização de relatórios e outros materiais produzidos a partir das informações coletadas desde 2006 até hoje. A plataforma Museusbr tem como objetivo apresentar à sociedade, com transparência, o setor museal. O Cadastro Nacional de Museus e todos os dados estão disponíveis em: <https://cadastro.museus.gov.br/>. Acesso realizado em 10/02/2024.

Clássico/Tradicional (2.800 museus), Museu de território/Ecomuseu (136), Jardim zoológico, botânico, herbário, oceanário ou planetário (109), Unidades de conservação da natureza (75), Virtual (60) e Não Informado (724). Pesquisando na plataforma quais as temáticas dos museus encontramos as seguintes categorias: Antropologia e Arqueologia (226); Artes, arquitetura e linguística (501); Ciências exatas, da terra, biológicas e saúde (445); Defesa e segurança pública (29); Educação, esporte e lazer (77); História (1.800); Meios de comunicação e transporte (70); Produção de bens e serviços (22) e Não Informado (732). Nas duas situações, não há dados objetivos sobre museus de moda e indumentária e não localizei estudo que sistematize esse tipo de informação.

O Museu Dica Frazão está classificado na plataforma Museusbr<sup>22</sup>, do Ibram, como do tipo Tradicional/Clássico, sem informações adicionais que possam identificá-lo como detentor de um acervo de objetos têxteis. O museu registra em seu catálogo 57 objetos museais, que estão organizados em ordem cronológica, abrangendo o período entre 1949 e 1998, e desse total, oito indumentárias estão expostas nas vitrines da sala principal, que contém ainda algumas toalhas de mesa, arranjos florais, chapéus e bonecas de cheiro. O catálogo é o principal inventário sobre a coleção.

Analizamos as roupas do acervo como objetos museológicos centrais na exposição, ou seja, fundamentais para uma relação profunda entre o autor, o artefato e o visitante, que estimulam a construção de uma “interação entre mensagem expositiva e o visitante, para que a exposição permita uma apropriação de conhecimento” (CURY, 2006, p. 38).

Sem a noção da moda, expressão de repertório social, cultural e histórico de uma época, a roupa é apenas roupa. Dessa forma, a partir da noção de que “traje civil” (VIANA, 2017) é todo tipo de roupa que não seja militar ou eclesiástica, a coleção do museu Dica Frazão possui dois tipos básicos de trajes civis: os sociais, que são aqueles destinados aos eventos como festas, reuniões e casamentos; e as fantasias, que são aqueles utilizados nos festivais folclóricos.

Percebemos que as indumentárias ganham destaque na construção da mensagem sobre o legado da artesã e uma narrativa que evoca a identidade amazônica, a partir dos materiais que “vêm da floresta”, construindo uma ponte que interconecta acervo, museu e público. Para Cury (2006, p.35) “no *stricto sensu*, a principal forma de comunicação em museus é a exposição ou, ainda, a mais específica, pois é na exposição que o público tem a oportunidade de acesso à poesia das coisas”.

---

<sup>22</sup> Acesso à plataforma Museusbr: <https://cadastro.museus.gov.br/painel-analitico/>

Embora saibamos que os arranjos florais, bolsas e chapéus são objetos museais que também complementam a narrativa da exposição museológica, a própria organização do desenho do museu nos leva a destacar e a observar atentamente as roupas. Na sala principal, as vitrines contém oito trajes completos e há mais um traje típico fora da vitrine posicionado próximo às demais roupas. Três toalhas de mesa ocupam a vitrine que fica no fundo da sala principal da exposição.

Figura 2- Vitrine do Museu Dica Frazão, da esq. para dir. Trajes nº 33, nº37 e nº22.



Fonte: Ferreira, 2023.

Figura 32 - Traje Índia Tapajoara, n°55. Santarém, Pará.

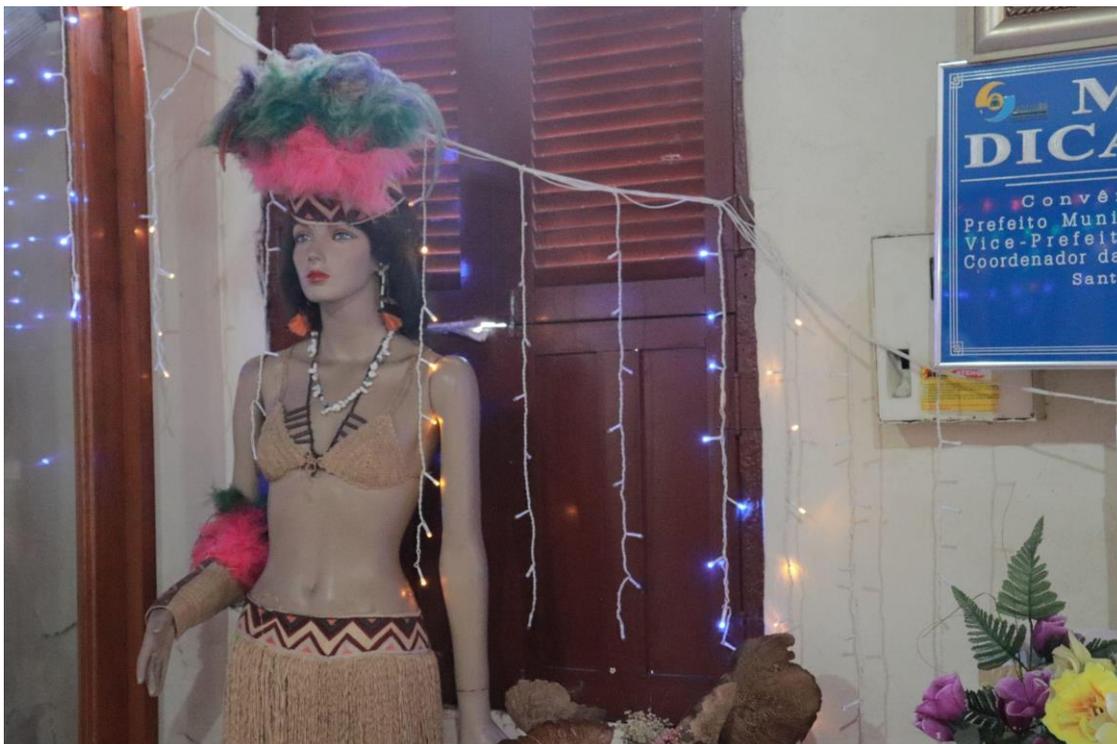


Foto: Ferreira, 2023.

Figura 33 - Exposição do traje n°38 e toalhas de mesa feitas de fibras naturais. Santarém, Pará.



Fonte: Ferreira, 2023.

Figura 34 - Grupo de estudantes visita o Museu de Arte Dica Frazão. Santarém, Pará.



Fonte: Fb/Diretoria de Cultura da Procce/Ufopa. 2019

Cabe ressaltar que focamos na análise visual dos trajes, ou seja, os sentidos comunicados por meio do vestir ali apresentados. Do total de 23 trajes descritos no catálogo, selecionamos oito peças de vestuário para estudo pelos seguintes motivos: primeiro porque são elas que fazem parte da comunicação museológica que está disponível ao público; segundo que estas são as peças devidamente identificadas e fazem uma correspondência exata entre a vitrine e o catálogo; por fim, são as roupas que podemos identificar, por meio da descrição, quais as matérias-primas, ano de referência de sua confecção e algumas informações descritivas adicionais que permitem fazer as conexões históricas, sociais e culturais com a trajetória de Dica Frazão. Destarte, não avançaremos sobre o detalhamento de tecnologias têxteis, salvo quando descritos em informações documentadas pela própria artesã. Esse conjunto de informações técnicas requer o suporte de outros documentos e especialistas que possam analisar peça a peça utilizando ferramentas apropriadas.

Consideramos que “as imagens visuais configuram uma importante fonte para os estudos de história da moda, da indumentária e dos modos de vestir, haja vista a proximidade comumente percebida entre aparência e visualidade” (TEIXEIRA; DE ANDRADE; 2023, p.

123). Em linhas gerais, o vestir pode apontar características da maneira de ser de uma época ou a tentativa de expressar determinados sentidos, como explica MARTINS (2022, p.73) “Na perspectiva da cultura visual a interpretação se constitui como prática social que mobiliza a memória do ver, aciona e entrecruza sentidos da memória social construída pelo sujeito. Influenciadas pelo imaginário do lugar social as interpretações configuram processos de construção de sentidos e significados”. Cada lugar desenvolve diversas maneiras de manifestar suas particularidades culturais. A moda pode ser considerada uma dessas expressões. O vestir não é apenas indício de frivolidade, vai além, do ponto de vista visual, sinaliza significados e é constituinte de uma ordem social. Ressalta Martins (2022):

Arte e imagem estão vestidas e revestidas por ideias e pontos de vista gerais e individuais, por valorações e sotaques alheios e muitas vezes estrangeiros. Esses elementos se entrelaçam, às vezes se fundem e frequentemente se entrecruzam. Toda obra ou imagem é, de certa forma, uma opinião social e as formas artísticas e imagens estão encharcadas de valorações sociais. (MARTINS, 2022, p.75)

Neste sentido, a partir de uma abordagem qualitativa, analisamos as roupas como documento, a fim de entender a interação social e cultural do objeto em questão, posto que “toda a produção humana, não excetuando-se as roupas, pode ser objeto de estudo e considerado material da cultura, materialidade cultural, objeto que enseja valores impossíveis de dissociar da condição humana” (ANDRADE, 2014, p. 75).

Os trajes sociais no Museu Dica Frazão são basicamente: vestidos, túnicas, conjuntos de blazer e calças, conjuntos de bolsas e chapéus, saídas de praia, mantôs de viagem e um vestido de noiva, que se referem ao período entre 1960 e 1975; as fantasias são alusivas aos figurinos produzidos para o Boi Garantido, o contrário do Boi Caprichoso no Festival Folclórico de Parintins (AM), no ano de 1988, seguidas de alguns figurinos típicos regionais, que foram criados para representar Santarém em desfiles e feiras no período entre 1974 e 1997, nas cidades de Santarém (PA), Belém (PA) e Brasília (DF). Esse panorama geral nos permite visualizar a versatilidade do trabalho manual de sua criadora, que tentava agradar seu público com intencionalidades diversas, peças criativas e inovadoras.

A exposição dos trajes pode ser visualizada pelo público sem uma ordem pré-determinada e a curadoria realizada por Dica Frazão selecionou exemplares específicos de um *self* corporal feminino. O *self* corporal pode ser compreendido como aquela informação sobre a identidade de uma pessoa, dita através de mensagens visuais e não, necessariamente, por meio das palavras. É uma “forma visual econômica” (STREY, 2000, p.150) para estabelecer uma

diferenciação primária entre masculino e feminino. “Assim, o vestir precede à comunicação verbal ao estabelecer uma identidade individual de gênero, assim como as expectativas para outros tipos de comportamento (papéis sociais baseados nessa identidade)” (STREY, 2000, p.150). No caso da coleção do Museu Dica Frazão, nota-se que o corpo da mulher é longilíneo, percebe-se nos trajes a cintura fina e marcada, as cores naturais em tons bege e perolado comunicando certa sobriedade, sem contar o uso de acessórios como chapéus, bolsas, casacos, plumas e flores, lembrando a estética das mulheres vitorianas.

O vestir (juntamente com os cosméticos e penteados) compreende o que está mais proximamente ligado ao *self* corporal - que estrutura muito do que vemos uns nos outros - razão pela qual adquire quase naturalmente uma capacidade especial de “dizer coisas” sobre esse *self*” (DAVIS, 1992, *apud* STREY, 2000, p.150).

Essa espécie de matriz feminina, presente na coleção do Museu Dica Frazão, se subdivide em duas maneiras de vestir o corpo da mulher: uma que atende a esfera do cotidiano social e dos eventos, enquanto a outra, por meio das fantasias e trajes típicos, busca atender a esfera dos festivais regionais e destacar uma mulher exuberante da Amazônia.

Começemos com o cotidiano social. O traje número 22 do catálogo (figura 35) que é um manto para viagem com bolsa e capuz. O manto de viagem é, na verdade, um casaco utilizado como terceira peça do vestuário para compor um visual elegante. Feito da entrecasca da madeira, a peça imita um casaco de pele. O traje tem mangas longas, o comprimento da saia ultrapassa os joelhos, possui quatro botões frontais que são cobertos pelo tecido na cor bege, que prevalece em toda a vestimenta. A gola é larga e assim como os punhos do manto possui um estilo safári em dois tons de bege (um mais claro e outro castanho).

O traje número 22 é coordenado com uma bolsa de mão tamanho médio em dois tons similares à gola e aos punhos. O chapéu também possui coloração bege no estilo safári e lembra um clochê, acessório essencialmente feminino que caiu no gosto das mulheres nos anos 1920. Esse traje é uma réplica do conjunto confeccionado para a 1ª Exposição Desfile no Theatro da Paz, que ocorreu em Belém, Pará, no ano de 1972. O manto ficou conhecido por ter sido adquirido por um casal belga que o levou para presentear a Sua Majestade Rainha Fabíola da Bélgica.

Figura 35- Traje nº 22 manto de viagem. Santarém, Pará.



Fonte: Ferreira, 2023.

O traje número 30 (figura 36 ) é uma saída de praia, que acompanha chapéu, tamanco e cesta. A roupa é feita da fibra da entrecasca da madeira em tom marrom (cor natural, um bege em tom terroso). O vestido é curto, não possui mangas e o decote em V é discreto. Nas duas laterais, na altura um pouco abaixo do quadril, há detalhes trabalhados com flores da mesma

fibra em tom creme pérola. O chapéu também é feito da fibra da entrecasca da madeira na cor marrom, possui uma faixa fina formando um laço e detalhes em flores em tom creme pérola. O chapéu lembra o modelo “floppy” de aba larga e que ficou conhecido nos anos 1970 por ser utilizado pela atriz Brigitte Bardot. A cesta é feita na cor marrom e possui detalhes em flores. Com apelo elegante, a saída de praia é uma peça utilizada nos momentos de lazer ao ar livre. Esse traje é uma réplica de um conjunto apresentado na 1ª Exposição Desfile no Theatro da Paz, em Belém, Pará, no ano de 1972.

Figura 36 3- Traje nº 30, saída de praia. Santarém, Pará.



Fonte: Fb/Diretoria de Cultura da Procce/Ufopa. 2019

O traje número 33 (figura 37) é um vestido de noiva estilo moderno. O vestido tem mangas longas e decote estilo coração, a cintura é bem-marcada, sendo confeccionado da fibra da entrecasca da madeira, possui detalhes trabalhados em renda Richelieu, contorno em pérolas e gotas d'água no mesmo tom. O buquê e a tiara possuem rosas confeccionadas de penas de ganso e organza em tons amarelo claro, amarelo ouro, laranja e abóbora, com pingentes em pérolas. O corte em A dá um ar alegre e descontraído ao traje, embora seja um dos clássicos modelos dos vestidos de noiva. A cor foge do tradicional branco e predomina o bege e o tom pérola. Embora o traje seja intitulado como estilo moderno, ele evoca um ar feminino romântico clássico. Essa peça é a réplica de um vestido confeccionado para uma noiva em Londrina, no Paraná, no ano de 1975.

Figura 37 - Traje nº33 vestido noiva moderna. Santarém, Pará.



Fonte: Ferreira, 2023.

Figura 38 - Detalhes dos bordados e busto do vestido de noiva moderna. Santarém, Pará.



Fonte: Ferreira, 2023.

Figura 39 - Detalhe da manga e do buquê do vestido de noiva moderna. Santarém, Pará.



Fonte: Ferreira, 2023.

Pensando o gênero feminino a partir desses três trajes elaborados por Dica Frazão (Nº22, Nº30 e Nº33), nota-se, primeiramente, que a fibra da entrecasca vai proporcionar à artista-artesã a possibilidade de construir um estilo que remete à elegância feminina associada a cor bege que se alinha a um estilo que evoca as cores da natureza. O “marrom natural” que consta na descrição do catálogo valoriza a matéria-prima de origem vegetal. O corpo longilíneo, a cintura ajustada, os detalhes florais, a sobriedade, impressas nos três modelos, combinados com

acessórios notadamente *fashion*, como os chapéus e bolsas, denotam uma mulher que sabe compor o visual.

O bordado Richelieu remete aos ditames do século XIX quando “a moda vinha, em grande parte, de uma única origem: Paris” (CRANE, 2013, P. 46). Interessante notar que Dica mistura tendências da moda dos anos 1920 com as transformações sociais e culturais da década de 1970, imprimindo certo frescor ao romantismo e valorizando o feito à mão a partir da fauna e flora da Amazônia.

Nos anos setenta, as mulheres de todas as idades vestiam trajes com calças para trabalhar, ir a festas, teatro, restaurantes elegantes e viajar em voos internacionais. Os/as editores/as de moda afirmavam e as mulheres acreditavam, que os velhos tempos tinham acabado para sempre. (STREY, 2000, p. 153).

Já na esfera dos festivais regionais e desfiles típicos, vamos observar outras características particulares desenvolvidas por Dica Frazão. Na linha das roupas típicas feitas para apresentação em desfiles, o traje número 38 (figura 40 ) é intitulado “Deusa do Encontro das Águas” é composto por um conjunto de duas peças, uma blusa e uma minissaia, e como acessórios um chapéu, uma bateia e uma tarrafa. A matéria-prima é a entrecasca da madeira. A mini-blusa possui renda richelieu, cor natural, decote quadrado e mangas bufantes com babados em richelieu com detalhes na cor vermelha. A saia tem babados bordados em richelieu em tons de vermelho, com desenhos coloridos em degradê azul. O chapéu é o modelo “floppy” de abas largas, azul com arranjos florais coloridos. Nesse figurino destacam-se dois acessórios: a bateia que simboliza o ouro e o diamante; e a tarrafa que simboliza os peixes da região.

O nome atribuído ao traje denota uma referência imediata ao município de Santarém, no Pará, em alusão ao fenômeno natural chamado “Encontro das Águas”, encontro que se dá entre os Rios Tapajós e Amazonas, e é possível ver que não se misturam formando uma paisagem característica da cidade. Os dois acessórios, a bateia e a tarrafa, que estão um em cada mão do manequim, chamam a atenção, posto que evocam de um lado a pesca presente no cotidiano da Amazônia e do outro a extração de recursos minerais na região. O imaginário de um local de belezas naturais e abundância de riquezas está presente nesse traje.

Figura 40 - Traje nº 38, Deusa do Encontro das Águas.  
Santarém, Pará.



Fonte: Ferreira, 2023.

Na década de 1970, período da Ditadura Civil-Militar, “a abertura das rodovias BR 163 e BR 230 estimulou a vinda de muitos imigrantes nordestinos, mato-grossenses e sulistas, que se instalaram às suas margens e deram origem a povoados e vilas que se tornaram municípios” (AMORIM, 2023, p.272). De forma lúdica, Dica Frazão leva para os desfiles e depois traz para sua coleção, no museu, peças que remetem às transformações que estão ocorrendo no território santareno, colocando o corpo feminino como protagonista nessas representações.

Figura 41 - Detalhe da manga do Traje nº38 Encontro das Águas. Santarém, Pará.



Fonte: Ferreira, 2023.

Figura 42 - Detalhe da saia e parte da bateia do Traje nº 38, Encontro das Águas. Santarém, Pará.



Fonte: Ferreira, 2023.

Além da entrecasca como matéria-prima, várias peças da coleção possuem bordados em renda Richelieu, que agregam complexidade e refinamento ao vestuário. Considerado um bordado tradicional, o Richelieu pode ser feito à mão e requer destreza, paciência e firmeza no manuseio artesanal, pois a técnica consiste em cortar espaços vazios dos tecidos entre os motivos bordados e, depois de vazados, tudo é reunido em pontos de ligação chamados

“casear”. Dica Frazão caseava bordados desenhando flores e plantas da floresta Amazônica. A destreza de Dica Frazão pode ser apreciada nos vestidos e toalhas que, além de serem feitos com fibras vegetais produzidas no próprio ateliê, recebiam finalizações com bordados Richelieu.

O segundo traje típico chama-se “Cheiro do Pará”, número 37 da coleção do museu (figura 43). A figura feminina apresenta uma tiara adornando a cabeça com flores regionais. A roupa é toda feita da entrecasca da madeira. A saia é ajustada à cintura, destacando a forma do corpo feminino longilíneo, ela é comprida com babados e debruns (espécie de ornamento em filete usado para margear um tecido para ornamentar ou evitar que a trama se desfaça) vermelho com fios dourados. A mini-blusa possui modelagem que valoriza a região do busto de forma discreta com bordados richelieu, mangas bufantes com flu-flus, debruns vermelho com fios dourados. A cesta floral é composta por arranjos de flores regionais e cheiro do Pará.

Figura 43 - Traje nº 37, Cheiro do Pará.



Fonte: Ferreira, 2023.

Figura 44 - Detalhe da blusa do Traje nº 37, Cheiro do Pará.



Fonte: Ferreira, 2023.

Figura 45 - Detalhe da tiara do Traje nº 37, Cheiro do Pará.



Fonte: Ferreira, 2023.

Esse conjunto (traje nº37, figuras 43, 44 e 45) é uma réplica do traje utilizado em quatro desfiles. O primeiro ocorreu em 1987, no Theatro da Paz, em Belém, Pará, por ocasião da Conferência Distrital do Rotary Club, usado pela jovem Rosielce Campos de Sousa. Em 1992 foi usado pela jovem Márcia Tatiana de Araújo Carneiro concorrendo na categoria trajes típicos em Belém, por ocasião da 14ª Conferência Distrital do Rotary Club, sendo eleita Rainha; Em

1993 foi usado pela jovem Gabriela Calata, no desfile promoção de Raí Cabeleireiro, no Centro Recreativo de Santarém, Pará. Em 1995 a jovem Verna Guerreiro Fernandes utilizou o traje na Feira Nacional dos Estados, em Brasília, DF.

O traje “Cheiro do Pará” (figura 43) traz um conceito visual que evoca uma figura feminina característica do Pará, que é a “Vendedora de Cheiro”<sup>23</sup>. Dica Frazão ressignifica essa figura utilizando a entrecasca da madeira e mantendo o tom bege natural combinado com os tons de vermelho. Embora atualmente o tom mais alvo tenha se perdido devido ao passar do tempo nas vitrines, nas criações de Dica Frazão prevalecem as roupas de tons claros. Conforme vamos observar, o uso de roupas brancas no início do século XX vai funcionar como um marcador social (TEIXEIRA; DE ANDRADE; 2023, p. 7), posto que “muito além da higiene do corpo, as peças alvas não se resumiam a esse uso, estando incorporadas a um sem-fim de aparatos contabilizados à elegância da casa das famílias mais refinadas” (TOMÉ, 2016 apud TEIXEIRA; DE ANDRADE; 2023, p.7).

A figura feminina elaborada por Dica Frazão traz a cabeça ornamentada com flores e configura o “jogo sinestésico de perfumar-se” (TEIXEIRA; DE ANDRADE; 2023, p. 12), hábito das mulheres paraenses, pois:

O uso de flores naturais nos cabelos configurou-se um costume social das mulheres pertencentes às camadas populares, durante o século XIX e a primeira metade do século XX, revelando o cuidado sensorial com seus corpos, a fim de perfume-los e evidenciar a sua feminilidade, bem como estava associada a questão higienista da população (TEIXEIRA, 2020, p. 172).

O figurino “Cheiro do Pará” atraía a atenção das moças que desfilavam com trajes típicos representando a região. A roupa evoca um algo relacionado à região amazônica com um toque de elegância e feminilidade romântica, que remete ao estilo Rainha Vitória do século

---

<sup>23</sup> A vendedora de cheiro remete a uma identidade da *mulata paraense* que já estava deixando de circular nas ruas de Belém no fim do século XIX, porém, continua presente no imaginário popular, tanto que essa figura é vista como indicadora de uma visualidade específica dos modos de vestir e de adornar a *Mulher Paraense* (AFFONSO, 1976 apud TEIXEIRA; DE ANDRADE; 2023, p. 138). Neste sentido, compreender essa indumentária como um símbolo identitário, provém ao fato de que, desde o século XIX até o século XXI, tal modo de vestir pertence a um grupo de mulheres na sociedade brasileira que desempenham atividade considerada subalterna: o das vendedoras de rua, e, que com acréscimos e subtrações, dialogam com a visualidade da Vendedora de Cheiro. Atualmente, encontra-se raramente essas vendedoras ambulantes perfumando as ruas de Belém; porém, sua presença é significativa no Ver-o-Peso, a maior feira livre à céu aberto da América Latina, de tal maneira que existe uma ala somente para essas mulheres, conhecidas como “erveiras” ou como “cheirosas” onde vendem seus produtos artesanais provenientes do conhecimento tradicional de herança, sobretudo, indígena (TEIXEIRA; DE ANDRADE; 2023, p. 138).

XIX. Teixeira (2023) suscita a possibilidade de que o uso dos arranjos florais no cabelo remete a presença da estética *Art Nouveau* feminina do século XIX, sendo comum mulheres brancas utilizarem ornamentos baseados em elementos da natureza.

Os três últimos trajes do museu que serão analisados referem-se ao Festival Folclórico de Parintins, Dica Frazão selecionou dentre as memórias sobre os 40 anos de sua carreira, figurinos utilizados neste festival. As réplicas remontam à competição do ano de 1988 e foram feitas para o Boi Garantido. “Este Festival ocorre desde a década de 1960, a princípio acontecia nos dias 28, 29 e 30 de junho, mas a partir dos anos 2000, priorizou o último final de semana do citado mês. Os pilares culturais dessa manifestação são os bois-bumbás Caprichoso (cor azul e a estrela como símbolo) e Garantido (cor vermelha e o coração como símbolo), que se apresentam por três noites” (DUTRA,2021, p.3). O evento que iniciou-se de forma pequena e simples, ganhou uma maior ênfase no ano de 1988 e desde então só vem sendo cada vez mais assinalada (SILVA, 2019, p. 3).

Parintins é um município brasileiro localizado no interior do Amazonas e fica há cerca de 225 km do município de Santarém, no Pará. Nos anos 1990 o festival ficou conhecido pela divulgação de algumas músicas, dentre elas, Tic, Tic, Tac (1993) e Vermelho (1996). Conforme explica Dutra (2021) Parintins se consagra como resistência cultural na Amazônia por meio do Festival Folclórico dos Bois-Bumbás, onde, a partir das toadas enaltece a beleza dos nativos do lugar, em especial, a mulher amazônica.

No Museu Dica Frazão, três personagens do festival voltados à representação feminina compõem o acervo exposto nas vitrines, conforme descreve Dutra (2021), são elas: a Sinhazinha da Fazenda (representa a filha do dono da fazenda); a Porta Estandarte (mulher que traz o estandarte do boi-bumbá) e a Rainha do Folclore (representa a diversidade de valores expressados pela manifestação popular). A coleção do museu não tem a quarta personagem feminina, que seria a Cunhã Poranga (a mulher mais bonita da aldeia).

O traje Originalidade “Sinhazinha da Fazenda”, de número 35 da coleção (figura 46), é uma réplica da fantasia confeccionada em 1998 para apresentação do Grupo Folclórico de Parintins para o Boi Garantido. O traje é composto por uma saia longa na cor bege clara, com folhos e babados contornados, possui rendinhas em crochê vermelho e é decorado com rosas de organza vermelha. A blusa também é na cor bege clara, tem um decote ombro a ombro, o decote traz detalhes com babados e flufus, com debrum vermelho e brilhos. O chapéu é do estilo “floppy” largo, possui detalhes com arranjos de flores com fibra natural em tom vermelho.

O traje acompanha um leque plumado em tom vermelho. A entrecasca da madeira é a matéria-prima de todas as peças do vestuário.

Figura 46 - Traje nº 35, Sinhazinha da Fazenda.



Fonte: Ferreira, 2023.

Figura 47- Detalhe do chapéu do Traje nº 35, Sinhazinha da Fazenda.



Fonte: Ferreira, 2023.

Figura 48 - Detalhe da flor vermelha do Traje nº 35.



Fonte: Ferreira, 2023.

Figura 49- Leque que compõe o Traje nº 35.



Fonte: Ferreira, 2023.

O segundo traje referente ao festival é a peça de número 34 (figura 50) intitulada traje Originalidade “Rainha do Folclore do Amazonas”. A vestimenta é composta por várias camadas, o que certamente deve tornar difícil a locomoção da mulher dentro dela. Ela é uma

réplica da fantasia confeccionada para apresentação do Boi Garantido no ano de 1988. Neste traje foi feita uma combinação de tecidos de fibra de patchouli e seda.

O figurino usa uma blusa justa com manga três quartos, é feita da raiz do patchouli toda em renda, detalhes com trevos de quatro folhas, contorno do decote com rosas de crochê de palha de buriti. A primeira saia é feita da raiz do patchouli trabalhada em detalhes que mostram pássaros da Amazônia bordados em penas de pavão, árvores em tom pastel na cor das águas do Amazonas, e na barra uma renda Richelieu com sombra vermelha.

A segunda saia tem babados que simbolizam as praias do rio Amazonas, na tonalidade areia, com detalhes em verde, vermelho e marrom, contornados com crochê de palha de buriti. A coroa é trabalhada com sementes de melão, pepino e abóbora, além dos detalhes em flores da entrecasca da madeira, com pérolas vermelhas no centro.

O cetro da rainha é decorado com flores de sementes de pepino e melão, a haste trabalhada manualmente com fio no tom bege. O manto simboliza o rio Amazonas, tecido em seda, com detalhes bordados em penas, garças e vitória régia bordada na tonalidade verde com flores em tons rosa como se estivessem flutuando sobre a água. Gola com acabamento de renda Richelieu de patchouli.

Figura 50 - Traje nº 34, Rainha do Folclore do Amazonas.



Figura 51 - Detalhe da coroa do traje nº 34, Rainha do Folclore do Amazonas.



Fonte: Ferreira, 2023.

Figura 52 4- Detalhe do busto, trevo de 4 folhas e rosas de crochê, do Traje nº 34, Rainha do Folclore do Amazonas.



Fonte: Ferreira, 2023.

Figura 53 5- Detalhe da manga três quartos do Traje nº 34, Rainha do Folclore do Amazonas.



Fonte: Ferreira, 2023

Figura 54 - Pássaros da primeira saia do Traje nº 34, Rainha do Folclore do Amazonas.



Fonte: Ferreira, 2023

A terceira personagem retratada na coleção de Dica Frazão é o traje número 36 (figura 55) Traje Originalidade “Porta Estandarte”. Uma réplica da fantasia confeccionada para apresentação do Boi Garantido em 1988. Neste traje Dica Frazão utilizou como base duas fibras, a malva e a entrecasca da madeira. A blusa é sem manga, justa similar a um espartilho, e a fibra é trabalhada em tecelagem da própria malva, em tom vermelho, decote com flores da própria malva e de flores do campo em tom verde e vermelho. A saia é longa e rodada, feita de fibra de malva, flores da própria malva com o centro em flores do campo nas cores verde e vermelho. O chapéu é feito da entrecasca da madeira, possui detalhes com arranjo de flores com fibra natural em tom vermelho.

No ano de 1988, quando Dica Frazão criou esses trajes, o Bumbódromo foi inaugurado e o Boi Garantido consagrou-se campeão com o tema “Brinquedo de São João”. Dali em diante muitas mudanças iriam transformar o festival em um evento gigantesco, transmitido pela TV, movimentando milhões em todos os nichos de mercado e elaborando representações do corpo feminino aparecendo com “uma visão dicotômica: um corpo puro a ser guardado e um corpo feroso a ser mostrado” (DUTRA,2021). As personagens femininas de Dica Frazão, no final da década de 1980, não estavam necessariamente evidenciando o corpo, mas percebe-se que havia uma mensagem relacionada à valorização da fauna, da flora e da cultura amazônica, mediada pelo conjunto de vestimentas que compunham a fantasia.

Figura 55 - Traje nº 36, Originalidade Porta Estandarte.



Fonte: Ferreira, 2023.

O Festival Folclórico de Parintins é um exemplo de como a imaginação de Dica Frazão estava conectada com o desejo de recriar a natureza da floresta. O tecido vegetal, as cores em tons terrosos ou bege claro, bordados que lembram flores e plantas da Amazônia, detalhes que transformaram a fibra em fino tecido. Apesar de todas as transformações culturais e sociais dos anos 1960 e 1970, Dica Frazão tentava imprimir em seus trajes um pouco da graça, da sensualidade sutil, da elegância, ao mesmo tempo que desenvolvia sua agência para investir tempo e criatividade para registrar, em suas peças, detalhes da Amazônia. O Museu Dica Frazão registra o resultado dessa interseção entre a saudade dos tempos glamourosos, do final dos anos 1940, e a reelaboração de uma identidade ligada à Amazônia.

### 4.3. A marca Dica Frazão: Pioneirismo, autenticidade e identidade

Dica Frazão criou uma espécie de marca pessoal, algo similar a uma “grife”, e conseguiu associar ao seu trabalho o sentido de que suas técnicas seriam autênticas, pioneiras e criativas. Integrando estes e outros elementos, no decorrer das décadas de 1950 até a culminância da criação do museu, em 1999, Dona Dica, além de comunicar bem sobre a qualidade de seu trabalho, também tinha o que hoje poderíamos chamar de visão empreendedora. O Museu é esse espaço institucional que parece ser a culminância, até meio óbvia, de uma estratégia que visa resguardar obras singulares de uma artista da região.

Combinando o “feito à mão”, próprio do artesanato, com repertórios que se aproximam do campo artístico e da moda feminina, elaborou leques de penas, fez bolsas com fibras naturais diversas, criou trajes e acessórios a partir da entrecasca da madeira, usou palhas para a confecção de cestarias, e fez algo novo, com propósito e significado.

O traje N°22 (figura 35), que integra a coleção museal que analisamos, por exemplo, é descrito um manto de viagem com bolsa e capuz, cuja matéria-prima principal é a entrecasca da madeira, customizada e confeccionada, de maneira que pudesse “imitar” um casaco de pele. Este trabalho é algo tão diferenciado, que mostra o potencial criativo dessa artista-artesã e o quanto seu trabalho reforçou signos de autenticidade, pioneirismo, originalidade e identidade com a biodiversidade amazônica.

Nesse sentido, buscando entender o porquê Dica Frazão conseguiu acessar o campo da arte e da cultura, propomos analisar alguns atributos evocados pelo seu trabalho. Partimos da premissa que os atributos elaborados em torno dessa personalidade reverenciada como a “divina artesã” (SENA, 2013) são construídos social, histórica e culturalmente durante sua trajetória, especialmente, a partir dos seguintes repertórios: a noção de autenticidade própria do objeto ser artesanal (BAUDRILLARD, 2004); a noção de pioneirismo associado a uma estética que recria a fauna e a flora amazônica; e de forma complementar a essas duas, a ideia que suas criações representam “um pouco da Amazônia” para fora de Santarém e outras regiões, ou seja, um capital simbólico (BOURDIEU, 2011) que evoca a biodiversidade amazônica.

Inicialmente, vale ressaltar a capacidade criativa e adaptativa às mudanças, sociais e culturais, como marcas essenciais observadas em Dica Frazão para manter-se no mercado local. À medida que a modista vai inserindo elementos artesanais aos vestidos confeccionados para suas clientes, a partir da década de 1949, ela passa a ser identificada pelos ganhos estéticos proporcionados pelo artesanato singular que passa a desenvolver.

Figura 56 - Arranjo de flores artesanais confeccionadas com escamas de peixe da região. Santarém, Pará.



Fonte: Ferreira, 2023.

Na década de 1950, Dica encontra-se em uma Santarém que “assenta sua economia principalmente na produção de fibras de juta, seguindo-se da borracha, madeira bruta e beneficiada, arroz beneficiado, óleo de pau-rosa, resina de jutaicaica, couro verde e salgado de boi, conchas de madrepérolas, castanha-do-pará e milho” (AMORIM, 2023,p.302).

Nas décadas de 1950 e 1960, o caráter artístico do artesanato de Dica Frazão vai ganhando fôlego em Santarém, pois seus produtos despertam um olhar de admiração, especialmente, porque suas matérias-primas vêm “da floresta” e são reelaboradas pelas mãos da artesã, que transformam fibras e palhas em vestuário, acessórios e outros itens para uso pessoal ou doméstico. Ela imprime ao seu trabalho o prestígio de ser autêntico e é reconhecida no município de Santarém como tal.

Baudrillard (2004, p.85) assinala que “a fascinação pelo objeto artesanal vem do fato deste ter passado pela mão de alguém cujo trabalho ainda se acha nele inscrito: é a fascinação por aquilo que foi *criado* (e que por isto é único, já que o *momento* da criação é irreversível)”. As peças de Dica Frazão parecem, de alguma forma, guardar relação com a sua origem, “vindos

da floresta”, autênticos, embora nem toda matéria-prima seja efetivamente amazônica, ela as renova, evoca os povos tradicionais e que tudo é feito pelas mãos da artesã.

Figura 57 - Sobrinha de Dica Frazão veste túnica de algodão panamá, tom bege, destalhes bordados estilo indígena, combinado com conjunto bolsa e chapéu.



Fonte: Ferreira, 2023

Figura 58 - Detalhe da túnica em tom bege com detalhes indígenas nas cores vermelho e preto.



Fonte: Ferreira, 2023

Crane (2011, p.13), por exemplo, resume da seguinte forma: “A moda, assunto aparentemente trivial, é, na realidade, um fenômeno complexo que pode ser examinado em diversas perspectivas derivadas da sociologia da arte e da sociologia das indústrias culturais”. Nos anos 1950, além dos vestidos ainda feitos com tecidos comuns (chiffon, seda, tafetá, veludo, tule, 100% algodão), os leques de penas de pássaros e ventarolas eram os trabalhos que mais vendiam, “virou moda” ter um desses acessórios da Dica Frazão. Não havia ainda um mercado estabelecido para escoar os produtos artesanais de dona Dica, as vendas “para turistas” aconteciam geralmente na chegada dos navios à beira da orla da cidade ou no antigo Morro da Fortaleza.

A moda possibilitou que ela circulasse entre agentes da elite santarena, pois era uma modista reconhecida e admirada devido aos belos e diferenciados resultados de seu trabalho. Conseguiu, assim, ter a atenção e colaboração dos agentes sociais que atuavam no jogo político, social e cultural da época. Para BOURDIEU (2007), a posição dos agentes varia de acordo com os outros agentes que adentram ou saem do campo de forças/lutas, ou seja, o real é relacional. Para o sociólogo:

[...]o espaço social global como um campo, isto é, ao mesmo tempo, como um campo de forças, cuja necessidade se impõe aos agentes que nele se encontram envolvidos, e como um campo de lutas, no interior do qual os agentes se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças, contribuindo assim para a conservação ou a transformação de sua estrutura. (BOURDIEU, 2007, p. 50)

O campo da moda foi importante para reforçar atributos ligados à ideia de pioneirismo/vanguarda em Dica Frazão. A partir dos anos de 1960, os materiais utilizados nos produtos já eram diversificados: palha de açaí, malva, inajá, buriti, tucumã, casca do taperebá, bambu, palmeira de ubuçu (tururi), algodão cru e a entrecasca de madeira. Nessa época, confeccionava vestidos infantis e adultos, saídas de praia, trabalhos bordados e atoalhados de mesa em crochê, bordados em Richelieu.

Sobre essa noção de moda como arte e moda como ofício, Howard Becker pontua que “Os artesãos valorizam a utilidade de suas criações, enquanto artistas-artesãos enfatizam beleza e qualidades estéticas. (...) Seu objetivo é produzir um trabalho único, totalmente diferente de outros objetos” (BECKER apud CRANE, 2011, p. 271).

Ouso dizer que Dica Frazão é uma artista-artesã que valoriza tanto a utilidade e durabilidade quanto perseguia a qualidade estética. Consegue reelaborar, de forma criativa,

palhas e fibras, inclusive, ela se antecipa e propõe reelaborações ao que é comumente feito com a matéria-prima da floresta. Em nosso entendimento, concordamos com a proposta de Hage (2009, p.66), citado anteriormente, ao afirmar que “o artesanato e suas relações com as identidades culturais de variadas regiões cumprem parte do papel de contemplação estética”.

Além do pioneirismo e da autenticidade, existiriam outras estratégias que colaboraram para sua legitimidade como artista-artesã? O início da divulgação de seus produtos para outros públicos, nas lojas localizadas em Belém, capital paraense, e no Rio de Janeiro, sudeste do país, se deu pela intermediação de uma rede de contatos próximos à artesã, composta por comerciantes, clientes da elite santarena e agentes políticos ou religiosos, um capital social que contribuiu para que seu trabalho chegasse a outros espaços para além de Santarém.

O relato da própria artesã, registrado em entrevista concedida no ano de 1990, evidencia que, na primeira metade do século XX, não havia uma infraestrutura para comercializar os produtos dos artesãos. Ela usufruía da sua rede de contatos para colocar à prova dos consumidores novas combinações feitas da mistura de tecidos tradicionais e fibras naturais:

Quando eu enviei os leques para o Altino Brito Pontes enviei junto acompanhando um mostruário com modelos de bolsas, chapéus, cintos, porta-níqueis, porta-camisola. tudo já tecido na raiz do patichuli, porque na proporção em que eu tecia o patichuli para fazer o cabo do leque já me veio a ideia de fazer mil coisas daquilo. Então nós trabalhamos muito. [...] Depois descobri também o capim canarana (*Panicum spectabile Nees*). Capim que o gado comia e que encostava aí na beira. Eu tirava de dentro do capim aquela massa que era tinturada e fazia com ela, nas ventarolas, lindo bordado em cima da raiz de patichuli. Os bordados ficavam bonitos e eram feitos com a canarana. [...] Aquilo tudo foi o maior sucesso. Quando Altino Brito recebeu as amostras me fez a primeira grande encomenda de bolsas, de chapéus, de leques e ventarolas. Aí já ficou, como se diz, uma coisa já consagrada. (DICA FRAZÃO, apud SENA, 2014, p. 45-46)

Observamos que Dica Frazão conseguiu, durante sua carreira, mobilizar capital simbólico (prestígio e consagração) utilizando como recursos o capital cultural e social de seu entorno, o que conseqüentemente fazia com que suas vendas prosperassem tanto quanto sua consagração enquanto artista e artesã. Sua aproximação com espaços e agentes estratégicos, possibilitaram que, aos poucos, ela fosse tida como referência no tema das expressões artísticas e culturais paraenses.

Figura 59 - Exemplo de uma ventarola que está na coleção do Museu de Arte Dica Frazão. Santarém, Pará.



Fonte: Ferreira, 2023.

Figura 60 - Quadro feito por Dica Frazão utilizando moedas antigas, madeira, tecidos e penas de aves, recriando cena do cotidiano da Amazônia.



Fonte: Ferreira, 2023.

Cabe ressaltar que as políticas culturais no Estado do Pará tiveram como evento fundador a criação da Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo (SECDET), em novembro de 1975. Segundo Ana Paula Nazaré de Freitas (2010), antes desta data as políticas culturais estatais eram quase inexistentes no estado, apesar de existir uma Secretaria de Estado de Educação e Cultura, criada em 1951, sua atuação estava centrada na área de educação, ou seja, os recursos ficavam concentrados nessa pasta até que ocorresse seu desmembramento em dois setores independentes.

Analisando notícias sobre arte e cultura nos jornais Diário do Pará e O Liberal, nos anos 1980, notou-se que havia um esforço para a realização de feiras, exposições, lançamentos de galerias de arte, cursos e oficinas voltados para várias linguagens artísticas e culturais e, nesse movimento, foi possível identificar que Dica Frazão esteve presente em feiras e exposições referendadas por entidades governamentais, em Belém, capital do Pará. No final da década de 1980, por exemplo, atividades voltadas à valorização e a difusão da produção do artesanato paraense foram pensadas com intuito de fortalecer o turismo local.

Espaços consagrados como o Teatro da Paz e a inauguração de novos equipamentos culturais voltados para o fomento da arte e da cultura, como a Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (FCPTN), fundada em 1986, receberam Dica Frazão para eventos culturais e feiras expositivas. No ano de 1987, Dica Frazão foi uma das artistas convidadas para participar da “Semana da Cultura Santarena” realizada na sede da FCP, no Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves (Centur), em Belém.

No ano seguinte, em 1988, Dica participaria do projeto “Preamar”, mostra cultural realizada pela Fundação Cultural do Estado do Pará (FCP) na gestão de João Jesus Paes Loureiro, secretário de cultura do estado da época. Naquela ocasião, Dica falaria ao público sobre suas experiências no artesanato com fibras naturais em Santarém, oeste paraense. No evento, Dica também trazia mostras de seu trabalho, assim como fazia desde a década de 1960, quando não havia uma política cultural institucionalizada, e enviava exemplares de seus produtos ao comerciante Altino Brito, proprietário da loja Buraco Cheiroso, em Belém.

Nos anos 1970 o Brasil vivenciava a obscura experiência da Ditadura Militar e vê o reforço de uma estética oficial da cultura brasileira. Entretanto, é nesse período que são criadas várias instituições federais no campo da cultura, tais como a Fundação Nacional das Artes (1975), o Centro Nacional de Referência Cultural (1975), o Conselho Nacional de Cinema (1976), a Fundação Pró-Memória (1979). No Pará, em contrapartida, “os debates sobre a criação da secretaria no Pará, ocorreram quase exclusivamente por intelectuais da cidade de

Belém, revelando a triste tradição de centralização das questões culturais do estado na capital” (DE FREITAS, 2010).

Esse contexto nos mostra que, ao ser lida como uma artista singular, por agentes da elite de Belém, Dica consegue acessar espaços para venda de seus produtos e recebe convites para apresentar seu trabalho artístico nos equipamentos culturais disponíveis na capital do estado. Ou seja, ela ocupa gradativamente um lugar social da arte e da cultura na região e, posteriormente, representando a cultura amazônica nos espaços institucionalizados propiciados pelas primeiras políticas culturais do Pará. Conforme dissemos, Dica Frazão participou de feiras e exposições para divulgar seu trabalho, uma delas foi a 1ª Exposição Desfile que ocorreu no Teatro da Paz, em 1972, sob o título “Semana de Santarém”. O Jornal de Santarém, edição N° 1.570, publicado em 28 de outubro de 1972, mostra o espírito repercutido na época:

Semana de Santarém - Verdadeiro sucesso. Como já era esperado a “Semana de Santarém”, realizada na capital do Estado, no período de 23 a 27 de outubro do corrente, se constituiu num grande sucesso, em que houve verdadeira consagração de arte e de cultura do povo de Santarém, tão bem representado por artistas e intelectuais que estiveram participando da promoção no Teatro da Paz. Ninguém regateou aplausos, e, diariamente, a mais alta sociedade belemense esteve presente ao Teatro da Paz para ver e aplaudir os representantes de Santarém e sua arte. (JORNAL DE SANTARÉM, 1972. Acervo do ICBS, Santarém, Pará, pesquisado em janeiro/2020)

Participar deste evento em Belém foi importante para Dica, que incluiu na coleção do museu réplicas de duas peças exibidas no Teatro da Paz, os trajes 22 e 30, fazendo referência a sua presença na 1ª Exposição Desfile no Teatro da Paz, em 1972. As notícias publicadas nos jornais impressos Diário do Pará e O Liberal, nos anos 1980, citam Dica Frazão associada ao artesanato e a qualidade estética do trabalho apresentado.

Figura 61- Notícia publicada no Jornal de Santarém, em 28 de outubro de 1972, edição, nº 1.570.



Fonte: Instituto Boanerges Sena (ICBS). 2022.

Leia a transcrição da notícia (figura 61) publicada no Jornal de Santarém, nº. 1.570, publicada em Santarém, no dia 28 de outubro de 1972:

Semana de Santarém – Verdadeiro Sucesso. Como já era esperado a “Semana de Santarém”, realizada na capital do Estado, no período de 23 a 27 do corrente, se constituiu num grande sucesso, em que houve verdadeira consagração da arte e da cultura do povo de Santarém, tão bem representado pelos artistas e intelectuais que estiveram participando da promoção no Teatro da Paz. Ninguém regateou aplausos, e, diariamente, a mais alta sociedade belemense esteve presente no Teatro da Paz para ver e aplaudir os representantes de Santarém e sua arte. (JORNAL DE SANTARÉM, 1972)

Já nos anos 1980 foi possível identificar uma notícia especial em homenagem aos 40 anos de trajetória da artesã santarena publicada no Jornal O Liberal, no dia 03 de março de 1989, dez anos antes do lançamento de “seu museu”. É importante frisar que nesta reportagem (Figura 61)<sup>24</sup> as mensagens que se destacam são “a utilização de matérias-primas e resíduos do Baixo Amazonas” e a tentativa de fortalecimento de uma política cultural no Estado do Pará” e um Governo do Estado “preocupado em valorizar cada vez mais a atuação dos que contribuem

<sup>24</sup> Leia a íntegra dessa reportagem no link:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761036&Pesq=Dica%20Fraz%c3%a3o&pagfis=5877>

para o artesanato paraense”. Dica Frazão adentra nessa reportagem como uma figura que representa o artesanato tapajônico, exemplo de trabalho exemplar e autodidata “uma profissional da natureza” e, ainda, desenvolve seu próprio estilo, cores e utilização das fibras naturais. Em outras palavras, a artista-artesã é uma figura que ajuda a compor esse imaginário sobre o valor da arte e da cultura regional do Pará.

Figura 62- Jornal O Liberal, edição 22.232. Sexta-feira, 03 de março de 1989. Caderno Turismo.



Fonte: Hemerotec BN. 2023. Link: <https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>

Figura 63- Jornal Diário do Pará. Edição 1288, Caderno D. 16 de janeiro de 1987.

**Paratur**

A Companhia Paraense de Turismo - PARATUR, através de seu presidente, jornalista Carlos Rocque convida a equipe de esportes do DIÁRIO DO PARÁ para a abertura da exposição de trabalhos artesanais de **Dica Frazão**, de Santarém, que será realizada amanhã, as 20 horas (hsv), na feira do artesanato da Paratur, na praça Kennedy.

A mosta de **Dica Frazão** faz parte do projeto de valorização dos mais autênticos artistas paraenses, dedicados ao artesanato, que está sendo desenvolvido pela Paratur.

Fonte: Hemeroteca BN. 2023.

Figura 64- Jornal Diário do Pará. Edição 1288, Caderno Esportes. 16 de janeiro de 1987.

**Dica Frazão em vernissage**

De tanto lidar diariamente com eles, a Paratur (Carlos Rocque) decidiu deslanchar um projeto cultural, que pode inclusive servir de apoio às atividades da empresa, relativamente aos artesãos paraenses de todos os gêneros, principalmente os ceramistas, que são o forte da produção comercializada pelas lojas da nossa estatal de turismo. O projeto aplica-se à valorização do artesanato. É, assim, uma iniciativa de nível institucional, em que se busca uma melhor difusão do trabalho do artesanato paraense, com o objetivo de recolocar a posição do artesão na sociedade e admiração, principalmente porque, no caso da cerâmica — que é o melhor exemplo, ninguém fatura mais, em todo o Brasil, do que o Pará. Portanto, uma atividade produtiva, rentável, que representa, em termos turísticos e culturais (além do comercial), uma alta recomendação para o Estado.

Pensando assim é que fico muito feliz em receber, como já recebi, o convite para a vernissage de uma individual de **Dica Frazão**, às oito da noite de amanhã, sexta, na Feira do Artesanato, da Paratur, na Praça Kennedy. **Dica Frazão** é de Santarém.

Fonte: Hemeroteca BN. 2023

Por conseguinte, ao integrar insumos que vêm da região Norte (a entrecasca da madeira, fibras e palhas diversas, sementes), com os conhecimentos e as técnicas artesanais criativas e alinhar seus produtos à biodiversidade amazônica, por meio das cores e da aplicação de elementos da fauna e da flora em suas peças, a artesã evoca em seus objetos não só relações ligadas à emoção e ao belo, mas materializa valores ligados à identidade amazônica por meio da estética ali criada. Dica Frazão ao ressignificar os materiais que utilizou, reelaborou a si própria. Foi modista, artesã, artista, todas essas faces são as faces de Dica Frazão. Dica tenta materializar tudo isso no museu.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas - ao menos temporariamente. (HALL, 2020, p. 12)

Embora nem todas as etapas da produção artesanal de Dica Frazão pudessem ser consideradas totalmente sustentáveis, seja devido a aplicação de produtos industrializados em alguma etapa do seu processo de montagem da peça, seja pelo uso indevido, em décadas passadas, de plumagens de aves nativas da região, os signos ligados aos produtos oriundos da floresta, a ideia do trabalho feito à mão e os complexos bordados e aplicações feitos em toalhas e roupas, sobressaem em seus trabalhos manuais que têm um apelo criativo singular.

Nesse sentido, a artista, a artesã, a estilista mobiliza repertórios culturais diversos e traz para si características que reforçam seu valor como artista e artesã. Conforme aponta Michéle Lamont (2000) a partir da noção de repertório:

Os diferentes agentes mobilizam repertórios disponíveis em seus espaços para produzirem fronteiras simbólicas. Em outras palavras, recorrendo a um repertório cultural disponível para a justificação de suas posições, os agentes produzem fronteiras simbólicas que separam ‘o nós’ e ‘o outro’. (LAMONT, 2000, apud ÁBILE, VENTURINI et al., 2020, p. 169)

Dica construiu uma trajetória eficiente de sua marca, ao ponto de ser reconhecida como “A diva da arte tapajoara”, “a divina artesã”, “mais autêntica e mais bonita” e sua presença nos equipamentos culturais e atividades do campo da arte e da cultura gerou ganhos simbólicos para

seu trabalho, para si enquanto profissional e para a própria cidade de Santarém, vista como um lugar de produção artística singular.

O Museu Dica Frazão evidencia o interesse da artista-artesã em produzir um espaço que permitisse o endereçamento e a memória de sua arte. Mais uma vez ela consegue olhar para além do seu tempo. Estaria no Museu o seu legado que não conseguiria repassar para outros seguidores, nem da família e nem dos admiradores. Lugar das “reliquias”, o museu possibilita que nos aproximemos dessa artista e quem sabe “entender a própria dinâmica da vida social e cultural, seus conflitos, ambiguidades e paradoxos, assim como seus efeitos na subjetividade individual e coletiva” (GONÇALVES, 2007, p. 15).

As honrarias, homenagens e certificações recebidas por Dica são documentos que materializam uma trajetória bem-sucedida no campo artístico. Uma espécie de repositório das lembranças documentadas nas paredes do museu-casa. Para Cunha (2007, p.26) “a visão do sujeito comum/ordinário adquire importância e as ações da experiência estão sendo cada vez mais valorizadas, já que a conjuntura atual testemunha uma volta do eu significante, visível pela profusão de escritos biográficos e autobiográficos”. Embora não façam parte da coleção oficial do museu, todas essas homenagens estão exibidas na sala de jantar que integra o museu-casa.

A originalidade está em recriar, a partir dos materiais que “vêm da floresta”, um trabalho artístico único e com qualidade estética. “O campo artístico é esta arena particular, ou espaço estruturado de posições e tomadas de posição, onde indivíduos e instituições competem pelo monopólio sobre a autoridade artística à medida que esta se autonomiza de poderes econômicos, políticos e burocráticos” (LOIC WACQUANT, p117).

Conforme ensina Bourdieu (2011) o *habitus*, esse conjunto de disposições adquiridas para atuar no jogo social, variam de acordo com a posição social e a trajetória. “Os agentes sociais não são seres passivos manipulados por forças externas, mas criaturas ágeis e habilidosas que constroem ativamente a realidade social através de categorias de percepção, apreciação e ação” (LOIC WACQUANT, p. 12).

Em outras palavras, a cada vez que entendemos o conjunto de experiências postas na trajetória de Dica Frazão, vamos desmistificando a noção de que ela conseguiu destaque pelo talento artístico, somente. Ao contrário, o talento de Dica Frazão precisou ser reconhecido socialmente pelo conjunto de agentes e instituições como uma arte de prestígio. Os jornais mostram esse discurso. As honrarias reiteram o reconhecimento. O Museu traz para o campo do patrimônio cultural uma arte que é lida como inestimável.

Figura 65 - Sala de jantar do Museu de Arte Dica Frazão, as paredes têm várias homenagens e armários têm outras peças.



Fonte: Ferreira, 2023.

Concluindo, se considerarmos o Museu Dica Frazão como “em processo” e não como algo acabado, podemos inferir que esse espaço pode ser “uma ferramenta que deve ser utilizada para o exercício do direito à memória, ao patrimônio e à cultura; para o desenvolvimento de processos identitários e de valorização da diversidade cultural” (CHAGAS, 2009, p. 21).

A coleção, concretude do passado que no presente se atualiza a cada lembrança que é acionada por meio de sensações, tem o compromisso com o manter viva a própria artista, ou seja, “assegurar a continuidade do sonho, os objetos asseguram a continuidade da vida” (BAUDRILLARD, 2015, p. 105). Fotografias de um tempo e de um espaço, a coleção de Dica Frazão testemunha o nascimento de uma artista e o início de formação de um circuito para as expressões artísticas e culturais no Pará.

Por isso, frisamos que, ao testemunhar hábitos, os objetos museais, na interação dialógica com os públicos podem questionar os sistemas de valores, as sensibilidades, as emoções e as lembranças e esquecimentos sobre nosso território, nossa memória, pois “se trata de um conceito complexo, inacabado, em permanente processo de construção” (DODEBEI, 2005, p.7).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do acervo museal analisado, podemos observar a trajetória de Dica Frazão e as estratégias de uma artista-artesã que busca se consolidar no mercado da arte e da cultura, no Pará, na segunda metade do século XX. As visualidades dos seus trajés são marcadas pela figura feminina, longilínea, ora romântica, ora exuberante, evocando tons da natureza de uma floresta que conecta vários estilos, influências e manifestações culturais. Percorrendo a coleção, a história de cada artefato, descobrindo a matéria-prima, analisando jornais, fotografias, relatos sobre dona Dica, observamos que ela foi uma pioneira na vida e na arte.

Santarém é uma cidade no oeste do Pará que parece pulsar a todo canto um pouco de arte e cultura, daí ser relevante refletir como tem sido difícil, assim como o foi para Dica Frazão, construir um trabalho artístico reconhecido e rentável como profissão, diante de um cenário ainda por vir, a se estabelecer como propício para o crescimento de outros e outras artesãs/artesãos, ceramistas, músicos, pintores, dentre tantas outras formas de expressões artísticas e culturais.

Dica Frazão atribuía grande valor às suas criações que foram encomendadas para presentear personalidades públicas. Tinha orgulho de sua capacidade de experimentar novas matérias-primas para inovar em suas confecções, apesar da pouca educação escolar formal. Era importante para a artista ter a concretude dos seus feitos do passado representados no tempo presente. Na coleção do museu consta, por exemplo, a réplica da toalha de mesa presenteadada pelo prefeito de Santarém, Dr. Armando Lages Nadler e sua esposa Dona Carolina Nadler, ao presidente do Brasil, Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira (1957); a réplica do manto com bolsa e capuz para viagem encomendado por casal belga para presentear a rainha da Bélgica (1972) e a réplica da toalha e centro de mesa, arranjo floral e do estojo adquirido pela Diocese de Santarém para presentear à Sua Santidade o Papa João Paulo II.

A formação desta coleção vem ao encontro do desejo da artista de reunir exemplares de seu trabalho a fim de demonstrar sua trajetória no artesanato. Observando o catálogo, produzido na época da inauguração, os 57 itens seguem uma organização cronológica, dando uma certa linearidade à trajetória, algo próximo do que acontecia nos museus históricos na primeira metade do século XX. ABREU (1996, p.202) citando o historiador francês Pierre Nora nos lembra que “Todas as sociedades de todos os tempos são permeadas pela memória social. A história é uma construção da sociedade ocidental moderna, fruto da segmentação dos saberes”. A catalogação feita no museu, que tem como finalidade primária registrar quais objetos

pertencem àquela instituição, vai cumprir também o papel de transmitir para as próximas gerações “fatos da memória” que vão se esvaindo na sociedade moderna.

A coleção do museu Dica Frazão traz nuances interessantes para pensar o museu e a sua relação com a memória social, “que se trata de um conceito complexo, inacabado, em permanente processo de construção” (DODEBEI, 2005, p.07). O Museu Dica Frazão é, de fato, um espaço significativo e estratégico para a valorização do patrimônio cultural da região oeste do Pará, porque abriga inúmeras possibilidades de conectar memórias, passado e presente, e imaginar outras abordagens a partir do contato com o público.

Como cita Abreu (1996, p. 211) “Os roteiros legados pelos guardiões e pelas guardiãs da memória revelando valores e crenças de pessoas que viveram em carne e osso em algum lugar do passado continuam a despertar nossa imaginação”. O legado de Dica Frazão é também o registro da trajetória da arte e da cultura paraense, em especial, a santarena. A moda é uma perspectiva, mas não a única, pois a coleção poderá suscitar novos signos sociais e culturais sobre a Amazônia.

## REFERÊNCIAS

- ÁBILE, Bárbara Venturini et al. **A arte entre estilistas e chefs: os repertórios da arte e a delimitação das fronteiras na gastronomia e na moda: the repertoires of art and the delimitation of boundaries in gastronomy and fashion.** CSONline-REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, n. 32, p. 161-187, 2020.
- ABREU, Regina. **A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil.** Rio de Janeiro. Rocco. Lapa. 1996.
- \_\_\_\_\_. **Patrimonialização das diferenças e os novos sujeitos de direito coletivo no Brasil.** In: TARDY, C. (Org.); DODEBEI, Vera (Org.). *Memória e novos patrimônios*. 1. ed. Marseille: OpenEdition Press, 2015. v. 1, p. 67-93. 2015. Disponível em: <http://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/capitulos/patrimonializacao-das-diferencas.pdfv> Acesso em: 27 de maio 2022.
- \_\_\_\_\_. **Dez anos da Convenção do Patrimônio Cultural Imaterial: Ressonâncias, apropriações, vigilâncias.** *E-cadernos ces* [Online], 21 | 2014, posto online no dia 01 Junho 2014, consultado o 11 Março 2015. URL: <http://eces.revues.org/1742>; DOI: 10.4000/eces.1742
- AFONSO, Micheli Martins. **Casa-museu, museu-casa, casa histórica: um lugar de memórias.** *Vox Musei*, Parnaíba, ano 1, n. 1, p. 39-47, jan./jun. 2016.
- AFONSO, Micheli Martins; SERRES, Juliane Conceição Primon. **Casa-Museu, museu-casa ou casa histórica? Uma controversa tipologia museal.** *Contribuciones a las Ciencias Sociales*. N. 2014.
- ANDRADE, Rita. **Historicizar indumentária (e moda) a partir do estudo de artefatos: reflexões acerca da disseminação de práticas de pesquisa e ensino no Brasil.** *Modapalavra e-periódico*, Florianópolis, v. 7, n. 14, p. 72 – 82, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/5099>. Acesso em: 29 de nov. 2022
- ANDRADE, Rita.; PAULA, Teresa Cristina Toledo de; GT 3 “**Culturas da imagem e processos de mediação**” durante o II Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual – 17 a 19 de junho 2009 – na Faculdade de Artes Visuais/UFG, Goiânia/GO.
- ANDRADE, Rita. **Indumentária nos museus brasileiros: a invisibilidade das coleções.** In: *Musas*, Brasília, n. 7, p. 10-31, 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/37vJ4Md>>. Acesso em: 26 de nov.2022
- \_\_\_\_\_. **Boué Soeurs RG 7091: a biografia cultural de um vestido.** 2008. 224 f.Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Por debaixo dos panos: cultura e materialidade de nossas roupas e tecidos.** In: *Colóquio de Moda*, 2., 2006, Salvador. Anais... Salvador: UNIFACS, 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/3mcfuiR>>. Acesso em: 26 de nov. 2022

ANDRZEJEWSKI, Luciana. **A moda como história. Histórica–Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo**. n. 53, p. 1-8, 2012.

AMARAL, Hécio. **Santarém na década de quarenta**. In.: Programa da Festa de Nossa Senhora da Conceição. Catedral de Nossa Senhora da Conceição. Santarém, Pará, 2006. Diocese de Santarém.

AMORIM, Terezinha. **Sinopse Histórica do Baixo Amazonas e Tapajós**. 1ª edição. Belém, Pará: Paka-Tatu, 2022. 388; 24 cm.

APPADURAI, Arjun. **Introdução: Mercadorias e a política de valor**. In: \_\_\_\_\_. A vida Social das Coisas: As mercadorias sob uma perspectiva cultural. Tradução Agatha Bacelar. Niterói: Ed. UFF, 2008. p.15-87.

BARBOSA, Andréa. **Imagem e memórias na construção de uma experiência da e na cidade de São Paulo**. Cadernos de Antropologia e Imagem (UERJ), Rio de Janeiro, v.22, 2007. Disponível em: [https://visurb-unifesp.com.br/wp-content/uploads/2020/10/BARBOSA\\_Andrea\\_.Imagens\\_e\\_memorias\\_na\\_c.pdf](https://visurb-unifesp.com.br/wp-content/uploads/2020/10/BARBOSA_Andrea_.Imagens_e_memorias_na_c.pdf)  
Acesso em: 10 de jan. 2024.

BARBOSA, Fábio et al. DICA FRAZÃO. **Record News Santarém**. Canal Youtube Fabiobrest. Santarém, 12 de maio de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4OwcpUFENsk> Acesso em: 10 jan. 2024

BAKTHIN, Michail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BASTOS, N. W. B. **A Representação das Classes Populares no Jornal A Província do Pará (1898 e 1911)**. In: Revista Anagrama (USP), v. 9, p. 4-16, 2015.

BARDOT, Brigitte –Flickr.com . Fotografia. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/75137741@N07/6859213160/in/photostream/>  
Acesso em 10 de nov. de 2023.

BARNARD, Malcolm. **Moda e comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003

BARTHES, Roland. **Sistema da moda**. São Paulo. Cia. Editora Nacional. 1979. P.64

\_\_\_\_\_, Roland. **Neste ano o azul está na moda**. 1960. p. 309

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. trad. Zulmira Ribeiro Tavares. 2009.

\_\_\_\_\_, Jean. A troca simbólica e a morte, *apud* HOLZMEISTER, Silvana. O estranho na moda. São Paulo: Estação das Letras, 2010, p.17

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo: transformação das pessoas em mercadorias.** Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, Ed. 2008.

BATTISTONI FILHO, Duílio. **Pequena história da arte.** Papirus Editora, 2020.

BERGAMO, Alexandre. **A experiência do status: roupa e moda na trama social.** Unesp, 2007.

\_\_\_\_\_. **O campo da moda.** *Revista de Antropologia*, v. 41, p. 137-184, 1998.

BERTONHA, João Fábio. **A construção da memória através de um acervo pessoal: o caso do Fundo Plínio Salgado em Rio Claro (SP).** *Revista Patrimônio e Memória. UNESP – FCLAs – CEDAP*, v.3, n. 1, p. 112 – 120, 2007. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/61> Acesso em: 10 jan. 2024

BECKER, Howard. *Art Worlds.* Berkeley: University of California Press, 1982.

BLOG DO PADRE SIDNEY CAMPOS. **Praça Rodrigues dos Santos em Santarém - 1972.** 24 de mar. De 2016.  
<http://sidcanto.blogspot.com/2016/03/praca-rodrigues-dos-santos-em-santarem.html>

BORGES, Adélia (2003). **Designer não é personal trainer: e outros escritos.** 2ed. São Paulo, Edições Rosari.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 13 ed. Rio de Janeiro: Berttand Brasil. 2015.

\_\_\_\_\_. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos.** São Paulo: Zouk, 2002. (Apresentação e capítulo 1)

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas.** 5 Ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A.,2001.

\_\_\_\_\_. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** Campinas, SP: Papirus, 2007.

\_\_\_\_\_. **A distinção: Crítica social do julgamento.** Porto Alegre: Zouk, 2017. Capítulo 2, p. 95-161.

\_\_\_\_\_. **Gostos de classe e estilos de vida.** In: ORTIZ, Renato (org.). Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983, p. 82-121.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de Janeiro de 2009. **Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências.** Brasília, DF: Presidência da República, 2009.

BRULON, Bruno. **Caminhos modernos da musealização: a fabricação da musealia no Ocidente.** In: *Revista Tempo Amazônico*, Macapá, v. 3, n. 1, jul.-dez., 2015.

BRULON, Bruno. **Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para repensar os museus.** *ANAIS DO MUSEU PAULISTA*, v. 28, p. 1-30, 2020.

BUZETTO, Denise Maria Chane. **Mostra do Museu Híbrido: Casa do Artista, Obra, Ateliê e Museu**. 3º Colartes - Arte, Cultura, Distrações, Antagonismos. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). 2012.

CALANCA, Daniela. **História social da Moda**. São Paulo: SENAC, 2008.

CALEGARI, Mari. **História da Moda 1950 a 1970**. Blog Mari Calegari - Link Disponível: <https://blogdamaricalegari.com.br/2017/08/07/historia-da-moda-de-1960-a-1970/>

\_\_\_\_\_ **Quem foi Dener na história da moda brasileira**. Link Disponível: <https://blogdamaricalegari.com.br/2021/06/29/quem-foi-dener-na-historia-da-moda-brasileira/>

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**; tradução Heloíza Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução Gênese Andrade. – 4 ed. 8 reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019. – (Ensaio Latino-americanos, 1)

CANTO, Sidney. **Praça do Pescador, em Santarém, no ano de 1973**. 24 de abril de 2016. Blog do Padre Sidney Canto: História, Memória e Cultura no Oeste do Pará. Site: <https://sidcanto.blogspot.com/search?q=pra%C3%A7a+do+pescador+>

CASTILHO, Khatia; MARTINS, Marcelo Machado. **Moda e linguagem**. São Paulo, 2004.

CASTRO, Edna. CAMPOS, Índio. **Formação Socioeconômica da Amazônia**. In: Formação Socioeconômica da Amazônia / Edna Ramos de Castro e Índio Campos, Organizadores. – Belém: NAEA, 2015. Pág. 15 - 37. Disponível em: <https://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/164> Acessado em 17 de junho de 2023

CASTRO, Raimundo Nonato de. **As representações indígenas no processo de colonização do Brasil**. In: Revista eletrônica história em reflexão (UFGD), v. 6, 2012, p. 01/11-12, Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/1875> Acessado em 17 de junho de 2023

CARNEIRO, Jeso – Fotografia. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/125816678@N05/14982302923> Acesso em: 10 de novembro de 2023.

CARVALHO, Luciana Gonçalves; DOS SANTOS FILHO, Osinaldo Raphael Lima; DOS SANTOS, Elber Norton Souza. **O baú do Laurimar: documentos biográficos e narrativas da cultura em Santarém/PA**. Revista Cadernos do Ceom, v. 32, n. 51, p. 94-109, 2019.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material (São Paulo, 1870-1920)**. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. . Acesso em: 30 jul. 2023.

CONHECENDO Museus – Episódio 41: **Museu do Traje e do Têxtil** canal Youtube Conhecendo Brasil. Ministério da Cultura. Política nacional de museus / organização e textos,

José do Nascimento Junior, Mário de Souza Chagas. – Brasília: MinC, 2007. 184 p.: il. Color. Museus – FJPN Acesso em 08 dez. 2022 <https://www.youtube.com/watch?v=ChxrzS-zhNc>

COELHO, Geraldo Mártires. 2007. **Vida intelectual e sociabilidade urbana na Belém da belle époque da borracha (1890-1910)**. In: XXIV Simpósio Nacional de História da Associação Nacional de História (ANPUH), 2007.

COELHO, Maricilde Oliveira. **A escola primária no Estado do Pará (1920 - 1940)**. Tese. Universidade de São Paulo (USP). 2008. São Paulo. 205p.

COSTA, Renata Sofia Adriano da. **Uma Proposta Educativa para a Casa-Museu**. Medeiros de Almeida. Dissertação de Mestrado em Museologia e Museografia, apresentada à Universidade de Lisboa em 2017.

COSTA, Yazid Jorge Guimarães. **Museus e Patrimônio**. In.: Formação de mediadores de educação para patrimônio. Fundação Demócrito Rocha / Universidade Aberta do Nordeste. Fortaleza – Ceará, 2019.

COSTA, Tatiane de Cássia da. **A relação cidade e rio na Amazônia: mudanças e permanências frente ao processo de urbanização recente, o exemplo de Santarém (PA)**, 2012. 163 f.: Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

CHAGAS, Mário. **A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009.

\_\_\_\_\_. **Memória e poder: dois movimentos**. Cadernos de sociomuseologia, v. 19, n. 19, 2002.

CHAGAS, Mário de Souza e NASCIMENTO JUNIOR, José do (organizadores). **Subsídios para a criação de Museus Municipais** / Rio de Janeiro, RJ: Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro de Museus e Centros Culturais/Departamento de Processos Museais, 2009. 40p.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006. p. 103 p.

CHUVA, Márcia. **Por uma história da noção do patrimônio cultural no Brasil**. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. IPHAN. Nº34, 2012, Brasília – DF.

CRIVELANTE, M. R.; KOBASHI, N. Y.; JATENE, C. V.; OLIVEIRA, L. **Memória e Resistência**, c2017. Estudo e difusão de informações sobre as Ditaduras Cívicas-Militares na América Latina e sobre os lugares de construção da memória dessas ditaduras. Disponível em: <https://memresist.webhostusp.sti.usp.br/>.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção. Montagem e avaliação**. São Paulo: Annalumbre, 2005. 162p.

DE FREITAS, Ana Paula Nazaré. **Políticas culturais e consumo cultural: um estudo dos públicos da Estação das Docas em Belém/PA**. Fortaleza, CE, Universidade Estadual do Ceará. 2010.

DE SOUZA SANTOS, Jordana. O PAPEL DOS MOVIMENTOS SÓCIO-CULTURAIS NOS “ANOS DE CHUMBO”. **BALEIA NA REDE**, v. 1, n. 6. Dez/2009. Acesso em 19/11/2023. Disponível em:

[https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/BaleianaRede/Edicao06/6c\\_o\\_papel\\_dos\\_movimentos\\_culturais.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/BaleianaRede/Edicao06/6c_o_papel_dos_movimentos_culturais.pdf)

DESCOLA, Philippe. **Além da natureza e cultura**. Tessituras, Pelotas, v. 3, n. 1, pp. 7-33, jan./jun., 2015.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). Museu. In: \_\_\_\_\_. **Conceitos-chave de museologia**. Tradução e comentários Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Armand Colin; Comitê Internacional para Museologia do ICOM; Comité Nacional Português do ICOM. 2013. P. 64-67 Disponível em: <<https://bit.ly/2FUBRKM>>. Acesso em: 26 de nov. 2022

DIMAGGIO, Paul. **Fronteiras culturais e mudança estrutural: a extensão do modelo de alta cultura ao teatro, à ópera e à dança, 1900-1940**. In: LAMONT, Michèle; FOURNIER, Marcel. *Cultivando diferenças: Fronteiras simbólicas e a formação da desigualdade*. São Paulo: Edições SESC, 2015, p.43-89.

DOS SANTOS AMORIM, Antônia Terezinha. **Revista Patrimônio histórico e arquitetônico de Santarém**: [projeto de produção de réplicas e catalogação dos prédios históricos de Santarém – II Etapa] / FIT: [coordenação de Antônia Terezinha Amorim] – Santarém, Gráfica Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. **Santarém: uma síntese histórica**. Editora da ULBRA, 2000.

DUTRA, Gracy Kelly Monteiro. **O estereótipo da mulher amazônica nas toadas do boi-bumbá de Parintins AM**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 12 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2021, ISSN 2179-510X

EMBRAPA. AÇAI. Site. Conteúdo atualizado em 21/01/2022. Disponível em: <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/cultivos/acai> Acesso em 10/12/2022.

ENNES, Elisa Guimarães. **Espaço construído: o museu e suas exposições**. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. (Dissertação de Mestrado em Museologia e Patrimônio)

EKOSAARI, Maija; JANTUNEN, Sari; PAASKOSKI, Leena. **Checklist para uma política de gestão de acervos**. Pós: Belo Horizonte, v. 4, n. 8, p. 200 – 229, nov. 2014.

FEGHALI, Marta Kasznar; DWYER, Daniela. **As engrenagens da moda**. Editora Senac Rio, 2020.

FUNDAÇÃO Zuzu Angel. Acervo Digital Zuzu Angel. Site: <https://www.zuzuangel.com.br/> Hildegard Angel, 2016.

GANS, Herbet J. **Cultura popular e alta cultura: uma análise e avaliação do gosto**. São Paulo. Edições Sesc São Paulo, 2014. 224p.

GIL, Antônio C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**, 6ª edição. [Digite o Local da Editora]: Grupo GEN, 2017. E-book. 9788597012934. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597012934/>. Acesso em: 26 ago. 2022.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro, 2007. 256p. Coleção Museu, Memória e Cidadania.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. (Orgs.). **“O que é memória social”**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005. 162p.

GUIA DAS ARTES. **Museu de Arte Dica Frazão**. Minas Gerais. 2013.(site) Disponível em: <https://www.guiadasartes.com.br/para/santarem/museu-de-arte-dica-frazao> Acesso em: 25 de dezembro, 2021.

GUIMARÃES, Maria Eduarda Araújo. **Moda, Cultura e Identidades**. IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura 28 a 30 de maio de 2008. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador, Bahia, Brasil.

HAGE, Fernando. Uma escrita ilustrada do vestuário: de Schwarz a João Affonso. **ModaPalavra e-periódico**, v. 16, n. 38, 2023.

IBGE, **População Estimada**. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1o de julho de 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/santarem/panorama>

\_\_\_\_\_. **Capanema**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/capanema/historico> Acesso em 28 de ago. de 2023.

\_\_\_\_\_. **População no último censo**. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/santarem/panorama> Acesso em 08 de jan. 2022.

IBRAM. **Museus em Números**. Panorama Nacional. Ministério da Cultura. Brasil, 2011.

\_\_\_\_\_. **Cadastro Nacional de Museus: mapeando a diversidade museal brasileira**. / Instituto Brasileiro de Museus ; coordenação, Rafaela G. Gueiros R. de Lima. – Brasília, DF: Ibram, 2022. 76 p.: il.

ICBS - Instituto Cultural Boanerges Sena. **Dica Frazão: a divina artesã**. Santarém, Pará, 2016. (blog) Disponível em: [https://www.icbsena.com.br/artigo.php?id\\_artigo=26](https://www.icbsena.com.br/artigo.php?id_artigo=26) Acesso em: 18 de dez. 2021

ICOM. **Diretrizes do Comitê de Indumentária**. Tradução Michelle Kauffmann Benarush, 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2TjlpGE>>. Acesso em: 26 de nov. 2022

ICOM Brasil. **Questionário do ICOM Brasil sobre a nova definição de museu.** São Paulo. 2020. Disponível em: [http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2021/01/Questionario-do-ICOM-Brasil-sobre-a-nova-definicao\\_revisao.pptx.pdf](http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2021/01/Questionario-do-ICOM-Brasil-sobre-a-nova-definicao_revisao.pptx.pdf)

ICOM. Define Methodology. pdf. 2021, Disponível em <https://icom.museum/wp-content/uploads/2020/12/ICOM-Define-Methodology.pdf>

JESO CARNEIRO. **Há 60 anos nascia a TECEJUTA.** Publicado em: 10/11/2011. Disponível em: <https://www.jesocarneiro.com.br/uncategorized/ha-60-anos-nascia-a-tecejuta.html> Acesso em: 11/12/2022.

KOPYTOFF, Igor. **A Biografia Cultural das coisas: A Mercantilização como processo.** In: APPADURAI, Arjun. A vida Social das Coisas: As mercadorias sob uma perspectiva cultural. Tradução Agatha Bacelar. Niterói: Ed. UFF, 2008. p.89-121.

LIMA, Grazi. **História da Moda Anos 60.** 09 de novembro de 2018. Blog Eueminhaestupidez. Disponível em: <https://eueminhaestupidez.blogspot.com/2018/11/historia-da-moda-anos-60.html> Acesso em 09 de novembro de 2023.

LIMA, Y.; RANGEL, M.; **Museus Brasileiros no Século XX: O museu da Fazenda Federal.** ENANCIB, Brasil, sep. 2019. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/1180/685>.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e o seu destino nas sociedades modernas.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re) construir.** Estudos avançados, v. 16, p. 107-121, 2002.

MAIA, Maria Felicia Assmar Fernandes Correia et al. **O artesanato urbano como valor agregado à Moda Autoral produzida na cidade de Belém-Pará.** 2014.

MARTINS, Raimundo. **Porque e como falamos da cultura visual?** Visualidades, v.4, n.1, p. 64-79, jan-dez 2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/17999/10727> Acesso em: 18 de jul. 2022.

MENEZES, Maria Lúcia Pires. **Trabalho e Território: as reuniões católicas no interior do Estado do Amazonas – Brasil.** Revista Electrónica de Geografía Y Ciencias Sociales. Universidade de Barcelona. ISSN: 1138-9788. Depósito legal: B. 21.741-98. Vol. VI, núm. 119 (11), 1 de agosto de 2002. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/sn/sn119-11.htm> Acesso em: 10 de jan. 2024.

MONTEIRO, Gilson. A metalinguagem das roupas. **Artigo publicado na Biblioteca online de Ciências da Comunicação,** 1997. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/monteiro-gilson-roupas.pdf>

MOTTA, Antônio; TAMASO, Isabela. **Interconectividades: antropologia e museus, um campo em movimento.** BIB, São Paulo, n.94, 2021 (publicada em novembro de 2020), pp.1-41.

MUSEU de Arte Sacra de Santarém. <http://www.arquidiocesedesantarem.org.br/museu>  
Acesso em: 08/12/2022.

MUSEU DA PESSOA. **Tecnologia Social da Memória para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias.** Parceria ABravídeo e Fundação Banco do Brasil. 2009. 98 p.

NEIRA, Luz García. **A invenção da moda brasileira.** Caligrama (São Paulo. Online), v. 4, n. 1, 2008.

NETO, Ignácio Ubirajara Bentes de Souza. **Você se lembra? Praça Rodrigues dos Santos, 1962.** Blog Ignacioneto.blogspot.com, Santarém, 23 fev 2015  
Disponível em: <http://ignacioneto.blogspot.com/2015/02/santarem-praca-rodrigues-dos-santos-1962.html> Acesso em: 07/01/2022.

NEVES, Jailton et al. **Florística e índices espaciais das praças do bairro Centro no município de Santarém (PA).** Revista em Agronegócio e Meio Ambiente, Maringá, PR. V.14, n.2, 2021. Disponível em:  
<https://media.proquest.com/media/hms/PFT/1/C1zyK?s=sTBdsSF0SxWc%2Br4FAKDwDI78KBc%3D> Acesso em 03/12/2021

NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em:  
<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>.

O LIBERAL. **Castanhal vive a retomada da produção de malva.** Site. Patrícia Baía. Publicado em 01/09/2022. Disponível em: <https://www.oliberal.com/para/castanhal-vive-retomada-da-producao-de-malva-1.581455> Acesso em: 11 de dez. 2022.

OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos de. **Colecionismo a partir da perspectiva de gênero.** (2018). Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação da Universidade de Brasília. Museologia & Interdisciplinaridade. Vol. 7 nº 13, jan. / jun. de 2018.

OLIVEIRA, Tetê. Dica Frazão, uma gigante na arte e na vida. Santarém, PA. **Overmundo.com.br**, Nova Iguaçu, RJ. 10 dez. 2006. Disponível em:  
<http://www.overmundo.com.br/guia/dica-frazao-uma-gigante-na-arte-e-na-vida-2> Acesso em: 01/02/2024.

PANAIR DO BRASIL. **Legado: uma história sem igual.** <https://panair.com.br/por/legado/>  
Acesso em 09 de dez. 2022.

PELEGRINI, Sandra C. A. **O patrimônio cultural e a materialização das memórias individuais e coletivas.** Revista Patrimônio e Memória. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.1, 2007, p. 87 – 100.

PLANEJAMENTO e Gestão de Exposições em Museus: Caderno 03. Werneck, Ana Maria Azeredo Furquim; Costa, Thiago Carlos; Pereira, Angelina Gonçalves de Faria Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura/Superintendência de Museus e Artes Visuais de Minas Gerais, 2010.

PNM – Política Nacional de Museus. **Ministério da Cultura**. Brasília, 2007.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: GIL, Fernando (Org.). *Memória-História*. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

PORTAL G1 SANTARÉM. **Povos indígenas do baixo tapajós fazem acampamento de resistência em praça de Santarém**. 20/06/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2022/06/20/povos-indigenas-do-baixo-tapajos-fazem-acampamento-de-resistencia-em-praca-de-santarem.ghtml>

PY-DANIEL, Anne Rapp. [et al.] **Uma Santarém mais antiga sob o olhar da Arqueologia**. Belém: MPEG, 2017, 54p.

RANGEL, Aparecida Marina de Souza. **Museu Casa de Rui Barbosa: entre o público e o privado**. 2015. 254 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: O museu no ensino de História**. Chapecó: Argos, 2008.

RETOMADA do diálogo com o setor marca os primeiros 60 dias da nova gestão do Ibram. Ibram, [www.gov.br/museus/](http://www.gov.br/museus/), Brasília, DF, 11 de abril de 2023. Disponível em: [Retomada do diálogo com o setor marca os primeiros 60 dias da nova gestão do Ibram — Instituto Brasileiro de Museus - Ibram \(www.gov.br\)](https://www.gov.br/brasil/pt-br/assuntos/cultura/museus/retomada-do-dialogo-com-o-setor-marca-os-primeiros-60-dias-da-nova-gestao-do-ibram)

RIBEIRO, Renato Janine. **Memórias de si, ou...**Estudos históricos, 1998.

RODRIGUES, Vanise. **Memórias de Guerra em Belém antiga**. ANPUH – XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – São Leopoldo, 2007. Disponível em: <http://www.eeh2014.anpuh-rs.org.br/resources/anais/anpuhnacional/S.24/ANPUH.S24.1158.pdf> Acesso em 09 dez 2022.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. **Políticas culturais no Brasil: tristes tradições**. Revista Galáxia, São Paulo, n.13, p.101-113, jun. 2007

SAHLINS, Marshall. Introdução. In.: **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SANTOS, Heloisa Helena De Oliveira. **Uma análise teórico-política decolonial sobre o conceito de moda e seus usos**. Modapalavra e-periódico, v. 13, n. 28, p. 164-190, 2020.

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia de; SILVEIRA, Maria Laura; (Org.) **Território Globalização e Fragmentação**. 4ª Edição. Editora HUCITEC - ANPUR Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. São Paulo, 1998.

SANTANA, Mizant Couto de Andrade. **Produção do espaço urbano em Santarém, PA**. Orientadora ISABELE APARECIDA PINTO ALVAREZ – São Paulo, 2022, 240 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo (USP). Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia humana. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-16052022->

[202655/publico/2022\\_MizantCoutoDeAndradeSantana\\_VCorrigida.pdf](#) Acesso em: 09/12/2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lendo e agenciando imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais**. Sociologia & Antropologia. Rio de Janeiro, v.4, n.2, p. 391-431, dec. 2014.

SENA, Cristovam (Org.) **Dica Frazão, a divina artesã** – Santarém: ICBS – Instituto Cultural Boanerges Sena, 2014.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea**. Revista Brasileira de Educação. N. 20, p. 60-70. Maio – Agosto. 2002.

SIMILI, Ivana Guilherme. **As roupas como documentos nas narrativas históricas**. Revista Patrimônio e Memória. São Paulo, Unesp, V.12, n.1, p.237-261, janeiro-junho, 2016.

SILVA, Luisa Gracielli Marques. **A representação da mulher no Festival de Parintins**. 2019. <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/1481>

STREY, Marlene Neves. **Mulheres e moda: a feminilidade comunicada através das roupas**. Revista Famecos, v. 7, n. 13, p. 148-154, 2000. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3090/2366>  
Acesso em: 10/01/2024

TEIXEIRA, Amanda Gatinho; DE ANDRADE, Rita Morais. **As mulheres cheirosas do Pará: notas sobre a visualidade do modo de vestir da Vendedora de Cheiro**. Modapalavra e-periódico, v. 16, n. 38, p. 119-170.2023

THIRY-CHERQUES, Hermano R. **Pierre Bourdieu: a teoria na prática**. RAP Rio de Janeiro. 40 (1) p. 27-55. Jan/Fev. 2006.

TOLENTINO, Átila Bezerra. **Entre políticos e mestres da cultura popular: discurso, poder e ideologia nos museus**. Cadernos de Sociomuseologia - 3 - 2014. Vol. 47.

VAZ, Adriana. **Palestra: Pierre Bourdieu e o campo artístico**. Canal YouTube do Grupo de Pesquisa em Artes Unicentro – DGP- CNPQ. Encontros Virtuais Transmitido ao vivo em 1 de out. de 2020. Disponível no link:

<https://www.youtube.com/watch?v=rzNA69ywGGo&t=1605s> Acesso em 24 de agosto de 2023.

WACQUANT, Loïc. **Mapear o campo artístico**. Sociologia, problemas e práticas. N.48. p. 117-123. 2005.

Hemeroteca Digital Brasileira - <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx> Pesquisa nos jornais Diário do Pará (período : 1980-1989, 1980-1989, 1990-1999, n.i.) e O Liberal (1880-1889, 1940-1949, 1950-1959, 1980-1989, 1980-1989) , pesquisa realizada em 28 de agosto de 2023. <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/liberal/761036>

## APÊNDICE

Quadro A – Participação em exposições e feiras de artesanato (1970 – 2022)

Item	Descrição	Local	Município	UF	Ano	Realizador (Pessoa Física ou Instituição Pública ou Privada)
1	Exposição	Teatro da Paz	Belém	PA	1972	-
2	Exposição	Tropical Hotel de Santarém	Santarém	PA	1974	-
3	1º Encontro da Artesãos da Amazônia (ARTEAMA)	-	Belém	PA	1975	SUDAM
4	Exposição para o Presidente da República Ernesto Geisel e esposa	-	Santarém	PA	1978	-
5	Exposição	Casa da Cultura de Santarém	Santarém	PA	1981	Equipe do Campus Avançado de Santarém
6	Exposição na Praça Kenedy / Feira de Artesanato	PARATUR	Belém	PA	1987	Carlos Roque
7	Semana da Cultura Santarena	CENTUR	Belém	PA	1987	Deputado Oti Santos vice-líder do PMDB; Ex- Deputado Federal Ronaldo Campos – PMDB; Secretário de Cultura Ednaldo Mora.
8	Preamar / Palestras sobre cultura popular	Fundação Cultural Tancredo Neves	Belém	PA	1988	Conceição Paes Loureiro (Grupo de Cultura)
9	Exposição no V Torneio Internacional de Pesca do Tucunaré		Santarém	PA	1988	-
10	Exposição na IV Feira		Porto Trombetas	PA	1988	-

	Comunitária de Artesanato de Porto Trombetas					
11	Exposição na VI Feira de Artesanato	Centro Cultural Konduri	Porto Trombetas	PA	1990	-
12	Exposição	Casa da Cultura de Santarém	Santarém	PA	1991	-
13	Exposição no Espaço Cultural Banco do Brasil	Agência Banco do Brasil de Santarém	Santarém	PA	1994	Banco do Brasil
14	IX FICAS – Feira da Indústria, Comércio e Artesanato de Santarém	Praça Barão de Santarém	Santarém	PA	1994	SEBRAE Santarém
15	XI FICAS – Feira da Indústria, Comércio e Artesanato de Santarém	Praça Barão de Santarém	Santarém	PA	1996	SEBRAE Santarém
16	Exposição na ULBRA	Nas dependências do Instituto Santareno de Ensino Superior de Santarém	Santarém	PA	1997	ULBRA

**QUADRO B – Títulos e homenagens recebidas por Dica Frazão (1970 – 2022)**

Item	Descrição	Local	Ano	Promoção
1	Título de Honra ao Mérito pela Consagração Pública	Santarém	1975	Juventude Santarena
2	Título Honra ao Mérito Consagração Pública	Santarém	1979	Juventude Santarena
3	Título de Honra ao Mérito Santarena Notável pelo Destaque na Sociedade Santarena	Santarém	1981	Juventude Santarena
4	Título Santarena Notável	Santarém	1981	-
5	Título de Cidadã Santarena	Santarém	1987	Prefeitura Municipal de Santarém
6	Medalha Felipe Bettendorf	Santarém	1987	Prefeitura Municipal de Santarém
7	Benção Apostólica Especial do Papa João Paulo II	Santarém	1990	-

8	Medalha de Honra ao Mérito	Santarém	1991	Prefeitura Municipal de Santarém
9	Homenagem pelo Bloco Mocidade Independente da Turiano Meira	Santarém	1996	Bloco Mocidade
10	Título Mãe da Arte Santarena	Santarém	1996	Câmara Municipal de Santarém
11	Homenagem da Escola de Samba Deixa Falar	Belém	1999	Escola de Samba Deixa Falar
12	Título Honorífico “De Honra ao Mérito”	Belém	1999	Assembleia Legislativa do Estado do Pará – Decreto Legislativo Nº32/99, de 19 de outubro de 1999.
13	Título Mulher Padrão do Pará	Santarém	2008	Conselho de Profissionais do Estado do Pará
14	Homenagem Dica Frazão – Circuito Paraense do Artesanato	Santarém	2015	Governo do Estado do Pará e Prefeitura de Santarém – Alexandre Von / SEASTER – Heitor Pinheiro.
15	Homenagem pela contribuição à cultura e a arte	Santarém	2019	Universidade Federal do Oeste do Pará
16	Declara o Museu Dica Frazão e seu acervo Patrimônio Histórico e Cultural Material do Município de Santarém	Santarém	2022	Lei Nº21.864, de 22 de dezembro de 2022 / Prefeitura de Santarém, Nélio Aguiar

**QUADRO C: Lista de publicidade e divulgações registradas no catálogo do museu (1970-1998)**

<b>Item</b>	<b>Tipo mídia</b>	<b>Nome da mídia</b>	<b>Data/Ano publicação</b>
1	Revista	Noite Ilustrada	1975
2	Revista	Manchete	02/07/1977
3	Revista	Interior	14/12/1979
4	Revista	Observador da Amazônia	08/03/1980
5	TV Rede Globo *	Programa TV Mulher	07/11/1981
6	Revista	Interior	Setembro/Outubro de 1984
7	Revista	Ver-O-Pará	Janeiro/Fevereiro de 1995
8	Revista	Casa Cláudia	Dezembro de 1995
9	Revista	Quatro Rodas	Novembro de 1996
10	Revista	Macapá View	Ano II, Edição Nº15, Abril de 1998

QUADRO D – Lista dos sites e vídeos sobre Dica Frazão (2005 – 2023)

Item	Tipo de mídia online	Nome do veículo	Título da publicação	Ano da publicação	Link da Informação online
1	site	Folha de S.Paulo (Uol)	Luxo de Palha	2005	<a href="https://www1.folha.uol.com.br/fsp/turismo/fx1002200509.htm">https://www1.folha.uol.com.br/fsp/turismo/fx1002200509.htm</a>
2	blog	overmundo	Dica Frazão: uma gigante na arte e na vida	2006	<a href="http://www.overmundo.com.br/guia/dica-frazao-uma-gigante-na-arte-e-na-vida-2">http://www.overmundo.com.br/guia/dica-frazao-uma-gigante-na-arte-e-na-vida-2</a>
3	blog	jesocarneiro.com.br	Dica Frazão, 90 anos de arte	2010	<a href="https://www.jesocarneiro.com.br/arte/dica-frazao-90-anos-de-arte.html">https://www.jesocarneiro.com.br/arte/dica-frazao-90-anos-de-arte.html</a>
4	facebook	página Dica Frazão	Dica Frazão	2012	<a href="https://www.facebook.com/dicafrazao/?locale=pt_BR">https://www.facebook.com/dicafrazao/?locale=pt_BR</a>
5	blog	objetosdafloresta	Outras realidades (20/4)	2012	<a href="https://objetosdafloresta.com/2012/04/23/out-ras-realidades-209/">https://objetosdafloresta.com/2012/04/23/out-ras-realidades-209/</a>
6	vídeo youtube	canal Fabiobrest	Dica Frazão / Record News	2012	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=4OwcpUFENsk">https://www.youtube.com/watch?v=4OwcpUFENsk</a>
7	site	Viagemeturismo	Dica Frazão	2013	<a href="https://viagemeturismo.abril.com.br/atracao/dica-frazao">https://viagemeturismo.abril.com.br/atracao/dica-frazao</a>
8	vídeo youtube	canal Andrea Bandoni	Objetos da floresta: o trabalho de Dona Dica Frazão	2013	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=c7h2wGf3CCg">https://www.youtube.com/watch?v=c7h2wGf3CCg</a>
9	site	portaldoevelhecimento.com.br	Dica Frazão, 90 anos, levando a moda do Pará ao mundo	2014	<a href="https://www.portaldoevelhecimento.com.br/dica-frazao-90-anos-levando-moda-para-ao-mundo/">https://www.portaldoevelhecimento.com.br/dica-frazao-90-anos-levando-moda-para-ao-mundo/</a>
10	vídeo youtube	Bom Dia Tapajós	O lado bom da vida: conheça a história da artesã Dica Frazão	2015	<a href="https://globoplay.globo.com/v/4504242/">https://globoplay.globo.com/v/4504242/</a>
11	site	icbsena.com.br	Dica Frazão: a	2016	<a href="https://www.icbsena.com.br/artigo-26">https://www.icbsena.com.br/artigo-26</a>

			divina artesã		
12	blog	revistaviaamazonia	Dica Frazão, memória viva na Amazônia	2016	<a href="http://revistaviaamazonia.blogspot.com/2016/01/dica-frazao-memoria-viva-na-amazonia.html">http://revistaviaamazonia.blogspot.com/2016/01/dica-frazao-memoria-viva-na-amazonia.html</a>
13	site	G1 Santarém	Morre aos 96 anos, a artesã Dica Frazão, um dos principais ícones da arte santarena	2017	<a href="https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/morre-aos-96-anos-a-artesa-dica-frazao-um-dos-principais-icone-da-arte-santarena.ghtml">https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/morre-aos-96-anos-a-artesa-dica-frazao-um-dos-principais-icone-da-arte-santarena.ghtml</a>
14	blog	oestadonet.com	A grife Dica Frazão	2017	<a href="https://www.oestadonet.com.br/noticia/11839/a-grife-dica-frazao/">https://www.oestadonet.com.br/noticia/11839/a-grife-dica-frazao/</a>
15	blog	jesocarneiro.com.br	Elegia para Dica Frazão	2017	<a href="https://www.jesocarneiro.com.br/artigos/elegia-para-dica-frazao.html">https://www.jesocarneiro.com.br/artigos/elegia-para-dica-frazao.html</a>
16	site	Jornal O Impacto	Dica Frazão deixa legado à cultura santarena	2017	<a href="https://oimpacto.com.br/2017/05/25/dica-frazao-deixa-legado-a-cultura-santarena/">https://oimpacto.com.br/2017/05/25/dica-frazao-deixa-legado-a-cultura-santarena/</a>
17	blog	Uruataperá	Morre Dona Dica Frazão	2017	<a href="http://uruatapera.blogspot.com/2017/05/morre-dona-dica-frazao.html">http://uruatapera.blogspot.com/2017/05/morre-dona-dica-frazao.html</a>
18	Blog	blog do Alailson	Morre a grande artesã Dica Frazão	2017	<a href="https://alailson.blogspot.com/2017/05/morre-grande-artesao-dica-frazao.html">https://alailson.blogspot.com/2017/05/morre-grande-artesao-dica-frazao.html</a>
19	blog	santarem30	Morre, aos 96 anos, artista santarena Dica Frazão, que vestiu rainha da Bélgica e o Papa	2017	<a href="https://santarem30.wordpress.com/2017/05/19/morre-aos-96-anos-artista-plastica-santarena-dica-frazao/">https://santarem30.wordpress.com/2017/05/19/morre-aos-96-anos-artista-plastica-santarena-dica-frazao/</a>
20	blog	santaluziaonline	Morre aos 96 anos artista plástica santarena ícone do Pará	2017	<a href="https://www.santaluzia-online.com/2017/05/morre-aos-96-anos-artesa-icone-do-para.html">https://www.santaluzia-online.com/2017/05/morre-aos-96-anos-artesa-icone-do-para.html</a>

21	vídeo youtu be	Jornal Tapajós 2ª Edição	Morre, aos 96 anos, a artesã Dica Frazão, um dos principais ícones da arte santarena	2017	<a href="https://globoplay.globo.com/v/5881905/">https://globoplay.globo.com/v/5881905/</a>
22	site	Rede Globo	Dica Frazão, um museu vivo, uma obra de arte em pessoa	2017	<a href="https://redeglobo.globo.com/pa/tvtapajos/tvtapajosdigital/noticia/dica-frazao-um-museu-vivo-uma-obra-de-arte-em-pessoa.ghtml">https://redeglobo.globo.com/pa/tvtapajos/tvtapajosdigital/noticia/dica-frazao-um-museu-vivo-uma-obra-de-arte-em-pessoa.ghtml</a>
23	vídeo youtu be	canal Blog Santa Luzia Online	Dica Frazão/Pro grama Fantástico	2017	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=RIxdffEkoZE">https://www.youtube.com/watch?v=RIxdffEkoZE</a>
24	site	G1 Santarém	Emoção marca enterro da artesã Dica Frazão em Santarém	2017	<a href="https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/emocao-marca-enterro-da-artesa-dica-frazao-em-santarem.ghtml">https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/emocao-marca-enterro-da-artesa-dica-frazao-em-santarem.ghtml</a>
25	blog	Diário FB	Um museu e uma história:a casa de Dica Frazão	2018	<a href="https://diariodofb.com/2018/03/23/um-museu-e-uma-historia-a-casa-de-dica-frazao/">https://diariodofb.com/2018/03/23/um-museu-e-uma-historia-a-casa-de-dica-frazao/</a>
26	vídeo youtu be	canal Amazônia Stock	Dica Frazão - a sua última entrevista	2018	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=jidmp34G5gM">https://www.youtube.com/watch?v=jidmp34G5gM</a>
27	site	G1 Santarém	Laurimar Leal , Dica Frazão e Izauro do Barro: Artesãos e mestres da arte popular	2018	<a href="https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/laurimar-leal-dica-frazao-e-izauro-do-barro-artesaos-e-mestres-da-arte-popular-de-santarem.ghtml">https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/laurimar-leal-dica-frazao-e-izauro-do-barro-artesaos-e-mestres-da-arte-popular-de-santarem.ghtml</a>
28	vídeo youtu be	canal Estúdio Encontro das Águas	1º O Artista e a Arte - Dica Frazão	2019	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=UPepjYoFNVE&amp;t=3s">https://www.youtube.com/watch?v=UPepjYoFNVE&amp;t=3s</a>
29	vídeo youtu be	canal Diário do FB	Folhinha para Dica Frazão -	2021	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=ECsIPAh4cx0">https://www.youtube.com/watch?v=ECsIPAh4cx0</a>

			Francisco Vera Paz		
30	vídeo youtube	Bom Dia Tapajós	Museu Dica Frazão é patrimônio histórico e cultural de Santarém	2022	<a href="https://globoplay.globo.com/v/11249566/">https://globoplay.globo.com/v/11249566/</a>
31	site	cultura.gov.br	Museu de Arte Dica Frazão	2023	<a href="https://mapas.cultura.gov.br/espaco/6475/">https://mapas.cultura.gov.br/espaco/6475/</a>
32	vídeo youtube	canal Escola da Amazônia	Museu Dica Frazão	2023	<a href="https://www.youtube.com/watch?app=desktop&amp;v=8DQIBsf2Kk8">https://www.youtube.com/watch?app=desktop&amp;v=8DQIBsf2Kk8</a>
33	site	Guia das Artes	Museu de Arte Dica Frazão	sem data	<a href="https://www.guiadasartes.com.br/para/santar-em/museus/museu-de-arte-dica-frazao">https://www.guiadasartes.com.br/para/santar-em/museus/museu-de-arte-dica-frazao</a>
34	blog	psicologadivina.com	Dica Frazão: 90 anos levando a moda do Pará ao mundo	sem data	<a href="http://psicologadivina.com/dica-frazao-90-anos-levando-a-moda-do-para-ao-mundo/">http://psicologadivina.com/dica-frazao-90-anos-levando-a-moda-do-para-ao-mundo/</a>
35	vídeo youtube	Programa Fantástico	Dona Dica Frazão no Me Leva Brasil	sem data	<a href="https://globoplay.globo.com/v/5659139/">https://globoplay.globo.com/v/5659139/</a>

Lista de sites, blogs e notícias atualizada em 14 de setembro de 2023.

ICBS - Instituto Cultural Boanerges Sena. **Dica Frazão: a divina artesã.** Santarém, Pará, 2016. (blog) Disponível em: [https://www.icbsena.com.br/artigo.php?id\\_artigo=26](https://www.icbsena.com.br/artigo.php?id_artigo=26) Acesso em: 18 de dez. 2021

#### **QUADRO E– Notícias publicadas nos jornais Diário do Pará e O Liberal (1970 – 1999)**

Item	Jornal	Edição	Data	Caderno	Título
1	Diário do Pará	1178	07/09/1986	Local	Exposição Bial Amazônica de Artes Visuais
2	Diário do Pará	-	03/01/1987	Caderno Cidade	Paratur revela incremento de quase 80% no turismo
3	Diário do Pará	-	03/01/1987	Caderno D - coluna Todo Dia é Dia D	Exposições e Museus
4	Diário do Pará	-	03/01/1987	Caderno D - coluna Cleodon Gondim	Sem muita novidade no front
5	Diário do Pará	-	07/01/1987	Caderno D	Projeto Preamar - O Pará e a expressão Amazônica

6	Diário do Pará	1287	15/01/1987	Caderno D- coluna Entrelinhas / Bernardino Santos	Exposição Praça Kenedy
7	Diário do Pará	1287	15/01/1987	Caderno D - Coluna Cleodon Godim	Dica Frazão em Vernissage
8	Diário do Pará	1288	16/01/1987	Caderno Esportes	Paratur Exposição na Praça Kenedy
9	Diário do Pará	1288	16/01/1987	Caderno D - coluna Antenas Ligadas (Donizete César)	Em BG - Exposição na Praça Kenedy
10	Diário do Pará	1288	16/01/1987	Caderno D - Coluna Lana	Exposição Praça Kenedy
11	Diário do Pará	1288	16/01/1987	Caderno D	Dica na Feira de Artesanato
12	Diário do Pará	1288	16/01/1987	Editoria Cidades - Reportagem de Rosemary Gomes	Dica Frazão expõe na Paratur
13	Diário do Pará	1289	17/01/1987	Caderno D	Um pedaço da Amazônia no novo parque da Paratur
14	Diário do Pará	1289	17/01/1987	Caderno D - Coluna Cleodon Godim	Exposição na Paratur
15	Diário do Pará	1290	19/01/1987	Caderno D - coluna Entrelinhas / Bernardino Santos	Exposição na Paratur
16	Diário do Pará	1290	19/01/1987	Caderno Turismo - Guilherme Barbalho	Paratur abre mostra da artesã Dica Frazão
17	Diário do Pará	1291	20/01/1987	Caderno D - coluna Todo Dia é Dia D	Feira da Paratur
18	Diário do Pará	1291	20/01/1987	Caderno D - coluna Cleodon Gondim	Feira da Paratur
19	Diário do Pará	1292	21/01/1987	Caderno D - coluna Todo Dia é Dia D	Exposições
20	Diário do Pará	1295	24/01/1987	Caderno D - coluna Cleodon Gondim	Exposição
21	Diário do Pará	1791	16/06/1987	Caderno D - coluna Todo Dia é Dia D	Programação Preamar
22	Diário do Pará	1798	23/06/1987	Caderno D - coluna Todo Dia é Dia D	Programação Preamar
23	Diário do Pará	1298	28/06/1987	Caderno D - coluna Todo Dia é Dia D	Exposições
24	Diário do Pará	1459	17/07/1987	Caderno D - coluna Cleodon Gondim	Semana da Cultura Santarena
25	Diário do Pará	1541	06/10/1987	Política local - coluna Repórter Diário	Semana da Cultura Santarena

26	Diário do Pará	1542	07/10/1987	Política local	Semana da Cultura Santarena em Belém saudada por Oti
27	Diário do Pará	1543	08/10/1987	Caderno D - coluna Acontece	Semana da Cultura Santarena
28	Diário do Pará	1775	31/05/1988	Caderno D - coluna Lana em Poliarno	Relatos de experiências
29	Diário do Pará	1782	07/06/1988	Caderno D - coluna Todo Dia é Dia D	Programação Preamar
30	Diário do Pará	1783	08/06/1988	Caderno D - coluna Todo Dia é Dia D	Programação Preamar
31	Diário do Pará	1784	09/06/1988	Caderno D - coluna Todo Dia é Dia D	Programação Preamar
32	Diário do Pará	1785	10/06/1988	Caderno D - coluna Todo Dia é Dia D	Programação Preamar
33	Diário do Pará	1790	15/06/1988	Caderno D - coluna Todo Dia é Dia D	Programação Preamar
34	Diário do Pará	1793	18/06/1988	Caderno D - coluna Todo Dia é Dia D	Programação Preamar
35	Diário do Pará	1800	25/06/1988	Caderno D - coluna Todo Dia é Dia D	Programação Preamar
36	Diário do Pará	1803	28/06/1988	Caderno D - coluna Todo Dia é Dia D	Palestras sobre cultura popular
37	Diário do Pará	1804	29/06/1988	Caderno D - coluna Todo Dia é Dia D	Palestras sobre cultura popular
38	Diário do Pará	1805	30/06/1988	Caderno D - coluna Todo Dia é Dia D	Palestras sobre cultura popular
39	Diário do Pará	1806	01/07/1988	Caderno D - coluna Todo Dia é Dia D	Palestras sobre cultura popular
40	Diário do Pará	1807	02/07/1988	Caderno D - coluna Todo Dia é Dia D	Palestras sobre cultura popular
41	Diário do Pará	1895	28/09/1988	Caderno D - coluna Todo Dia é Dia D	A barraca de Santarém na Feira dos Municípios
42	O Liberal	22.232	03/03/1989	Caderno Turismo	Exposição de artesanato do Baixo Amazonas
43	Diário do Pará	1276	01 e 02/01/1987	Caderno D	Em Belém, o mercado de arte cresce
44	Diário do Pará	1276	01 e 02/01/1987	Caderno D	Arte, um mercado em ascensão

\*Jornal O Liberal – Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional – Período pesquisado: 1880-1889/ 1940-1949/ 1950-1959/ 1980-1989. Pesquisa realizada em 01/09/2023. Link de acesso: [BNDigital](#)

\*\*Jornal Diário do Pará – Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional – Período pesquisado: 1980-1989/1990-1999/n.i. Pesquisa realizada em 01/09/2023. Link de acesso: [BNDigital](#)

\*\*\*Jornal Diário do Pará- Hemeroteca Biblioteca Arthur Viana – Período pesquisado: (Jan.1987) / Ano IV / Publicação: Diariamente, exceto às segundas-feiras/ Observações: A coleção apresenta páginas ilegíveis, com falha de impressão e com paginação incorreta. Os exemplares publicados aos domingos são referentes também às segundas-feiras seguintes. Pesquisa realizada em 14/09/2023.

## ANEXOS

### ANEXO I

#### Museu Dica Frazão

#### Catálogo

Santarém – Pará - 1999

#### **I. Apresentação**

Devido às suas maravilhosas peças confeccionadas com penas de aves e outros materiais típicos da Amazônia, a artesã Dica Frazão é conhecida e afamada no Brasil e no exterior.

O artesanato de Dica Frazão é admirado em vários países da Europa. No Vaticano encontra-se uma toalha de mesa adornada com flores feitas com penas de ganso, flores de açazeiro e fibra de canarana, esmerada obra de arte presenteada à Sua Santidade o Papa João Paulo II pela Diocese de Santarém. A Família Real da Bélgica também possui várias peças confeccionadas em seu ateliê.

Considerada a pioneira na utilização da raiz do patchuli no artesanato, Dica Frazão introduziu outros materiais da região, como palhas de tucum, de buriti e do açazeiro, além da malva, juta, bambu, casca do taperebazeiro, cipó escada de jabuti, entrecascas de madeiras e sementes de melancia, melão, jerimum e pepino.

Participou de várias exposições em Santarém e Belém. Revistas regionais e outras à nível nacional já fizeram várias reportagens divulgando o trabalho da artesã Dica Frazão.

O artesanato santareno ganha expressão com os trabalhos de Dica Frazão. De suas mãos brotam verdadeiras pérolas de invulgar beleza, que viajando pelo mundo, levam com elas a mensagem de que na Amazônia existe uma artesã que recebeu do Criador a missão privilegiada de transformar o vulgar em original e bela obra de arte.

Criar o Museu Dica Frazão foi a forma que a prefeitura municipal de Santarém, através da Coordenadoria Municipal de Cultura em parceria com o Ministério da Cultura, escolheu para homenagear ainda em vida a nossa querida e ilustre santarena, DICA FRAZÃO.

Essa justa e oportuna homenagem é prestada por todos os santarenos em reconhecimento ao seu inigualável talento de artesã de imaginação fértil e mãos abençoadas.

Santarém, 22 de junho de 1999.

Hélcio Amaral de Sousa

Coordenador Municipal de Cultura.

## **II. LISTA DO ACERVO MUSEU DICA FRAZÃO**

1. LEQUES DE PENAS – Réplica da primeira peça criada pela artesã Dica Frazão. Matéria-prima: Penas coloridas retiradas de aves domésticas; bordados executados com as próprias penas. Ano: 1949
2. TOALHA DE MESA – Réplica da toalha de mesa presenteada pelo prefeito de Santarém, Dr. Armando Lages Nadler e sua esposa Dona Carolina Nadler, ao presidente do Brasil, Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira. Matéria-prima: Raiz de patchuli, detalhes em renda recheliê e contorno em renda de palha de buriti, com bordados em veludo nas cores vermelho e grená. Ano: 1957
3. CONJUNTO DE BOLSA E CHAPÉU SOCIAL: Réplica. Matéria-prima: Fibra da entrecasca da madeira, detalhes trabalhados em renda recheliê. Ano: 1960
4. CONJUNTO DE BOLSA E CHAPÉU ESPORTE: Réplica. Matéria-prima: Fibra da entrecasca da madeira, detalhes em xadrez em tons marrom e creme perolado (cor natural). Ano: 1960
5. CONJUNTO DE BOLSA E CHAPÉU SOCIAL: Réplica. Matéria-prima: Fibra da entrecasca da madeira, detalhes bordados com rosas em rechelier. Ano: 1960
6. CONJUNTO DE BOLSA E CHAPÉU ESPORTE: Réplica. Matéria-prima: Palha de Buriti, detalhes trabalhados em renda macramé. Ano: 1960
7. CONJUNTO DE BOLSA E CHAPÉU ESPORTE: Réplica. Matéria-prima: palha de buriti, detalhes trabalhados em renda de macramé. Ano: 1960

8. CONJUNTO DE BOLSA E CHAPÉU ESPORTE: Réplica. Matéria-prima: palha de buriti, detalhes trabalhados em renda de macramé. Ano: 1960
9. CENTROS DE MESA: Réplica. Matéria-prima: Palha de buriti, detalhes trabalhados em labirinto contornando com renda crochê, com a mesma palha. Ano: 1960
10. CESTA DE PALHA DE BURITI. Réplica. Matéria-prima: Palha de buriti, detalhes trabalhados em renda macramé. Ano: 1960
11. CONJUNTO DE BOLSA E CHAPÉU TAPAJOARA: Réplica. Matéria-prima: Tecelagem de algodão natural, detalhes com desenhos em estilo indígena, tons degradé em vermelho e verde. Ano: 1960
12. CONJUNTO DE BOLSA E CHAPÉU TAPAJOARA: Réplica. Matéria-prima: Tecelagem de algodão natural, detalhes em desenhos em estilo indígena, tons degradé de amarelo e laranja. Ano: 1960
13. CONJUNTO DE TÚNICA E CHAPÉU: Réplica. Matéria-prima: Tecido de algodão panamá tom verde água, detalhe com rosas bordadas em renda rechelier. Ano: 1960
14. TÚNICA. Réplica. Matéria-prima: Tecido de algodão panamá tom rosa, detalhes bordados em estilo indígena, tons degradé vermelho e verde. Ano: 1960
15. TÚNICA. Réplica. Matéria-prima: Tecido de algodão panamá tom amarelo, detalhes em estilo indígena, tons degradé vinho e bege. Ano: 1960
16. TÚNICA. Réplica. Matéria-prima: Tecido de algodão panamá tom bege, detalhes bordados em estilo indígena, tons degradê vinho e preto. Ano: 1960
17. TÚNICA. Réplica. Matéria-prima: Tecido de algodão panamá tom bege, detalhes franjados e bordados em estilo indígena, tons degradê vinho e preto. Ano: 1960
18. TÚNICA. Réplica. Matéria-prima: Tecido de algodão panamá tom branco, detalhes franjados e bordados em estilo indígena, tons degradê vermelho e verde. Ano: 1960
19. TÚNICA. Réplica. Matéria-prima: Tecido de algodão panamá tom azul, detalhes franjados e bordados em estilo indígena, cores variadas em tom degradê. Ano: 1960
20. TÚNICA. Réplica. Matéria-prima: Tecido de algodão panamá tom azul, detalhes franjados e bordados em estilo indígena, cores variadas em tom degradê. Ano: 1960
21. VESTIDO SOCIAL E CHAPÉU. Réplica. Matéria-prima: Fibra da entrecasca da madeira, detalhes bordados em renda recheliê e rebordado com pérolas. Ano: 1960

22. TRAJE MANTO PARA VIAGEM COM BOLSA E CAPUZ. Réplica Mantô com bolsa e capuz para viagem, confeccionado para a 1ª Exposição Desfile no Teatro da Paz (Belém-Pará). Conjunto adquirido por um casal belga e presenteado à Rainha da Bélgica. Matéria-prima: Fibra da entrecasca da madeira, imitando pele. Ano: 1972
23. CONJUNTO DE BLAZER COM CALÇA PANTALONA E CHAPÉU. Réplica de conjunto de blazer com calça pantalone e chapéu, confeccionado para a 1ª Exposição Desfile no Teatro da Paz (Belém-Pará). Matéria-prima: Fibra da entrecasca da madeira, detalhes trabalhados em renda rehelier. Ano: 1972
24. CONJUNTO DE JAQUETA CALÇA, BLUSA SOCIAL E CHAPÉU. Réplica de conjunto de jaqueta, calça, blusa social e chapéu, confeccionado para a 1ª Exposição Desfile no Teatro da Paz (Belém-Pará). Matéria-prima: Fibra da entrecasca da madeira, detalhes bordados em tom marrom café e na cor natural da fibra. Ano: 1972
25. TOALHA DE MESA. Réplica de toalha de mesa medindo 2,50m x 1,40m, confeccionada para a 1ª Exposição Desfile no Teatro da Paz (Belém-Pará). Matéria-prima: Fibra da entrecasca da madeira, detalhes bordados em renda rehelier, contornada em renda crochê no mesmo tom creme aperolado. Ano: 1972
26. CONJUNTO CHAPÉU E BOLSA SOCIAL. Réplica de conjunto de chapéu e bolsa social confeccionado para a 1ª Exposição Desfile no Teatro da Paz (Belém-Pará). Matéria-prima: Raiz de patchuli, detalhes trabalhados com renda rehelier, contornos grená. Ano: 1972
27. CONJUNTO CHAPÉU E BOLSA ESPORTE. Réplica de conjunto de chapéu e bolsa esporte, confeccionado para a 1ª Exposição Desfile no Teatro da Paz (Belém-Pará). Matéria-prima: Raiz de patchuli, detalhes trabalhados com flores em tom vermelho e grená. Ano: 1972
28. CONJUNTO CHAPÉU E BOLSA ESPORTE. Réplica de conjunto de chapéu e bolsa esporte, confeccionado para a 1ª Exposição Desfile no Teatro da Paz (Belém-Pará). Matéria-prima: Fibra de malva, detalhes trabalhados com renda rehelier. Ano: 1972
29. CESTA ESPORTE. Réplica de cesta esporte confeccionada para a 1ª Exposição Desfile no Teatro da Paz (Belém-Pará). Matéria-prima: Fibra de malva, detalhes bordados com a mesma fibra colorida. Ano: 1972
30. SAÍDA DE PRAIA, CHAPÉU, TAMANCO E CESTA. Réplica de conjunto de saída de praia, chapéu, tamanco e cesta, confeccionado para a 1ª Exposição Desfile no Teatro da Paz

(Belém-Pará). Matéria-prima: Fibra da entrecasca da madeira em tom marrom (cor natural), detalhes trabalhados com flores da mesma fibra em tom creme pérola. Ano: 1972

31. LEQUES DE PATCHULI. Réplica de leques, confeccionados para a 1ª Exposição Desfile no Teatro da Paz (Belém-Pará). Matéria-prima: Raiz de patchuli com plumagens. Ano: 1972

32. VENTAROLAS DE PATCHULI. Réplica de ventarolas, confeccionadas para a 1ª Exposição Desfile no Teatro da Paz (Belém-Pará). Matéria-prima: Raiz de patchuli, detalhes rendados trabalhados em rechelier e florzinhas coloridas. Ano: 1972

33. TRAJE DE NOIVA ESTILO MODERNO. Réplica de traje de noiva estilo moderno, usado por noiva em Londrina-Paraná. Matéria-prima: **Vestido:** Fibra da entrecasca da madeira, detalhes trabalhados em renda rechelier, contorno em pérolas e gotas d'água no mesmo tom. **Buquê e tiara:** Rosas de penas de ganso e organza em tons amarelo claro, amarelo ouro, laranja e abóbora, com pingentes em pérolas. Ano: 1975

34. TRAJE ORIGINALIDADE – RAINHA DO FOLCLORE DO AMAZONAS. Réplica de fantasia traje originalidade “Rainha do Folclore do Amazonas”, confeccionada para apresentação no Grupo Folclórico de Parintins – Boi Garantido. Matéria-prima: **Blusa:** Raiz de patchuli toda em renda, detalhes com trevos de quatro folhas, contorno do decote com rosas de crochê de palha de buriti. **1ª Saia:** Raiz do patchuli, detalhes com pássaros da Amazônia bordados em penas de pavão, árvores no tom pastel na cor das águas do Amazonas, e na barra renda recheliê com sombra vermelha. **2ª Saia:** Babados que simbolizam as praias do rio Amazonas, na tonalidade areia, com detalhes em verde, vermelho e marrom, contornados com crochê de palha de buriti. **Coroa:** Trabalhada com sementes de melão, pepino e abóbora, detalhes em flores da entrecasca da madeira, com pérolas vermelhas no centro. **Cetro:** Decorado com flores de sementes de pepino e melão, a haste trabalhada manualmente com fio no tom bege. **Manto:** Simboliza o rio Amazonas, tecido em seda, com detalhes bordados em penas Garças, e vitória régia bordada na tonalidade verde, com flores em tons rosa como se estivessem flutuando sobre a água. Gola com acabamento de renda rechelier de patchuli. Ano: 1988

35. TRAJE ORIGINALIDADE “SINHAZINHA DA FAZENDA”. Réplica de fantasia traje originalidade “Sinhazinha da Fazenda”, confeccionada para apresentação no Grupo Folclórico de Parintins – Boi Garantido. Matéria-prima: **Blusa:** Entrecasca da madeira, detalhes no decote com babados flu-flus, com debrum vermelho e brilhos. **Saia:** Entrecasca da madeira, com folhos e babados contornados, com rendinhas de crochê vermelho decorado com rosas de organza

vermelha. **Leque:** Plumado em tom vermelho. **Chapéu:** Entrecasca da madeira, detalhes com arranjos de flores com fibra natural em tom vermelho. Ano: 1988

36. TRAJE ORIGINALIDADE “PORTA ESTANDARTE”. Réplica de fantasia traje originalidade “Porta Estandarte”, confeccionada para apresentação no Grupo Folclórico de Parintins – Boi Garantido. Matéria-prima: **Blusa:** Fibra de malva trabalhada em tecelagem da própria fibra, em tom vermelho, decote com flores da própria malva e de flores do campo em tom verde e vermelho. **Saia:** Fibra de malva, flores da própria malva com o centro em flores do campo nas cores verde e vermelho. **Chapéu:** Entrecasca da madeira, detalhes com arranjo de flores com fibra natural em tom vermelho. Ano: 1988

37. TRAJE “CHEIRO DO PARÁ”. Réplica do traje “Cheiro do Pará”, criado para o desfile de trajes típicos dos municípios do Pará, no Teatro da Paz (Belém-Pará), por ocasião da Conferência Distrital do Rotary Club, usado pela jovem Rosielce Campos de Sousa (1987). Usado também pelas seguintes jovens: Márcia Tatiana de Araújo Carneiro concorrendo na categoria trajes típicos em Belém, por ocasião da 14ª Conferência Distrital do Rotary Club, Foi eleita Rainha (1992); Gabriela Calata, desfile promoção de Rai Cabeleireiro, no Centro Recreativo de Santarém (1993); Verena Guerreiro Fernandes, na Feira Nacional dos Estados, em Brasília (1995). Matéria-prima: Entrecasca da madeira. **Saia:** Babados e debruns vermelho com fios dourados. **Mini-blusa:** Bordados em rechelier, mangas bufantes com flu-flus, debruns vermelho com fios dourados. **Tiara:** Trabalhada com flores regionais. **Cesta:** Floral com arranjos de flores regionais e cheiro do Pará.

38. TRAJE “DEUSA DO ENCONTRO DAS ÁGUAS”. Réplica do traje “Deusa do Encontro das Águas”, criado para o desfile de trajes típicos no III Encontro Brasileiro e I Encontro Sul Americano de Radioamadores da Faixa do Cidadão, usado pela jovem Grace Serruya Malheiros, em Brasília-DF, janeiro de 1974. **Matéria-prima:** Entrecasca da madeira. **Saia:** Com babados bordados em rechelier em tons vermelho, com desenhos coloridos em degradê azul. **Mini-blusa:** Com renda rechelier cor natural, mangas bufantes com babados bordados em rechelier. **Chapéu:** Azul com arranjos florais coloridos. **Bateia:** Simbolizando o ouro e o diamante. **Tarrafa:** Com peixes da região.

39. TOALHA DE MESA. Réplica de toalha de mesa medindo 2,50m x 1,40m, adquirida pela Diocese de Santarém e presenteada à Sua Santidade o Papa João Paulo II. Matéria-prima: Palha do buriti, detalhes em crochê na mesma palha. Ano: 1990

40. ARRANJO FLORAL. Réplica de arranjo floral com flores regionais, adquirido pela Diocese de Santarém e presenteado à Sua Santidade o Papa João Paulo II. Matéria-prima: **Flores:** Em palha de milho, caule da palha do açai em tom marrom, folhas de abacate e palmas de margaridas com sementes de melão e frutas de caraná. **Cesta:** Trançada em cipó em tom natural. Ano: 1990
41. CENTRO DE MESA. Réplica de centro de mesa adquirido pela Diocese de Santarém e presenteado à Sua Santidade o Papa João Paulo II. Matéria-prima: Raiz de patchuli trabalhada em renda recheliê. Ano: 1990.
42. ARRANJO FLORAL COM FLOREIRA. Réplica de arranjo floral com floreira, adquirido pela Diocese de Santarém e presenteado à Sua Santidade o Papa João Paulo II. Matéria-prima: Arranjo com rosas de penas de ganso, folhagens em tom verde, floreira confeccionada com casca de cupuaçu. Ano: 1990.
43. ESTOJO. Réplica do estojo que conduziu as peças doadas à Sua Santidade o Papa João Paulo II. Matéria-prima: Raiz de patchuli, internamente trabalhando em acolchoado com cetim em tom amarelo com fios dourados. Ano: 1990
44. VESTIDO SOCIAL COM CHAPÉU. Pertenceu à jovem Beatriz Imbiriba (dado pelo museu). Matéria-prima: entrecasca da madeira, detalhes bordados em rechelier. Ano: não identificado.
45. VESTIDO SOCIAL COM JAQUETA E CHAPÉU. Conjunto criado especialmente para o Museu Dica Frazão. Matéria-prima: Palha de buriti. **Jaqueta:** Detalhes com acabamento em renda e bainha aberta na mesma palha. **Chapéu:** Arranjos de flores da mesma palha. Ano: 1998.
46. CONJUNTO TRAJE SOCIAL. Conjunto criado especialmente para o Museu Dica Frazão. Matéria-prima: não identificado. **Vestido:** Longo, de seda, na cor verde musgo. **Blusa:** Renda recheliê na raiz do patchuli; **Chapéu:** Bordado na raiz do patchuli. Ano: 1998.
47. ARRANJO FLORAL DE CANARANA. Conjunto criado especialmente para o Museu Dica Frazão. Matéria-prima: flores coloridas extraídas do caule do capim canarana. Ano: 1998
48. ARRANJOS DE GIRASSÓIS. Conjunto criado especialmente para o Museu Dica Frazão. Matéria-prima: Flores em palha de milho e folhagens naturais. Ano: 1998
49. ARRANJO GALHOS DE ROSEIRAS. Conjunto criado especialmente para o Museu Dica Frazão. Matéria-prima: Rosas coloridas confeccionadas com penas de ganso, folhagens naturais com imitação da natureza. Ano: 1998

50. ARRANJO FLORAL. Conjunto criado especialmente para o Museu Dica Frazão. Matéria-prima: Flores de ingá com fibras de malva, folhagens naturais do ingazeiro. Ano: 1998
51. ARRANJO FLORAL. Conjunto criado especialmente para o Museu Dica Frazão. Matéria-prima: Flores coloridas no formato de dalias, em fibra de malva, folhagens de patas de vaca recicladas. Ano: 1998
52. ARRANJO DE CESTA. Conjunto criado especialmente para o Museu Dica Frazão. Matéria-prima: Cesta trançada em palha de junco, flores margaridas feitas da entrecasca da madeira. Ano: 1998
53. ARRANJO DE CESTA. Conjunto criado especialmente para o Museu Dica Frazão. Matéria-prima: Cesta em palha de junco, rosas em palha de milho, flores com caule da palha do açaí, palmas em formato de margarida de sementes de abóbora e flores da canarana; frutas de canarana. Ano: 1998
54. ARRANJO FLORAL. Conjunto criado especialmente para o Museu Dica Frazão. Matéria-prima: Rosas em palha de milho com detalhes marrom, favas campestres. Ano: 1998
55. INDIA TAPAJÓARA. Conjunto criado especialmente para o Museu Dica Frazão. Matéria-prima: **Saia:** palha de buriti, detalhes com desenhos indígenas tom de vinho. **Bustier:** Crochê na palha do buriti; **Bracelete longo e tornozeleira longa:** Em palha de buriti e penas; **Cocar:** Desenhos indígenas com plumagens; **Brinco e colar:** Sementes. Ano: não identificado
56. BONECAS DE CHEIRO. Réplica de bonecas confeccionadas para a 1ª Exposição Desfile no Teatro da Paz (Belém-Pará). Matéria-prima: Raiz de patchuli e cheiro do Pará. Ano: 1972
57. LEQUE PAINEL DE PAREDE – ENCANTO DO AMAZONAS – Réplica. Matéria-prima: Telado com caule de flores do campo. Decorado com pássaros da Amazônia. Palhetas de raiz de patchuli. Ano: 1996.

### III. Biografia

**RAIMUNDA RODRIGUES FRAZÃO**, conhecida nacionalmente e internacionalmente como **DICA FRAZÃO**, não é natural de Santarém, mas quando aqui chegou veio para ficar.

É filha de Manoel Franklin Rodrigues e Margarida Lopes Rodrigues. No período da 2ª Guerra Mundial foi obrigada a deixar sua Capanema, terra onde nasceu em 29 de setembro de 1920. Casada com Severino da Silva Frazão em 1940, seu marido era militar e foi transferido para

Santarém, aqui chegando em 09 de janeiro de 1943, em pleno efervescer da trágica guerra. Dessa união nasceram sete filhos: Paulo, Carlos, Terezinha, Maria da Conceição, Maria do Socorro, Maria Helena e Maria de Lourdes Rodrigues Frazão.

Vindo de navio com a família, desembarcou na catraia do Maia em frente a igreja de Nossa Senhora da Conceição, sua madrinha de batismo. Na Catedral, ajoelhada aos pés da Santa Madrinha, jurou aqui permanecer pelo resto da vida.

Dona Dica Frazão chegou como modista e só conhecia seu novo torrão através do livro escolar “Paleographo”, que da página 35 a 39 traçava leves pinceladas sobre a história de Santarém. Passou da moda para o artesanato quase por acaso, tendo seu trabalho ao longo dos anos reconhecido e divulgado pela grande imprensa nacional.

Seu artesanato há muito tempo ultrapassou as fronteiras do Pará, hoje viaja para todos os Estados brasileiros e exterior, principalmente Estados Unidos e Europa.

A metamorfose da modista para artesã aconteceu através de um sonho, sonho esse que transformou completamente sua vida profissional. Uma cliente trouxe-lhe penas de arara e pediu-lhe que fizesse duas rosas com as mesmas. Queria pregá-las em uma blusa para usar numa festa social.

Preocupada com a encomenda, pois nunca tinha trabalhado com penas, Dona Dica Frazão adormeceu pensando nas rosas. Adormeceu e sonhou! Sonhou que fazia um enfeite de parede que parecia um rabo de pavão, nascendo assim o artesanato santareno com a “griffe” Dica Frazão. Quem pode duvidar que foi Sua Santa Madrinha quem lhe mostrou o caminho da arte, maneira mais fácil de aqui fixar a afilhada, que na chegada jurara morar em Santarém até o fim de sua vida?

O rabo de pavão do sonho materializou-se em ventarolas que depois evoluíram para leques e a imaginação da noviça artesã nunca mais parou de criar.

O sonho representou o divisor de águas em sua vida e na do artesanato santareno. Antes do “enfeite de parede” o artesanato santareno se resumia praticamente às bonecas de pano e as cuias pintadas no mestre João Fona.

As primeiras encomendas surgiram do Rio de Janeiro em 1950, para onde a ventarola do sonho seguiu nas mãos de um turista ocasional, transformando-se no disseminador da criatividade

pulsante de Dica Frazão. Em Belém, quem primeiro descobriu o seu artesanato foi Altino de Brito Pontes, proprietário da perfumaria Flora, o antigo “Buraco Cheiroso” da Manoel Barata.

No início os fregueses eram obrigados a trazer as penas das aves para que fossem confeccionadas suas encomendas, porém essa fase durou pouco. Com a demanda pelo seu trabalho aumentando foi obrigada a procurar sua própria matéria-prima, passando a operar com material que ela mesma ia descobrindo, diversificando cada vez mais seu artesanato, De suas mãos começaram a surgir obras de arte em forma de toalhas, chapéus, redes, bonecas, leques, vestidos de luxo, flores, arranjos.

Em nome da ecologia as penas de arara, gavião, pavão e garça, suas preferidas, foram gradativamente substituídas por penas de paturi, patos, perus e gansos.

Chegou a criar mais de 400 aves domésticas em seu quintal, fonte de plumagem a abastecer sua fértil e inesgotável imaginação.

Foi a primeira artesã a utilizar a raiz do patchuli em seu trabalho. Depois vieram as folhas de tucum, buriti e açazeiro, fibra de caranã, malva, bambu, casa de taperebazeiro, cipó escada de jabuti, entrecasca de madeira, sementes de melão e melancia, tururi, e buçu. Esses são alguns dos produtos vegetais aproveitados pelas mãos abençoadas de Dona Dica Frazão.

Uma toalha executada em seu ateliê, adornada com flores de penas de ganso, flores de açazeiro e fibra de caranã, cobre uma das mesas usadas pelo Papa João Paulo II no Vaticano. A Família Real da Bélgica também possui peças do artesanato da artista santarena.

Agraciada com vários títulos e honrarias, um de seus grandes incentivadores foi o Governador Fernando Guilhon, que através do Estado facilitou a divulgação de seu trabalho promovendo uma exposição no Teatro da Paz, em 1972. Em 1975 Dona Dica Frazão participou do 1º Encontro de Artesãos da Amazônia, patrocinado pela SUDAM e, a convite do jornalista e historiador Carlos Rocque, da exposição PARATUR, em 1987.

O trabalho de Dona Dica Frazão é admirado por seu esmerado acabamento, variedade de cores e beleza estética, representando hoje um grande atrativo turístico para Santarém, a “Pérola do Tapajós”.

*Cristovam Sena.*

#### **IV. Curriculum Vitae**

##### 1. Dados Pessoais

Nome: RAIMUNDA RODRIGUES FRAZÃO

Data de nascimento: 29.09.1920

Filiação: Manoel Franklim Rodrigues

Margarida Lopes Rodrigues

Nacionalidade: Brasileira

Naturalidade: Paraense

Estado Civil: Viúva

##### 2. Documentos de Identidade

Carteira de Identidade: 933 - SEGUP - PA

CPF: 014.148.102-10

Título de Eleitor: 23098- 20º Zona

##### 3. Escolaridade:

Curso Primário: Grupo Escolar de Capanema 1931 a 1935

##### 4. Experiências:

- Trabalhou como modista em Santarém de 1943 a 1948.
- Em 1949 começou a trabalhar com artesanato em Santarém.
- Seus primeiros trabalhos foram flores de penas de pássaros, ventarolas e os famosos leques de raiz cheirosa de patichuli.
- Descobriu outros materiais da região (matéria-prima local).
- Confeccionou vários trabalhos de arte adquiridos por turistas, levando o nome de Santarém às mais distantes capitais do país e do exterior.

##### 5. Exposições:

- Semana de Santarém, realizada no Teatro da Paz, na capital do Estado do Pará - Belém, promovida pelo então Governador Dr. Fernando Guilhon. Período: 23 a 27 de outubro de 1972.

- No Tropical Hotel de Santarém com grande número de peças. Período: 13 de outubro de 1974.
- Por ocasião da visita do Presidente da República, o Exmo. Ernesto Geisel, sua digníssima esposa Dona Luci Geisel, sua filha Amália Geisel e comitiva. Período: 12 de outubro de 1978.
- Casa da Cultura de Santarém, promovida por uma equipe do Campus Avançado de Santarém. Período: 05 de dezembro de 1981.
- Paratur - Belém - Pará, convidada pelo presidente Carlos Rocque. Período: 16 a 26 de janeiro de 1987.
- Semana da Cultura Santarena - CENTUR - Belém - Pará. Período: 06 a 09 de outubro de 1987.
- Durante o V Torneio Internacional de Pesca ao Tucunaré . Período: 16 a 18 de setembro de 1988.
- IV Feira Comunitária de Artesanato de Porto Trombetas - Pará. Período: 03 e 04 de dezembro de 1988.
- VI Feira de Artesanato do Centro Cultural Konduri - Porto Trombetas - Pará. Período: 01 e 02 de dezembro de 1990.
- Casa da Cultura de Santarém, por ocasião da inauguração do ar condicionado da Casa. Período: 12 de março de 1991.
- Espaço Cultural do Banco do Brasil - Agência Santarém. Período: 27 a 29 de abril de 1994.
- IX FICAS (Feira da Indústria, Comércio e Artesanato de Santarém) - Promoção SEBRAE Santarém - Praça Barão de Santarém. Período: 14 a 18 de dezembro de 1994.
- XI FICAS (Feira da Indústria, Comércio e Artesanato de Santarém) - Promoção SEBRAE Santarém - Praça Barão de Santarém. Período: 11 a 14 de setembro de 1996.
- Nas dependências do Instituto Santareno de Ensino Superior de Santarém - ULBRA. Período: 18 de março de 1997.
- XII FICAS (Feira da Indústria, Comércio e Artesanato de Santarém) - Promoção SEBRAE Santarém - Praça Barão de Santarém. Período: 02 a 10 de agosto de 1997.
- SESC Santarém. Período: 25 de março de 1998.

## 6. Homenagens

- Certificado de Participação do Primeiro Encontro de Artesanato da Amazônia (ARTEAMA), realizado na capital do Estado do Pará, em Belém, promovido pela SUDAM. Período de 23 a 25 de setembro de 1975.
- Diploma de Honra ao Mérito pela Consagração Pública, título de Melhor Artesã do Ano. Promoção da Juventude Santarena - 23 de novembro de 1979.
- Título de Honra ao Mérito, pelo destaque na Sociedade Santarena no ano de 1981. Promoção da Juventude Santarena.
- Título de Cidadã Santarena. 15 de dezembro de 1987.
- Medalha Felipe Bettendorf. 22 de junho de 1987.
- Santarena Notável. Destaque na sociedade santarena 1981.
- Benção Apostólica Especial do Papa em 26 de maio de 1990.
- Medalha de Honra ao Mérito. Prefeitura Municipal de Santarém. 13 de novembro de 1991.
- Homenageada pelo Bloco Mocidade Independente da Turiano Meira. Tema: “Dica me dá a Dica” - fevereiro de 1996.
- Mãe da Arte Santarena, concedido pela Câmara Municipal de Santarém - 08 de setembro de 1996.
- Tema do carnaval da Escola de Samba “Deixa Falar”, Belém-Pará. Tema: “Divina Dica, Pérola de Santarém, Dádiva do Tapajós”. fevereiro de 1999.

## 7. Publicidade e Divulgações

- Revista Noite Ilustrada - 1975
- Revista Manchete - 02 de julho de 1977
- Revista Interior - 14 de dezembro de 1979
- Revista Observador da Amazônia - 08 de março de 1980
- Seus trabalhos foram divulgados pelos repórteres da Rede Globo de Televisão no Programa TV MULHER do dia 07 de novembro de 1981
- Revista Interior - Setembro/Outubro de 1984
- Revista Ver-O-Pará - Janeiro/Fevereiro de 1995
- Revista Casa Claudia - Dezembro de 1995
- Revista Quatro Rodas - Novembro de 1996
- Revista Macapá View - Ano II Edição nº 15 de Abril de 1998